PESQUISA PARTICIPANTE

:

**RELATO E AVALIAÇÃO
DE UMA
EXPERIÊNCIA**

FABIOLA ZIONI

PESQUISA PARTICIPANTE: RELATO E AVALIAÇÃO DE UMA EXPERIÊNCIA
FABÍOLA ZIONI

ERRATA

Página 132 último parágrafo: onde se lê técnica leia-se método.

Página 133 último parágrafo é substituído por:

Ao refletir sobre essas hipóteses o grupo recupera e critica sua história, participando ativamente do processo de análise sem ocupar o espaço do pesquisador/sociólogo: elaboração de hipóteses sobre o tema em estudo. Por outro lado, a Intervenção Sociológica reserva um papel central aos militantes/integrantes dos movimentos sociais, ou seja, discutir/aceitar ou rejeitar as interpretações dos analistas. Essa metodologia portanto, vai ao encontro das preocupações da pesquisa participante e das orientações teóricas que a inspiraram, assim como de outros métodos que respeitam "a fala do objeto" - métodos participativos/interativos que o transformam em sujeito.

FABIOLA ZIONI

**PESQUISA PARTICIPANTE:
RELATO E AVALIAÇÃO DE UMA EXPERIÊNCIA**

Tese apresentada à Faculdade de Saúde Pública da Universidade de São Paulo, para obtenção de título de "Doutor em Saúde Pública" - área de concentração: Serviços de Saúde.

Orientadora:
Prof. Tit. *Aracy Witt de Pinho Spínola*

SÃO PAULO
1994

***Para Thiago, Maria Leticia e
Maria Lucila, participantes
principais dessa permanente
pesquisa - a vida - com todo
meu amor.***

*Para minha mãe - Italia Zioni.
Em memória de meu pai,
Angelo Zioni.*

É longa a lista de agradecimentos, mas não é maior do que a minha gratidão.

À minha orientadora, Prof^a Aracy Witt de Pinho Spinola, cujo estímulo e compreensão não podem ser medidos.

Ao Prof. Arnaldo A. F. de Siqueira e à Prof^a Evelyn Naked de Castro Sá, pelo apoio, em diversos momentos da minha vida acadêmica.

Ao Prof. Rubens de Camargo Ferreira Adorno, pela colaboração, amizade e longa parceria.

Aos professores - Michel Wieviorka, Alain Touraine, Didier Lapeyronnie e Kristina Orfalli - que me receberam no CADIS - Centre d'Analyse et d'Intervention Sociologiques EHESS - Paris

Aos colegas e amigos: Ana Lúcia de Castro, Alberto Reis, Alfio Beccari, Cleide Lavieri Martins, Edilma Souza e Silva, Fernando Lefèvre, Elisa Rocha, Yara Takahashi Ferezin, Mara de Mello Faria, Marcelo Moralles, Marcia Furquim de Almeida, Maria Stella F. Levy, Rachel Martins Bueno, Regina Aparecida M. dos Santos, Sandra de Lucca, Sérgio da Silva e Yara Macedo, que, em diversos momentos e de diferentes maneiras, mas com igual afeição, colaboraram com esse trabalho.

Ao carinho e torcida de meus irmãos: Flávio, Cecília, Priscila, Silvana - assim como a meus numerosos e queridos sobrinhos e seus pais e, ainda, à solidariedade de Lucila e Joelmir.

À CAPES - Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior e ao CNPq - Conselho Nacional de Pesquisa, que financiaram esse projeto e meu estágio de doutorado no exterior.

RESUMO

Esse trabalho teve como objetivo refletir sobre uma experiência de pesquisa participante a partir de quatro eixos principais: verificar sua execução em relação aos princípios metodológicos da pesquisa participante, identificar suas possíveis contribuições para os Serviços de Saúde da área, verificar sua pertinência junto aos Movimentos Sociais da região, tanto no sentido de produzir um conhecimento autônomo como tendo em vista suas práticas e, finalmente, discutir o papel dos Movimentos Sociais no que diz respeito ao processo de aquisição de cidadania.

Desenvolvendo-se como um estudo de caso e utilizando dados de caráter qualitativo e quantitativo, o trabalho revelou que a pesquisa participante constitui-se como um recurso metodológico adequado à produção de conhecimento, à prática dos Serviços de Saúde e dos Movimentos Sociais. O estudo permitiu, também, perceber que a "cidadania" (conceitos e práticas) não está totalmente presente nas representações e discursos dos atores sociais.

S U M M A R Y

This study was undertaken for the purpose of reflecting an experiment in participation research along four main lines: the verification of its execution with regard to the methodological principles of participation research, the identification of its possible contributions to the Health Services in the area, the verification of its relevance to the Social Movements of the region, both with a view to producing autonomous knowledge as also with its practices in mind and, finally, the discussion of the role of the Social Movements with regard to the progress of the acquisition of citizenship.

Undertaken as a case study and employing data of a qualitative and a quantitative nature, the study shows that participation research is an adequate methodological resource for the production of knowledge and for the practice both of Health Services and of Social Movements. The study, further, permits the perception that "citizenship" (in terms of concepts and practices) is not fully present either in the roles represented or in the discourse of the social actors.

ÍNDICE

I. INTRODUÇÃO

1. O tema	1
2. A pesquisa participante no contexto teórico dos anos 70	1
3. A pesquisa participante no contexto latino-americano	9
4. A pesquisa participante: um esforço de definição	14
5. A pesquisa participante e a temática da participação e dos movimentos sociais na área da saúde	28
5.1. A fragilidade dos Movimentos Sociais e a pesquisa participante	31
5.2. Movimentos sociais - conceituação	32
5.3. Movimentos sociais e o pensamento sociológico brasileiro atual	38

II. A PESQUISA DO PARQUE PARAÍSO

1. Origens e desenvolvimento	46
2. Relato da Pesquisa do Parque Paraíso	50
a) Conhecimento e poder	50
b) Democratização de informações	54
c) O planejamento da Pesquisa	58
d) A execução da Pesquisa Participante	61

III. METODOLOGIA

1. O Estudo de Caso e a metodologia qualitativa na Avaliação da Pesquisa Participante	65
2. Descrição do Trabalho de Campo	69
3. O processo de levantamento e análise dos dados	71

IV. A PESQUISA PARTICIPANTE E O MOVIMENTO SOCIAL DE ITAPECERICA DA SERRA: UM ENSAIO DE INTERPRETAÇÃO	
1. Apresentação	75
2. Transcrição resumida dos depoimentos	76
3. Resumo comentado das entrevistas	91
4. Análise temática	108
V. CONSIDERAÇÕES FINAIS	128
VI. BIBLIOGRAFIA	134
VII. ANEXOS	
. Inventário Temático	141
. Roteiros de Entrevista	174
. Itapecerica da Serra	187

I - INTRODUÇÃO

1. O TEMA

Este trabalho refere-se ao relato e à avaliação de uma experiência de pesquisa participante propondo-se analisá-la como um processo social desencadeado numa determinada comunidade, envolvendo relações entre grupos sociais com diferentes expectativas e concepções em relação a ele.

2. A PESQUISA PARTICIPANTE NO CONTEXTO TEÓRICO DOS ANOS 70

As motivações que inspiraram experiências de pesquisa participante como recurso metodológico podem ser localizadas nos anos 70, entre intelectuais preocupados com a qualificação dos movimentos populares no sentido de produzirem um conhecimento autônomo sobre os problemas sociais e de aumentarem o nível de organização e a própria atuação desses movimentos⁽¹⁴⁾.

As principais influências teóricas sofridas por essa linha de pesquisa, além da tradição marxista e das possíveis leituras desse pensamento - no que se refere à prática política - apontam, também, para uma gama de autores europeus, significativos dessa época, cujos trabalhos procuraram dissecar, desnudar, os mecanismos recorrentes de manutenção de poder e/ou discorrer sobre dimensões, perspectivas e alternativas emancipatórias na vida social, (entre elas a questão dos movimentos sociais).

Esses autores tinham como preocupação a denúncia do processo de burocratização vivido pelas sociedades ocidentais e do "socialismo real" representado, principalmente pelos países do Leste Europeu, enquanto formas de manipulação e dominação sociais. Denunciaram também, a presença desses aspectos em nível do desenvolvimento científico e tecnológico. No contexto autoritário dos anos 70 na América Latina, cujas sociedades eram (e são) marcadas por extrema desigualdade, esses autores acabaram por inspirar os temas da mobilização e da participação como formas de romper estruturas de poder e caminhar para a autonomia.

Enquanto a leitura de Michel Foucault inspirava obras que apontaram o caráter manipulador e dominador das ciências e das práticas profissionais (principalmente

aquelas voltadas para uma intervenção no social ou nas práticas individuais, cotidianas, como a Medicina, o Serviço Social e a Saúde Pública), os autores da Escola de Frankfurt teriam inspirado a formulação de propostas de investigação que "privilegiam os sujeitos e suas ações"(3).**

De acordo com esse autor, a teoria crítica aponta como característica principal da sociedade industrial contemporânea a penetração progressiva e crescente da racionalidade em todas as esferas sociais, por meio do sistema burocrático estatal e do desenvolvimento de alta tecnologia - desde a produção de bens até a própria intervenção sobre a vida biológica - influenciando no comportamento da sociedade e na ampliação e eficiência dos mecanismos de poder.

Essa tendência iria de encontro à vocação primeira da sociedade capitalista industrial que, emancipando-se do mundo religiosos, dogmático e feudal, poderia ampliar os espaços de autonomia e emancipação social, ressaltando os aspectos iluministas da razão. O desenvolvimento de uma "ação relacional com relação a fins" típica dessa época desenvolveria uma ação técnica aplicada à produção em massa.

Considerando-se que a sociologia se desenvolve como processo de reflexão dessa sociedade, - "as ciências sociais seriam o produto de uma sociedade que se volta para si, que reflete para e sobre a vida cotidiana" - uma perspectiva crítica em sociologia mais do que procurar resolução de problemas deveria estar se posicionando em relação aos rumos sociais e implicações futuras das sociedades. Essa perspectiva de resistência à expansão da "razão instrumental" teria inspirado diversos movimentos de crítica cultural dos anos 60(3).

De acordo com a Teoria Crítica, a razão instrumental desenvolveria ações voltadas para o processo de produção, processo esse entendido como meio de atingir fins previamente determinados opondo-se ao terreno da reflexão, ao modelo de uma sociedade

** Em sua tese de doutorado, o sociólogo Rubens Adorno discorreu sobre as influências do pensamento de Foucault e da Escola Crítica sobre o pensamento social em saúde na produção teórica brasileira nos últimos anos, elaborando uma síntese bastante aprofundada e pertinente, síntese essa apoiada nas seguintes obras: ADORNO, T. e HORKHEIMER, M. *Dialética do Esclarecimento / fragmentos filosóficos*, 2ª. edição, Rio de Janeiro, Graal, 1986; COHN, G. *Sociologia (Grandes Cientistas Sociais)*, São Paulo, Ática, 1986; FOUCAULT, M. *Arqueologia do Saber*, Petrópolis, Vozes, 1972; FOUCAULT, M. *Microfísica do Poder*, Rio de Janeiro, Graal, 1977; FOUCAULT, M. *Vigiar e Punir*, Petrópolis, Vozes s/d; HABERMAS, J. *A nova intransparência*. Novos Estudos, CEBRAP, 18; HABERMAS, J. *Consciência Moral, Agir Comunicativo*, Rio de Janeiro, Tempo Brasileiro, 1989; HABERMAS, J. *Técnica e Ciência como ideologia*, Lisboa Edições 70, 1987.

que reflete sobre si mesmo. Assim, uma teoria crítica buscaria analisar a cultura tecnológica e as formas de comportamento e reprodução social da "sociedade industrial" a partir da ampliação do conceito de alienação de Marx. Esse conceito, aplicável ao trabalhador assalariado, seria estendido à totalidade social dado que a alienação como instrumento de dominação se efetuaria não só na esfera do processo de trabalho, mas, também, pelos meios de comunicação de massa, orientando o comportamento humano em vários níveis: sexualidade, família, formas de educação e saúde e, principalmente da própria ação do Estado. Essa reflexão da Teoria Crítica, popularizada nos anos 60 pelas obras de Marcuse, difundiria em nível político e de opinião pública, a idéia de que na sociedade tecnológica a ciência ampliaria seu aspecto de dominação, legitimando a repressão moral e sexual. Ainda dentro desta perspectiva, Adorno mostra como na "sociedade de consumo, o povo se auto realiza no seu conforto" o que é exemplificado pela noção de saúde como consumo de serviços e equipamentos⁽³⁾.

Assim, os movimentos sociais teriam como projeto e motivação constituir-se como pólo de resistência à sociedade tecnocrática, ao "establishment", desenvolvendo um conteúdo emancipatório em oposição à razão instrumental. Esses movimentos seriam constituídos por grupos à margem do sistema, exemplificados pelos habitantes das periferias urbanas, pelos prisioneiros; pelos países do Terceiro Mundo; pelos explorados, perseguidos e desempregados⁽³⁾.

Em recente artigo, Leonardo Avritzer⁽⁶⁾ sintetiza alguns pontos do pensamento de Habermas que podem contribuir para explicitar as possíveis influências desse autor na elaboração de propostas metodológicas de tipo pesquisa participante.

Para Habermas, em a Teoria da Ação Comunicativa, as "sociedades modernas se estruturam através de dois princípios societários distintos: a lógica estratégica do sistema que organizaria o mercado e o Estado e a lógica da racionalidade comunicativa que leva à organização da solidariedade e da identidade no interior do mundo da vida. A disputa do espaço social nos pontos de encontro entre sistema e mundo da vida constituiria a disputa política fundamental das sociedades contemporâneas. Esse espaço seria aquele que permitiria à sociedade defender-se dos processos de mercantilização da sociedade e burocratização das relações sociais. Para a Teoria da Ação Comunicativa existiria uma tensão entre o sistema (Estado e mercado, administração pública e produção capitalista, ciência e tecnologia) e o mundo cotidiano, o mundo da vida.

Reagindo contra esse processo de racionalização burocrática das estruturas interativas da sociedade, esta se organizaria nos movimentos sociais que representam temáticas de democratização das relações entre essas duas esferas, propondo que a lógica do mundo da vida tenha prioridade em relação à ordem sistêmica. Assim, a questão política contemporânea - assumida pelos Movimentos Sociais - seria a de impedir a colonização do mundo da vida pelo sistema: "os Movimentos Sociais constituiriam os atores que reagem à reificação e burocratização dos domínios de ação estruturados comunicativamente ... defendem a restauração das formas de solidariedade postas em risco pela racionalização sistêmica (6).

Ao apontar esse papel para os Movimentos Sociais e a partir da definição da ciência e tecnologia contemporâneas como portadoras de uma razão instrumental, Habermas ressalta a importância e a necessidade de que os atores sociais sejam capazes desta resistência contra o sistema: a razão comunicativa poderia instituir-se contra a razão instrumental através do diálogo entre "interlocutores linguisticamente competentes"(27.1) Essa preocupação com a competência linguística dos atores sociais pode encontrar paralelo com as preocupações que teriam inspirado as experiências de pesquisa participante na América Latina

Sobre esse assunto, um diálogo entre Fals Borda e Carlos R. Brandão(12), autores ligados à pesquisa participante, pode trazer outras informações.

Discorrendo sobre as correntes teóricas que teriam inspirado a pesquisa participante, Borda(12) tece algumas considerações sobre o Marxismo e a Teoria Crítica. Ressaltando a pesquisa participante como alternativa original de pesquisa, o autor recusa a influência de qualquer tradição acadêmica européia, "... nos otros nos habiamos leido nada de la Escuela de Frankfurt, por la sencilla razon de que estas obras sólo se comenzaron a traducir al inglés y frances (nada en español) hacia fines de la decada del 60 y en la del 70. Justamente creó que lo bonito de nuestro esfuerzo fue que no hubo_ necesidad de apelar a ninguna autoridad de la tradicion lhamada academica occidental para hacer esta aproximacion a la realidad própria ... " Apesar de negar uma influência direta, o autor reconhece alguns pontos em comum com Habermas como reconhecimento do papel destruidor da ciência tecnológica enquanto que outras formas de reconhecimento enfatizariam questões de valores, éticos, etc..

Em relação a essa polêmica, parece importante colocar que, embora alguns teóricos da pesquisa participante desconhecessem a Escola Crítica por ocasião das primeiras experiências deste tipo, esse desconhecimento não pode causar estranheza visto que estas experiências, nas suas origens, não estavam vinculadas ao ambiente acadêmico, universitário. Por outro lado, não se pode deixar de reconhecer que a pesquisa participante, enquanto uma forma de observar e pensar a realidade social, não poderia ficar totalmente alheia às questões colocadas por seu tempo e que, particularmente, acabaria por absorver, por outras vias e caminhos, preocupação que rondam toda a produção teórica da época: papel social do conhecimento, potencial destruidor da ciência contemporânea, caráter excludente das sociedades contemporâneas, necessidade de uma teoria social pós-marxista.

Dentre as possíveis influências é importante lembrar a contribuição do grupo Socialismo ou Barbárie que - desde meados da década de 40 até sua dissolução em 1966 contribuiu para a renovação teórico com as seguintes questões: crítica às concepções stalinistas e trotskistas na discussão política, análise da burocracia, reincorporação da leitura radical de esquerda na concepção de partidos políticos, discussão teórica da proposta de auto-gestão, crítica às propostas da sociologia francesa de influência americana (Touraine, por exemplo, segundo essa corrente) e ao próprio marxismo. Pesquisas e discussões teóricas nessa linha influenciaram linhas de pesquisa como a Análise Institucional que, sofrendo, também, a influência de Henri Lefèbre, orientou-se no sentido da análise e crítica da vida cotidiana(39).

Em relação à pesquisa participante, a contribuição do grupo de Castoriadis e da linha de análise institucional talvez tenha sido a perspectiva de desenvolvimento de pesquisa de campo em nível micro (tempo e espaço) que não deixam de se reportar a estruturas mais gerais (como instâncias políticas e de poder) que se reproduzem nas relações sociais cotidianas.

Essas estruturas e instâncias de poder tem sido combatidas pela pesquisa participante em duas frentes de batalha: no campo do saber - via produção coletiva e popular do conhecimento e no campo da prática - via participação em movimentos sociais que se dirigem à transformação de práticas sociais - e institucionais - de dominação.

Além dessas tradições teóricas que apontam para novos atores sociais - os excluídos, os marginais - o pensamento de Gramsci, também, pode ser incluído como

inspirador desse tipo de pesquisa.

Ao contrário da tradição marxista-leninista de concepção de Sociedade e Estado, Gramsci não considerava o Estado como momento exclusivo da coerção e da violência, um bloco monolítico de poder e força, mas a entende subdividido em duas esferas: "a sociedade política", na qual se concentra o poder repressivo da classe dirigente (governo, tribunais, exército); a "sociedade civil", constituída pelas associações ditas privadas (igrejas, escolas, partidos, sindicatos) na qual esta classe busca obter o consenso dos governados através da difusão de uma ideologia unificadora⁽³⁴⁾.

Para produzir esse consenso, a classe dominante precisa permitir que, em nível da sociedade civil, haja uma circulação de contra-ideologias até que a sua se torne hegemônica, transformando em universal uma determinada forma particular de encarar a vida. Essa forma deve, por sua vez, ser incorporada pelas classes subalternas em nível de senso comum.

Toda sociedade (com exceção daquelas em situações ditatoriais) vive esta contradição, que consiste no fato de que, para obter hegemonia, a classe dominante precisa - mesmo ilusória ou limitadamente - conceder momentos de liberdade. É neste momento de liberdade que os intelectuais orgânicos das classes trabalhadoras devem se apropriar das instituições da sociedade civil e, questionando o senso comum, promover a hegemonia de ideologias inovadoras. Nesse contexto de circulação de contra-ideologias estariam dadas as condições sociais para experiências do tipo pesquisa participante.

Vale lembrar, ainda, que a concepção de "intelectual", em Gramsci, é coincidente ou inspiradora da posição dos teóricos da pesquisa participante, segundo a qual as populações e os indivíduos produzem conhecimento sobre a realidade tão válido ou mais adequado do que aquele produzido nas academias, o que aponta para uma reflexão sobre a relação entre "saber popular" e "saber científico", reflexão essa assumida pela pesquisa participante.

Dentro do panorama teórico e político dos anos 70, a crítica à ciência como forma de manipulação e poder, encontra-se bastante desenvolvida no pensamento de Michel Foucault que se preocupa em reconstruir a formação das ciências através de seus elementos discursivos. Nesse processo de reconstrução por ele denominado "Arqueologia do Saber" identificar-se-ia a relação bastante estreita entre saber/poder estabelecida no pensamento

ocidental, em que o conhecimento se identifica com a técnica e essa com as normas de sociedade. A história das disciplinas científicas como a Psicologia, a Medicina e a Psiquiatria, mostram que seu discurso é entendido e legitimado com o científico quando passam a olhar, a discorrer sobre uma forma específica de normatividade para o corpo, para o comportamento, para a moral⁽³⁾.

No Brasil, a leitura de Michel Foucault inspirou uma crítica ao caráter disciplinador e normativo das instituições de saúde. A partir dessa crítica desenvolveu-se um movimento no sentido da renovação e democratização das práticas de saúde, da busca de estratégias participativas em trabalho social e de saúde, entre elas, a pesquisa participante que passa a ser vista como recurso educativo e democrático em oposição as propostas de educação sanitária desenvolvidas desde a década de 20. Outra possível contribuição da pesquisa participante seria a possibilidade de se produzir um conhecimento que não se articulasse com estratégias de dominação e manutenção do poder.

Essa nova maneira de produção do conhecimento segundo as propostas de pesquisa participante, consistiria em se estabelecer uma situação de pesquisa em que o objeto da investigação participaria de todo o processo, tornando-se sujeito do conhecimento. Desta maneira estaria se desenvolvendo uma estratégia para "desmontar" a articulação entre saber e poder e se caminhar no sentido da emancipação, da autonomia e se propondo uma alternativa de pesquisa em Ciências Sociais que incorporasse, às inquietações dos anos 70, as críticas ao modelo positivista de Ciências Sociais assim como uma tradição de pesquisa antropológica baseada na valorização da "fala" do objeto, a fim de se analisar as relações sociais de determinados grupos a partir dos seus componentes culturais.

Segundo Sawaya (49) na área da Educação, a pesquisa participante apresentou-se como uma alternativa pedagógica e investigativa, inspirando-se nas experiências de Paulo Freire. Dentro da perspectiva de crítica ao positivismo e na vertente educativa autores como Michel Thiollent, Carlos Roberto Brandão, Marlene Goldstein, Elza Lobo são considerados os mais significativos no contexto brasileiro. No que se refere à América Latina, África e a algumas experiências européias dos anos 70, a autora cita Fals Borda e Lopes de Cebellos, voltados para preocupação antropológica.

Para todos esses autores a pesquisa participante deveria ser encarada como metodologia que superasse na prática a concepção de ciência abstrata e neutra e pudesse

operacionalizar o conhecimento enquanto prática comprometida com a realidade investigada, isto é, a prática dos movimentos⁽³⁷⁾. As definições e experiências de trabalho em pesquisa participante, de autoria de Thiollent e Brandão, que serão apresentadas a seguir, adotam esse ponto de vista.

3. A PESQUISA PARTICIPANTE NO CONTEXTO LATINO-AMERICANO

Propondo-se a inverter a relação dicotômica entre sujeito e objeto e apontando de um lado, para os limites do conhecimento produzido por pesquisas desenvolvidas dentro desse enfoque e, de outro lado, para a possível manipulação do dados através dessas investigações, Thiollent elege a pesquisa participante como uma das estratégias capazes para enfrentamento do problema (54).

Para alcançar tal objetivo o autor recomenda a apropriação do saber científico pela população que seria co-responsável pelo planejamento e execução de todos os passos da pesquisa social a ser desenvolvida em relação a seus problemas.

De acordo com Thiollent e Brandão(13,54) os investigadores acadêmicos e/ou técnicos dos serviços deveriam integrar-se à população de uma determinada região em que se estivesse implantando um processo de reivindicação ou de discussão sobre problemas da área, ou mesmo a um movimento social mais organizado. Dado esse primeiro passo, esses investigadores deveriam explicitar sua proposta e, junto com a população, estabelecer os problemas a serem investigados assim como as formas e os passos necessários para a produção do conhecimento.

Desta maneira instalar-se-ia um processo pedagógico e de troca de informações em que os pesquisadores forneceriam informações sobre os vários métodos de conhecimento científico que, integrados à experiência de vida da população, permitiriam o delineamento da pesquisa participante.

Segundo esse ponto de vista a pesquisa participante se oporia às outras formas de pesquisa social, entre outros motivos, porque incorporaria o objeto do estudo como sujeito do conhecimento e, principalmente, porque pretenderia a integração do conhecimento desenvolvido pela população (baseado na experiência, na vivência e no patrimônio cultural) com o conhecimento de tipo científico baseado numa maneira definida de se observar a realidade.

Ao se deter nessas propostas percebe-se que, para esses autores, a pesquisa participante corresponderia a uma proposta extremamente renovadora em pesquisa social além de pretender a resolução de questões sempre presentes nas Ciências Sociais:

- ênfase na atividade prática, no caráter e finalidade social do conhecimento,
- crítica aos princípios positivista de neutralidade na pesquisa social,
- compromisso com grupos e movimentos sociais definidos como explorados ou segregados ou excluídos.

Ao estudar essas questões Sawaya⁽⁴⁹⁾ considera que esses itens têm sido incorporados - de diferentes maneiras - por diversas tradições do pensamento sociológico. Para a autora o conhecimento da realidade social como forma de subsidiar, a intervenção prática está presente nas Ciências Sociais desde suas origens positivistas, quando Comte, no "Cours de Philosophie Positive" propunha "conhecer para prever, prever para controlar". Na tradição marxista o conceito de "praxis" vincularia o conhecimento às imposições da ação. No caso brasileiro todo o esforço da sociologia desde a década de 50 até recentemente teria sido voltado para a questão da política desenvolvimentista.

Vale lembrar ainda, que a Teoria Crítica, nos anos 70, apontava para uma sociologia que, antes de resolver problemas, se interrogasse sobre os rumos e aspirações de sociedade. Seria a pesquisa participante capaz de se desenvolver nesse sentido, já que abraça, com a teoria crítica, preocupações emancipatórias?

Combater a suposta neutralidade do conhecimento científico não corresponderia, ainda segundo Sawaya⁽⁴⁹⁾, a um ineditismo da Pesquisa Participante, visto que, desde a incorporação do Marxismo pela Sociologia, essa questão pareceria suficientemente desmistificada. A autora lembra, ainda, que o compromisso com as classes "subalternas", "exploradas", "excluídas" ou "marginais" - de acordo com diferentes correntes sociológicas, corresponderia a uma "originalidade que é patrimônio das Ciências Humanas tanto na vertente conservadora como também e principalmente na vertente revolucionária".

Para caracterizar a pesquisa participante, Sawaya⁽⁴⁹⁾ considera necessário referir-se a algum dados históricos. Localiza na mentalidade libertária dos movimentos sociais desenvolvidos a partir do pós-guerra e principalmente nos anos 60, o terreno fértil para o desenvolvimento das idéias de pesquisa participante. No Brasil, teria sido adotado por militantes ligados à Igreja Católica Progressista, um dos poucos espaços de crítica na conjuntura repressiva dos anos 70/80. Teria como inspiradores os trabalhos de Bonilla⁽¹⁰⁾

assim como as propostas de Paulo Freire⁽³³⁾, identificáveis sob o título de "Pedagogia do Oprimido", que entendem a Educação como algo diferente de um depósito de conhecimento feito pelos que sabem em relação aos que não sabem e definem a pesquisa como direito de quem não teve acesso ao saber de participar de uma investigação que lhe diz respeito.

Sawaya⁽⁴⁹⁾ lembra, ainda, ao colocar alguns momentos vividos pela Pesquisa Participante no Brasil, que essas experiências refletem tanto expressões de contestação como de legitimação do "status quo". Com essa afirmação a autora refere-se a um projeto de Desenvolvimento de Comunidade em Natal (RN) que, por volta dos anos 60 tinha como finalidade combater as ligas camponesas. Por outro lado, nessa década, a crítica à Teoria de Dependência se estende ao papel desenvolvido pelas Ciências Sociais para a incorporação de programas desenvolvimentistas. Ao se criticar essa "ciência colonizada" - nos termos da autora - enfatiza-se a criação de um processo coletivo de produção do conhecimento que a autora localiza nas experiências de tipo vanguardista e/ou catequético como os Centros Populares da Cultura.

Ainda de acordo com Sawaya⁽⁴⁹⁾, pelos meados da década de 70 assiste-se ao ressurgimento de movimentos sociais promovidos pelos setores populares e a Igreja Católica. Essas formas de organização e mobilização popular utilizavam como método de conscientização e arregimentação experiências de Pesquisa Participante. Assim, seria através dos movimentos populares que a pesquisa participante teria se desenvolvido no Brasil. Esse dado histórico explicaria uma incorporação com pouca discussão teórica, assim como o distanciamento dessas pesquisas em relação aos meios acadêmicos. Para Sawaya⁽⁴⁹⁾, uma das experiências que teriam originado a pesquisa participante foi desenvolvida por Fals Borda⁽¹¹⁾, nos anos 60, na Colômbia, em zona rural, visando recuperar, através de Histórias de Vida, a história do movimento de trabalhadores rurais. Após o trabalho de campo foi elaborada uma cartilha para divulgação dos dados junto à comunidade. Esse processo teria propiciado a emergência de lideranças populares que se envolveram na pesquisa.

A incorporação de conceitos marxistas-leninistas por essas experiências teriam levado ao entendimento da pesquisa participante como "modo histórico de concretizar a preocupação em se colocar a ciência a serviço da Revolução"⁽⁴⁹⁾. Ainda que bastante envolvida com questões políticas e sociais, apresentando uma discussão teórica insuficiente e com pouca aceitação ou visibilidade nos meios acadêmicos, esse tipo de pesquisa social

encontrou bastante terreno para se desenvolver mesmo fora do contexto latino-americano conforme se verifica através do levantamento de encontros internacionais ocorridos durante cerca de dez anos.

Encontros Internacionais

1977 - Toronto (Canadá) nesse evento foram discutidas questões teóricas como a Pesquisa Participante enquanto opção teórico-metodológica nas ciências sociais ou como alternativa metodológica instrumental.

1977 - Cartagena - discussão da Pesquisa Participante como método de investigação, processo educativo, método de ação.

1980 - Iugoslávia - II Fórum Internacional de Investigação-Ação. Nessa reunião é enfatizado o polo-ação desse tipo de projeto, sob o título "A Pesquisa Participante e o Desenvolvimento".

1982 - Cidade do México - II Fórum Internacional de Investigação-Ação. Nesse Fórum a ênfase recaiu sobre o aspecto teórico-metodológico.

1984 - Brasil - III Semana de Investigação Ativa: Nessa reunião - sob o nome de Investigação Ativa a Pesquisa Participante consolida-se como recurso de movimentos populares para auto-conhecimento, ressalta-se o lado político da pesquisa participante, assim como a necessidade de se aprofundar a fundamentação teórica no sentido, inclusive, de romper traços positivistas ainda presentes em alguns projetos.

A análise desses encontros revela que a oposição teoria/prática ainda não estaria resolvida pela pesquisa participante, assim como também não teriam atingido maior clareza questões como referências teóricas e a definição de sua vocação: ação política ou recurso de investigação social, recurso de militantes de partidos, sindicatos, movimentos populares ou método de educação popular.

De acordo com Borda⁽¹²⁾, a pesquisa participante pode ser interpretada como um "grito de independência" inspirado na ruptura com a "autoridade traduzida do alemão,

do inglês e do francês" para explicar a realidade latino-americana, ruptura essa propiciada, originariamente, pela Teoria da Dependência que teria ousado, pela primeira vez, uma "interpretação independente da problemática latino-americana ... enraizada em nossa realidade". Esse grito de independência teria sido reforçado, também, por uma leitura não dogmática do marxismo, pelas experiências do trabalho educativo de Paulo Freire, principalmente no que diz respeito à possibilidade de se estabelecer uma relação dialógica entre sujeito-objeto. Essas inspirações permitiriam que, a partir de técnicas antropológicas - como a observação participante - fossem elaboradas as principais diretrizes da pesquisa participante.

Ainda segundo Borda (12), a pesquisa participante se caracterizaria pela ruptura com paradigmas clássicos, pela criação de uma maneira de ver a realidade que romperia com métodos das ciências naturais, com as idéias de neutralidade e apontaria para um paradigma de ciência baseado no conhecimento popular, no compromisso político, na transformação e criação de uma nova sociedade, com forte influência do pensamento marxista.

Para Brandão, porém, esse movimento não significou a criação de um novo paradigma totalmente oposto à investigação tradicional, acadêmica. Para ele, a pesquisa participante seria "uma atitude comprometida do investigador" não necessariamente oposta "- em si mesma - à teoria e métodos do estruturalismo, do marxismo, ou das teorias da simbologia fenomenológica em antropologia ... Creio que se possa fazer experiências concretas de investigação com compromisso popular utilizando qualquer uma dessas outras teorias"(12).

4. A PESQUISA PARTICIPANTE: UM ESFORÇO DE DEFINIÇÃO

Conforme Sawaya(49), percebe-se que "não existe uma maneira de definir pesquisa ação participativa - uns enfatizam o lado metodológico, outros seu aspecto educativo, outros, ainda, o planejamento social e, o que é mais grave, segundo quadros distintos. Não se encontra unidade no significado relativo ao método, à técnica, à teoria e nem mesmo à concepção político metodológico. Observa-se nela tanto a expressão de contestação como de legitimação do 'status quo'".

Para a autora, a pesquisa participante pode ser entendida como fruto de duas vertentes: educativa e social militante, ambas ligadas à emergência de diferentes movimentos da sociedade civil dos países da América Latina sob regime autoritário, visando participação política em relação a um Estado autoritário e excludente assim como preservar sua autonomia. Nos países centrais - sem problemas de subsistência ou de cerceamentos políticos teria sido incorporada por grupos minoritários para resolver questões de identidade e superar discriminação. Essas diferentes origens poderiam explicar diferentes estilos assim como as diferentes denominações:

- *Investigação - Ação* - baseada em projeto de educação sindical organizado por Fals Borda(11), nos anos 60, em área rural colombiana, visando recuperar a história do movimento; tinha como proposta a conscientização política da população, sem vínculo partidário ou compromisso com determinada classe popular e utilizava conceitos inspirados no marxismo de orientação maoísta.
- *Investigação - Militante* - diferencia-se da anterior por ter como eixo central da pesquisa o compromisso político partidário.
- *Pesquisa Participante, Investigação Participativa* ou *Pesquisa Ação* - corresponderia a uma síntese das anteriores, enfatizando a produção coletiva do conhecimento, a participação da população em todas as etapas da pesquisa, o que implicaria no respeito ao saber popular e à capacidade de captar o fenômeno analisado e na democratização da relação pesquisador/pesquisado. Difere de uma ação militante na medida em que os grupos pesquisados não são necessariamente vinculados a um partido. Pode ser entendida, ainda como um modo de pesquisa social que busca a plena participação da comunidade na análise de sua própria realidade com o objetivo de promover transformação social em seu

próprio benefício. Apesar da ênfase na atividade investigativa ele é atividade educativa e de ação política, processo de pesquisa que, quando usado pelo povo, poderia conduzi-lo a uma conscientização que, por sua vez, possibilitaria uma prática política organizada e transformadora. Revela uma concepção humanista mais cristã do que marxista ao ressaltar valores como compromisso com humildes, eliminação da opressão, solidariedade. As experiências européias seriam mais orientadas no sentido de um processo educativo para auto-desenvolvimento sem necessariamente refletir sobre a questão da dominação.

- **Pesquisa - Ação:** propostas de organização da investigação em torno de uma ação, com objetivos metas e meios estabelecidos; enfatiza a ação e a urgência dos problemas e desenvolve-se em termos de militância política e cultural.

Considerando o projeto desenvolvido em sua tese de doutorado assim como as diferentes modalidades de pesquisa participante, a Sawaya(49) elabora a seguinte definição:

- **Pesquisa Ação Participante** - deve ser entendida como uma opção metodológica nas Ciências Sociais, comprometida com uma perspectiva de trabalho social, à luz da dialética materialista. Assim sendo seria diferenciada do estilo de Pesquisa Participante entendida como técnica instrumental de intervenção em situações problemáticas, numa perspectiva positivista e conservadora de administração de conflitos, inspirada no modelo de pesquisa ação dos anos 40/50.

A vinculação da pesquisa participante exclusivamente ao referencial teórico do materialismo histórico não foi compartilhada pelos integrantes do projeto do Parque Paraíso - ora em estudo- nem por autores como Thiollent(40): "A pesquisa ação é um tipo de pesquisa social com base empírica que é concebida e realizada em estreita associação com uma ação ou com a resolução de um problema coletivo e no qual os pesquisadores e os participantes representativos da situação ou do problema estão envolvidos de modo cooperativo ou participativo".

Para o autor essa definição é útil porque não limita esse tipo de pesquisa a um determinado engajamento político ou às questões de um determinado grupo, nesse sentido aproxima-se da posição de Brandão que valoriza a utilização de todos os recursos e diferentes contribuições teóricas para a apreensão da realidade assim como não invalida a

contribuição do conhecimento "científico", "acadêmico" para a transformação social. Não concorda em "negar toda la contribucion de las ciências sociales y de las ciências pedagógicas, intentando partir de una espécie de punto cero para construir desde allí una ciência popular"(12).

Segundo Throllent(56), o que distinguiria a pesquisa-ação de pesquisa participativa é o fato de que a primeira tem, como objetivo contribuir para o desenvolvimento de uma ação não rotineira, como o lançamento de um jornal por organizações populares ou sindicais ou, em outros, contextos - como uma organização técnico-empresarial- desbloquear a circulação de informações.

Essa distinção é considerada necessária pelo autor porque a pesquisa participativa não é, necessariamente, pesquisa-ação dado que, em alguns casos, essa metodologia referir-se-ia às experiências de observadores participantes ou a casos em que a participação é sobretudo "participação dos pesquisadores e consiste em aparente identificação com os valores e os comportamentos que são necessários para sua aceitação pelo grupo considerado"(54).

Dado um dos objetivos desse trabalho - refletir sobre uma experiência de pesquisa realizada por integrantes do movimento de saúde, técnicos dos serviços de saúde e professores universitários em Itapecerica da Serra - essa distinção não é considerada. Aceita-se o termo pesquisa participante como designativo dessa experiência dado que se inspirou na tradição latino-americana.

De acordo com essa tradição, esse procedimento foi incorporado enquanto contribuição política e teórica para a questão dos movimentos sociais, não se tratando de experiências de tipo administrativo ou de desenvolvimento de recursos humanos e comunicação em empresas, nem de pesquisas desenvolvidas por observação participante.

Para proceder a uma definição do que seria a pesquisa participante, foram selecionados autores cujas obras discutem os pontos centrais e mais definidores da pesquisa participante na dimensão que interessa a esse trabalho e que podem ser sintetizados da seguinte maneira.

4.1. Crítica ao modelo positivista.

4.2. Conceitos e caracterização.

4.3. Intencionalidade e objetivos.

4.4. Fundamentos teóricos, aspectos metodológicos e modalidades de pesquisa participante

- a pesquisa participante como novo paradigma
- a pesquisa participante do ponto de vista do referencial teórico e do status científico

4.1. Crítica ao modelo positivista

De acordo com vários autores estudados e que serão apresentados a seguir, a pesquisa participante propõe-se como alternativa metodológica em relação a pesquisas sociais identificadas por eles como de inspiração positivista.

Para Borda⁽¹¹⁾ a Sociologia não poderia pensar em termos dos princípios de causalidade vigentes nas Ciências Naturais ou Exatas porque lida com categorias ontológicas distintas daquelas que são objeto dessas ciências. O objeto de Sociologia, o material básico das Ciências Sociais diz respeito a elementos condicionados por tendências passadas e de caráter político; as Ciências Sociais não lidam com um universo homogêneo, com destinos marcados, por isso a necessidade de uma ciência com substrato cultural, qualitativo e não só quantificação estatística.

Segundo Freire⁽³³⁾ o conhecimento parte da percepção da realidade concreta, sendo que para uns, essa realidade concreta se reduziria ao conjunto de dados materiais e para outros a realidade se apresentaria como fatos ou dados tomados em si mesmo. Para o autor a realidade concreta deve ser entendida como todos os fatos e todos os dados mais a percepção que deles esteja tendo a população envolvida. Assim, a realidade consistiria numa dinâmica entre objetividade e subjetividade. A objetividade e a neutralidade - como características e exigências da pesquisa científica - preconizadas pelo positivismo é um dos pontos mais atacados pelos autores estudados.

De acordo com Demo^{(26)*}, cuja crítica ao positivismo se apresenta como a mais radical, a transposição do modelo de pesquisa experimental para as Ciências Sociais permitiria uma simplificação excessiva da realidade. Considera também que não existe neutralidade nem objetividade no conhecimento, porque as Ciências Sociais são "intrinsecamente ideológicas" dado que o objeto dessas ciências- a realidade social- é

* Pedro Demo, entre todos os autores citados nessa capítulo, foi o único que não se envolveu pessoalmente em projetos de pesquisa participante e as afirmações citadas nesse trabalho foram obtidas em seus livros de metodologia.

histórico, portanto carregado de ideologias. Para o autor a ciência estaria ligada a um projeto pequeno-burguês baseado na distinção excludente entre trabalho manual e intelectual sendo que as Ciências Sociais teriam, necessariamente, um conteúdo de legitimação dos grupos dominantes. Apesar dessa característica poderiam, também, transformar-se em arma do oprimido.

No tocante à questão da ideologia, Demo considera que às Ciências Sociais caberia a importante tarefa de controle metodológico da ideologia que se faria entre outros aspectos, através da própria explicitação do caráter ideológico das ciências. Essa atitude permitiria a distinção entre afirmações ideológicas (no sentido de visão falseada da realidade) e afirmações de caráter científico.

Thiollent⁽⁵⁷⁾ considera que nas Ciências Sociais não existiria neutralidade e que, a objetividade seria relativa, visto que o conhecimento consistiria em aproximações sucessivas à realidade, aproximações essas relacionadas com perspectivas de mudanças ou de transformações e envolveria pressupostos teóricos e práticos variantes segundo interesses sociais e políticos e que se colocariam inevitavelmente no ato de conhecer.

As pesquisas de opinião serviriam de exemplo à posição do autor visto que conceberiam o sujeito como capaz de opinar sem envolvimento ideológico ou afetivo com o objeto em estudo e sem considerar o acesso diferenciado às informações. Ao criticar pesquisas de opinião e sondagens eleitorais, tanto por não atingirem a realidade, como (e por causa disso) por manipularem ideologicamente o objeto investigado, acaba por apontar outras soluções metodológicas como a entrevista aberta e a própria pesquisa participante ou pesquisa ação⁽⁵⁶⁾.

Nessa linha, Brandão⁽¹³⁾ advoga que a separação operada pelas pesquisas sociais empíricas, entre o sujeito e o objeto, representa limites do modelo positivista sendo necessária a busca de novas alternativas, novas modalidades de pesquisa. Essa separação representaria a separação entre o "lado popular"* dos que são pesquisados para serem conhecidos e dirigidos e o "lado científico técnico, profissional"* de quem produz o conhecimento, determina o processo e dirige o "povo"* em seu próprio nome.

Além de limitado esse método impediria que aqueles cujas vidas são

* Aspas do autor.

conhecidas sejam reconhecidos por si mesmos a fim de atuarem sobre sua situação. Ainda de acordo com Brandão⁽¹⁴⁾ o conhecimento produzido academicamente é codificado de acordo com regras de objetividade do mundo universitário e estabeleceria uma desigualdade entre investigador e investigado e mesmo uma forma de controle por ser construído somente a partir da lógica do pesquisador.

Outro autor pesquisado Borda⁽¹¹⁾, também investe contra os pressupostos positivistas de objetividade e neutralidade assim como contra a transposição da noção de verificação científica das Ciências Naturais para as Sociais considerando que esse procedimento não ocorreria na investigação social porque o observador faz parte do universo social, a separação entre sujeito e objeto proporcionada pelas técnicas empiricistas representaria relações assimétricas e exerceria um papel de repressão e controle das classes populares.

O objeto de estudo das Ciências Sociais - o homem e suas relações - exige, assim, um tratamento metodológico que não pode se resumir às técnicas inspiradas em outras ciências que se resumiriam em descrever as evidências externas de um fenômeno: "... a ciência seria supérflua se a aparência externa e a essência das coisas coincidissem"⁽⁴²⁾. A questão da objetividade nas Ciências Sociais tem encontrado vários debatedores além dos autores vinculados à pesquisa participante.

A discussão metodológica em Ciências Sociais tende a levar a uma visão diferente da ciência como tradutora privilegiada e neutra da realidade. Isto porque, além do caráter histórico-social do processo de conhecimento em Ciências Sociais, a questão do próprio objeto de estudo da Sociologia e das demais ciências encontra-se na raiz dessa crítica.

Sendo a realidade social algo histórico e em constante modificação e dado o fato de que o investigador está em profunda relação com o objeto de sua investigação, as hipóteses que ele formula, o problema que ele seleciona, a teoria e os métodos que ele emprega para realizar os estudos são definidos pela maneira própria do investigador encarar a realidade social.

Discorrendo sobre as diferenças entre ciências Sociais e Ciências Naturais

(24), Da Matta afirma que "a matéria-prima da "Ciência Natural"* é todo o conjunto de fatos que se repetem ... podem ser vistos, isolados e assim reproduzidos dentro de condições de controle razoáveis, num laboratório ...". Enquanto que "... nos eventos que constituem a matéria-prima do antropólogo, do sociólogo, do historiador, do cientista político, do economista e do psicólogo, não é fácil isolar causas e motivações exclusivas ... A matéria-prima das "Ciências Sociais"* assim, são eventos com determinações complicadas e que podem ocorrer em ambientes diferenciados tendo, por causa disso, de mudar seu significado de acordo com o ator, as relações existentes num dado momento... Os fatos que formam a matéria-prima das "ciências sociais"* são, pois, fenômenos complexos, geralmente impossíveis de serem reproduzidos, embora possam ser observados. Podemos observar funerais, aniversários, rituais... mas, além de não podermos reproduzir tais eventos temos de enfrentar a nossa própria posição, história bibliográfica, educação, interesses e preconceitos. O problema não é o de somente reproduzir e observar os fenômenos, mas substancialmente o de como observá-lo".

Além dessa questão, o autor(24) ressalta o problema de que nas "Ciências Sociais" trabalhamos com fenômenos que estão bem perto de nós... A raiz da diferença entre "Ciências Naturais e Ciências Sociais"* fica localizada, portanto, no fato de que a natureza não pode falar diretamente com o investigador, ao passo que cada sociedade humana conhecida é um espelho onde nossa própria experiência se reflete".

4.2. Conceitos e caracterização

Diante da posição assumida pelos autores citados, posição essa de negação dos princípios positivistas poder-se-ia supor uma adesão aos princípios da pesquisa participante. Essa adesão ocorre de fato mas não de maneira acrítica.

Demo(26), um dos autores mais caústicos em relação aos pressupostos positivistas não o é menos em relação à pesquisa participante. Segundo esse autor, os aspectos conceituais mais significativos seriam os que se seguem:

* Aspas do autor.

* Aspas do autor.

* Aspas do autor.

* Aspas do autor.

- 1) privilegiamento da relação prática com a realidade social como forma de descoberta e de intervenção;
- 2) compromisso ideológico-político com o objeto de pesquisa em função do qual se desfaz a condição de objeto passando a constituir-se como instrumento do processo;
- 3) gênero de pesquisa que não substitui outros mas se coloca como crítica em relação aos demais;
- 4) pesquisa prática que procura que a comunidade assuma seu próprio destino;
- 5) identificação ideológica com grupo estudado por parte do pesquisador.

Uma modalidade de pesquisa assim definida caracterizar-se-ia pela identificação entre sujeito e objeto e pela identificação do processo de descoberta da realidade com a prática política. Desse ponto de vista, as características da pesquisa participante descartariam a idéia de ausência de valores e ainda intencionalidade na pesquisa*. Para esse autor, ao assumir uma intencionalidade e um conteúdo ideológico, este tipo de pesquisa estaria viabilizando a possibilidade de controle da dimensão ideológica de toda atividade de conhecimento.

Apesar de destacar a potencialidade da pesquisa participante - democratização do saber, aperfeiçoamento do diálogo, explicitação da dimensão ideológica na ciência - o autor considera que, no seu atual estágio, as experiências de pesquisa participante tem apresentado um grande número de problemas: falta de discriminação entre a dimensão participativa e a de pesquisa, utilização inadequada "mediocre"* e por vezes abusivo do método.

Para Brandão⁽¹⁴⁾, optar pela pesquisa participante não significa descartar-se de outras experiências mas tão somente desenvolver novas alternativas visto que a pesquisa participante não provem de um único método e não deve pretender substituir o que equivocadamente, tem sido chamado de "pesquisa tradicional". Sua posição contrapõe-se àquela por ele denominado de "triumfalismo participante"* . Por não superestimar a pesquisa

* Para fins da exposição a questão da intencionalidade e da objetividade aparecer de maneira destacada no item 3. No entanto, no caso deste autor não pode ser separada por necessidade de compreensão do assunto.

* Aspas do autor.

* Aspas do autor.

participante Brandão também não lhe tece críticas acerbadadas ou invalida experiências.

Brandão entende a pesquisa participante como uma nova "...atitude de relação pesquisador - pesquisado... disposição de estabelecer uma nova relação com o outro... trabalho que resulta de um compromisso antecedente do trabalho do pesquisador como práticas populares, dos movimentos populares... não é necessariamente dialética, não é necessariamente funcionalista... Eu acho que é uma nova crítica, sim, e a partir daí uma fertilização de trabalhos científicos, mas uma teoria que de repente queira se apresentar como única e rejeitar todas as outras... eu acho uma ilusão"(14).

Essa posição leva a uma definição de pesquisa participante como "prática política de compromisso popular, enquanto modalidade nova de conhecimento coletivo do mundo e das condições de vida das pessoas, grupos e classes populares; tem como característica a participação ativa da população, a procura de uma relação dialética entre teoria e prática; pesquisador e pesquisados sendo entendidos como sujeitos de um trabalho comum com situações e tarefas diferentes"(15).

Em resumo, o autor entende que, mais que um método, a pesquisa participante deve ser entendida como uma estratégia do conhecimento que - tendo em vista seus objetivos e compromissos políticos - seleciona técnicas mais adequadas no arsenal da pesquisa social*. Posição semelhante é a defendida por Thiollent⁽⁵⁶⁾ para caracterizar a pesquisa participante que é definida como método ou estratégia de conhecimento que agrega vários métodos ou técnicas de pesquisa social.

Para ambos os autores a pesquisa participante ou a pesquisa ação (de acordo com a terminologia de Thiollent) seria aplicável a campos de conhecimento e prática como: Educação, Comunicação, Serviço Social, militância política/sindical, etc.

A caracterização e conceituação de pesquisa participante por Borda⁽¹¹⁾ revela uma adesão entusiástica apesar de reconhecer que o objetivo da pesquisa participante constitui-se como uma tarefa difícil e ainda não alcançada.

Para ele a pesquisa-ação* pode ser entendida como pesquisa voltada para as

* Apesar dessas distinções, grande número de experiências de pesquisa participante foram orientadas a partir do referencial teórico dialético. Borda (9.1) é um dos autores que fala da utilização de um marxismo "não dogmático".

* Vale lembrar que nesse trabalho os termos pesquisa-ação e pesquisa participante são tomados como sinônimos e/ou equivalente.

necessidades básicas dos indivíduos e responde especialmente às necessidades da população que compreende operários, camponeses, agricultores, índios - grupos mais carentes nas estruturas sociais contemporâneas - levando em conta suas aspirações e potencialidades de conhecimento e ação. É a metodologia que procura incentivar o desenvolvimento autônomo (auto-confiante) a partir das bases e de uma relativa independência do exterior. Teria como objetivo constituir uma ciência emergente ou popular contra a ciência dominante.

4.3. Incionalidade e objetivos

Em todos os autores consultados a pesquisa participante é entendida como um esforço, e uma estratégia no sentido de transformar os métodos de apreensão da realidade e da própria produção do conhecimento visando a emancipação das classes populares.

4.4. Fundamentos teóricos, aspectos metodológicos e modalidades de pesquisa participante

Entre os autores consultados Thiollent (54) foi o que mais se deteve na questão teórica. Para esse autor, as experiências de pesquisa participativa estão vinculadas a uma concepção humanística, mais frequentemente cristã do que marxista e expressa pela ideologia da participação entendida como solidariedade, auto-defesa e compreensão mútua.

Destaca que, apesar de constituir-se em uma negação ao cientificismo, esta negação não significa uma negação da pesquisa científica ou do papel da teoria científica no processo de conhecimento. Considera que estas experiências - para evitar a manipulação e a ausência de cientificidade - devem considerar os seguintes princípios.

- 1) descrição do que o indivíduo conhece a partir de sua experiência de vida e não a partir da expressão de opiniões sobre fatos e/ou eventos;
- 2) explicitação da não neutralidade como critério para descrição e análise;
- 3) investigação e questionário devem permitir comparação entre elementos específicos do grupo considerado com elementos de outros grupos ou classes;

- 4) questionamentos devem considerar e expressar representações sociais e ideológicas dominantes;
- 5) a representatividade dos grupos e indivíduos estudados ou envolvidos no processo não deve responder a critérios quantitativos;
- 6) a relação entre investigador e investigado deve processar-se através de uma rede de comunicações sócio-política admitindo-se que investigadores não são neutros nem passivos.

Os princípios adotados por Thiollent^(54,5) são decorrentes de posições teóricas que inspiraram a pesquisa-ação. Apesar de reconhecer a influência do humanismo através da concepção de mundo que embasaria este tipo de pesquisa, Thiollent considera que - na tradição latino-americana - o pensamento teórico que inspirou as diferentes experiências estariam ligados à leitura grancianiana do marxismo.

Do ponto de vista metodológico Thiollent^(54,56) considera que a pesquisa participante se caracteriza por procedimentos exploratórios com objetivos a serem definidos pelos pesquisadores junto com os interessados e pode funcionar com técnicas convencionais de maior profundidade e maior extensão. Considera, ainda, que a bagagem teórica dos investigadores pode influir para o estabelecimento de explicações mas sem que isto signifique o monopólio das interpretações. Como desafio metodológico restaria à pesquisa participante realizar uma investigação científica que não seja sinônimo de funcionalismo, cujos dados possam ser cotejados com informações obtidas em pesquisas anteriores. Deveria desenvolver, ainda, uma estratégia de pesquisa que utilizasse a argumentação como forma típica de raciocínio, que utilizasse hipóteses que não exigissem conclusões estatísticas.

Para Brandão^(13,14,15) a indefinição teórica e metodológica da pesquisa participante pode ser a explicação de um provável uso mistificador deste tipo de experiência. Lembrando-se que, do ponto de vista desta autor, a pesquisa participante não provem de uma única teoria nem pode ser entendida como única forma de apreensão da realidade, os seguintes pontos são considerados pressupostos teóricos importantes:

- 1) o conhecimento só se processa através do envolvimento entre o pesquisador e aquilo que é pesquisado;

- 2) o primeiro fio da lógica da investigação deve ser o ponto de vista da cultura investigada, tal como expressam os sujeitos que a vivem;
- 3) o investigador não deve se transformar em elemento da classe trabalhadora mas deve entender a atividade científica como compromisso e participação com as lutas populares.
- 4) a relação política com a comunidade e a lógica da cultura investigada devem mostrar os métodos a serem adotados.

De acordo com esses fundamentos teóricos depreende-se a utilização de recursos metodológicos como observação participante, entrevista livre e histórias de vida como instrumentais mais adequados para uma pesquisa que pretenda a convivência do pesquisador com pessoas e culturas reais.

Em termos da estruturação de uma pesquisa de tipo participativo, do planejamento formal da investigação ambos os autores recomendam um planejamento flexível a ser realizado de maneira participativa e, principalmente, com a explicitação de seus projetos políticos.

Uma leitura mais sistemática desses autores leva à consideração de uma certa falta de unicidade nas propostas de pesquisa participante no que diz respeito a dois elementos:

- criação de um novo paradigma
- status científico e referencial teórico

Essas posições divergentes permitiriam enquadrar os autores em diferentes perspectivas dentro da experiência de pesquisa participante, sendo que Brandão e Fals Borda podem ser entendidos como apresentando posições polarizadas.

A PESQUISA PARTICIPANTE COMO NOVO PARADIGMA

Segundo Fal Borda⁽¹²⁾, o entendimento da pesquisa participante como um novo tipo de paradigma foi defendido por cientistas suíços do Grupo de Pesquisa de Heins Mozer por ocasião do Encontro de Cartagena (1977). Para esses pesquisadores a nova relação sujeito - objeto apresentaria uma transcendência e implicações filosóficas não só por diferenciar essa relação mas também por romper com todas as relações de dominação dependência implicadas no binômio sujeito - objeto apontando para uma sociedade participativa, democrática, igualitária. Ao transformar relações homem/mulher, professor/aluno, médico/paciente, essa sociedade convida à formação de novos partidos e novos movimentos sociais.

O autor reconhece, ainda, que as implicações epistemológicas desse novo tipo de pesquisa não foram discutidos pelos latino-americanos, visto que essa questão não era entendida como prioritária. Considera, somente, que através da pesquisa participante se pode alcançar, eventualmente, um encontro de dois conhecimentos: o de ciência tecnológica, que está levando à destruição mundial, e o da ciência popular, que enfatiza outros aspectos valorativos, próximo da concepção do conceito de ciência reprodutiva de Habermas. Assim, um trabalho de longos anos, com a contribuição de várias gerações, e a incorporação de experiência latino-americana, poderá alcançar esse novo paradigma.

Carlos Rodrigues Brandão⁽¹²⁾, por sua vez, não acredita na potencialidade da pesquisa participante em criar novo paradigma, ou um paradigma oposto ao das ciências acadêmicas. Mais do que invalidar experiências acadêmicas desenvolvidas por várias disciplinas e referenciais teóricos, Brandão considera importante coordenar esses esforços para a elaboração de um projeto de transformação social. Considera importante a criação, não de uma "ciência popular", mas de um saber a partir da dimensão da vida e da participação popular.

A partir dessas considerações e da revisão bibliográfica sobre o tema, tanto em termos metodológicos como em termos de experiências de pesquisas participantes realizadas em diferentes contextos e, também, pela avaliação da experiência do Parque Paraíso, não se pode considerar que essa metodologia tenha elaborado uma reflexão teórica ou acumulado uma massa crítica de investigações suficientes para a elaboração de novos paradigmas. *A reflexão mais desenvolvida refere-se à crítica ao positivismo que não*

conseguiu, ainda, sintetizar suas contribuições numa obra acabada. Vale lembrar ainda, que a concepção de positivismo entre os autores estudados não é explicitada por eles, havendo somente referências a alguns pressupostos metodológicos criticáveis do ponto de vista da pesquisa participante.

A PESQUISA PARTICIPANTE DO PONTO DE VISTA DO REFERENCIAL TEÓRICO E DO STATUS CIENTÍFICO

Um ponto em comum entre todos os autores consultados pode ser localizado numa discussão metodológica que, mais do que uma crítica acabada e profunda ao positivismo pode ser entendida como negação de um de seus princípios, isto é, como uma recusa à transposição dos procedimentos das ciências naturais, da lógica experimental, à investigação em ciências sociais. Colocada nesses termos a contribuição de pesquisa participante para o campo do conhecimento pode ser considerada bastante positiva, assim como permitir uma avaliação realista desse método de investigação. Como exemplo desses princípios adotados por essas linhas de investigação, podem ser citados, os princípios recomendados por Thiollent para a realização de uma pesquisa participante e já citados nesse trabalho^(54,56,57).

Quanto ao referencial teórico predominante nessa linha metodológica os autores destacam a influência de várias leituras marxistas e do humanismo cristão, ressaltando a indefinição teórica dessas experiências. Essas observações vão ao encontro da interpretação da pesquisa participante como mais um recurso de investigação que integra várias experiências e métodos de pesquisa, do que um movimento para criação de novos paradigmas, ou um método de pesquisa próprio a determinada teoria social.

Vale lembrar que esse entendimento da pesquisa participante não o desqualifica como procedimento científico, mas, pelo contrário, o valoriza como mais um dos componentes e iniciativas de pesquisa e reflexão que caminham para um entendimento pluralístico da ciência e da sociedade.

5 - A PESQUISA PARTICIPANTE E A TEMÁTICA DA PARTICIPAÇÃO E DOS MOMENTOS SOCIAIS NA ÁREA DA SAÚDE

"Constatamos, sem dificuldade que, entre os discursos políticos contemporâneos, ganham importância aqueles que apelam para um aumento da participação. De modo quase sempre impreciso, este aspecto aparece com uma conotação ética em que o despertar da consciência da cidadania permite estabelecer um mecanismo regulador das disfunções dos sistemas políticos" conforme colocação da cientista social Ruth Cardoso⁽¹⁹⁾.

Apesar dessa aceitação e entusiasmo quase unânimes - desde a década de 70 - por ações coletivas, a autora reconhece que estas posições começaram a sofrer um desgaste e descrédito, tanto prático como teórico:

"Quase todos sabem que não se pode recompor a ágora, mas todos desejam algum controle sobre as políticas públicas, a garantia de direitos... a deslegitimação de opressões baseadas em critérios étnicos, de gênero e de idade. E a participação política surge como instrumento regulador de um sistema que, mesmo nos países democráticos, parece ter perdido o rumo por falta de mecanismos de autoconecção, capazes de manter a ligação entre a administração da coisa pública e sociedade cada vez mais pluralista"⁽¹⁹⁾.

Entre nós esse fenômeno começa a se intensificar principalmente a partir do final dos anos 80 e início da década de 90..." No Brasil já é lugar comum falar do esfacelamento das forças que resistiram aos governos autoritários e do refluxo dos movimentos sociais". Constatada essa tendência algumas hipóteses tem sido levantadas para compreendê-la; essas hipóteses encobrem uma ampla gama de considerações, segundo Cardoso (19):

- fragilidade própria dos movimentos sociais que teriam como finalidade mobilizar um público específico para participar de lutas sociais em relações a demandas específicas, não sendo capazes de influir positivamente no sistema político.
- o desencanto com utopias que dominavam a cultura política dos anos 60/70, teria criado desconfiança em relação às ações coletivas.
- traços da sociedade pós-moderna que "...ao deixar de lado a questão do futuro das

sociedades'... retiram da ação política a dimensão mística e heróica e desqualificam as práticas" que visam o coletivo como a participação política.

difficuldade de controle social sobre as diferentes esferas da vida coletiva "...que grau de incidência real, de controle racional e efetivo sobre os processos sociais têm os homens e as mulheres, hoje em dia? Estão longe os dias em que a humanidade se sentia chamada a transformar o mundo. O sentimento de onipotência que reinava nos anos 60 levou a um sentimento de impotência"(16).

Esse sentimento certamente deve ser exacerbado quando, após anos de luta contra "opressões baseadas em critérios étnicos, de gênero e de idade"(19), ainda ocorrem conflitos raciais como os de Los Angeles (1993-EUA) ou aqueles vividos antes e depois do desencadear da Guerra Civil na ex-Iugoslávia.

No Brasil, apesar da intensa mobilização dos anos 70/80, ainda são registrados 4 casos de assassinatos de crianças por dia; mulheres continuam sendo assassinadas por motivos passionais nas mesmas proporções registradas há décadas, indicadores econômicos e sociais apontam para o aumento da desigualdade social e da precariedade das condições de vida.

Na área da Saúde, a crise vivida pelas propostas de organização e extensão do setor público - propostas estas que, se não foram geradas pelos movimentos sociais, foram acompanhadas de perto por eles- pode contribuir para uma avaliação negativa sobre a eventual capacidade transformadora da participação política e dos movimentos sociais.

Diante desta situação como se colocariam os participantes de movimentos sociais cujo cerne consistiria no desenvolvimento de públicos e espaços disponíveis para a participação na vida coletiva, movimentos esses que, em alguns casos, tiveram como palco de ação e objeto de luta, a área da saúde?

A esse respeito vale lembrar que, no Brasil, a questão da participação se colocou como um dos temas na área da saúde principalmente a partir do final da década de 70 quando - devido às crises econômico-políticas no cenário nacional e internacional - tradicionais problemas sociais foram agudizados assim como os movimentos sociais por bens de consumo coletivo intensificaram-se traduzindo-se, no setor saúde no tema: "saúde direito de todos e dever do Estado". Datam dessa época, também, as propostas de atenção

primária à saúde, extensão de serviços de saúde nos países em desenvolvimento, inspiradas pela Declaração de Alma Ata⁽³¹⁾.

Tanto a compreensão de saúde como direito a ser conquistado como a idéia da expansão de atendimento como objetivo institucional configuraram-se como importantes no pensamento da área e ambas apontaram para a necessidade de se investir em propostas de trabalho do tipo participativo^(43,49).

Essas propostas, ainda que diferentes daquelas desenvolvidas em décadas anteriores - de tipo desenvolvimento de comunidade ou medicina social - em que se procurava envolver a população nos programas oficiais ou na realização de tarefas simplificadas em saúde com o objetivo de incorporar maior número de usuários ou, ainda, com o intuito de integrar a população às propostas de modernização dos anos 50/60 - a nível institucional, revelaram o mesmo entendimento sobre o sentido de participação social.

Segundo Adorno⁽³⁾ a idéia de participação social como meio integrativo de grupos sociais "fracos", "desfavorecidos", "carentes"* seria inspiradora da temática da participação em saúde, temática essa impregnada por uma visão "instrumentalizada" da ação social. Em termos sociológicos, essa visão corresponderia a uma visão sistêmica do social, segundo a qual todo "fato novo" corresponderia a uma situação anômica ou disnômica "na medida em que fugiria da normalidade identificada com os fatos mais comuns, recorrentes, de maior incidência"⁽³⁾. Assim, os movimentos sociais desenvolveriam ações instrumentais visando "apropriação ou distribuição de recursos sociais entre os grupos marginalizados". Caberia, nesse sentido, uma ação das instituições políticas, usando formas legais, organizacionais e normativas para integração dos grupos que questionam o sistema, desde uma posição marginal ou externa à instituição⁽³⁾.

De acordo com essa concepção os movimentos sociais, enquanto responsáveis pelo desencadeamento de ações coletivas e de demandas por participação corresponderiam a grupos de pressão e/ou reivindicativos nos quais o sentido, a finalidade e a dinâmica de atuação seriam definidos pelos objetivos institucionais, organizacionais ou de acesso a bens demandados pelos grupos, podendo ser avaliados em termos da consecução ou não desses objetivos. Assim, uma ação social coletiva somente teria um sentido significativo e positivo se tivesse capacidade de interferir em sistemas políticos ou organizacionais, melhorando as

* Aspas do autor.

relações entre sub-sistemas e/ou grupos centrais ou periféricos.

"O aperfeiçoamento das instituições, o desenvolvimento da participações e a motivação e criação de canais para participar seriam meios integrativos que as sociedades democráticas teriam para trazer esses movimentos para si, enquadrando em nível institucional as formas de mobilização e propiciando, pelos canais participativos, forma de distribuição de recursos educativos, econômicos, favorecedores de integração social"(3).

5.1. A Fragilidade dos Movimentos Sociais e a Pesquisa Participante

A suposta incapacidade apresentada pelos Movimentos Sociais no sentido de promover essa integração seria a responsável pela presença em quase todos os depoimentos dos participantes da Pesquisa do Parque Paraíso, sobre a possível decadência do movimento social em Itapecerica da Serra.

A assim reconhecida e denominada crise dos movimentos e da participação consistia, portanto, uma dificuldade séria para esse projeto que pretendia - entre outros objetivos - identificar as possíveis contribuições da pesquisa participante - para os serviços de saúde.

Uma das motivações para a pesquisa do Parque Paraíso foi a possibilidade de contribuir para o entendimento da saúde como direito, da idéia de acesso a serviços de saúde como exercício da cidadania. Pretendia-se, também, que esse método de investigação, uma vez incorporado pelos movimentos coletivos, pelas lideranças dos bairros populares da cidade, poderia contribuir para o fortalecimento político desses atores.

Assim sendo, outra dificuldade se colocava para o desenvolvimento do projeto: como avaliar essa experiência se os atores locais, nela envolvidos junto com técnicos e professores, decorridos alguns anos após seu término, declaravam estar vivendo uma crise pessoal e coletiva em termos de mobilização e ação social?

Para se enfrentar esses desafios sentiu-se a necessidade de um esforço de precisão sobre os conceitos de Movimento Social e Participação que deveriam orientar esse trabalho.

5.2. *Movimentos Sociais: Conceituação*

Nos anos 70 a questão dos Movimentos Sociais assumiu um papel de destaque na sociologia européia com marcada influência não só no pensamento sociológico brasileiro como na área de planejamento urbano, através da Teoria das Contradições Urbanas.

Segundo essa teoria os movimentos sociais eram definidos como lutas urbanas que expressavam a luta de classes no mundo capitalista contemporâneo que, às contradições do mundo da produção, aliariam novas contradições urbanas, projetando na problemática urbana os conflitos de classes⁽¹⁸⁾. "O tratamento teórico dessa questão baseou-se em paradigmas que colocaram questões estruturais da sociedade como geradoras de ações coletivas"⁽³⁾.

Ainda que essa questão tenha adquirido grande visibilidade no Brasil com a Teoria das Contradições Urbanas, o tema sempre esteve presente tanto na produção sociológica clássica como na contemporânea ainda que não se tenha produzido uma visão homogênea em relação a ele.

Entre os clássicos podem ser citados duas correntes: uma que entende esses movimentos como momentos de irracionalidade que podem ameaçar a ordem social existente (Le Bon, Tarde, Orlega y Janet), e outros que, de maneiras diferentes (Marx, Dukhein e Weber), vêem nesses fenômenos um tipo de ação social que poderia influir na estrutura social⁽⁹⁾. Contemporaneamente, Alain Touraine tem se destacado na análise dos movimentos sociais.

Perseguindo duas tradições - Weber e Marx, Touraine não entende os movimentos sociais como forma de expressão de uma contradição, um problema, mas o próprio elemento gerador ou detonador de um conflito, assim como baseia sua análise no sentido da dinâmica das estruturas em detrimento da ênfase em crenças e valores⁽⁹⁾. A concepção de movimentos sociais desse autor será destacada visto que um dos objetivos da pesquisa participante se refere a uma possível contribuição junto aos movimentos sociais para produção de um conhecimento autônomo a respeito da realidade que se pretende transformar via ações coletivas. Além disso, para se entender o papel de um movimento social em determinado momento ou conjuntura é necessário um mínimo de entendimento anterior sobre o que constitui o significado de um movimento social.

A emergência de movimentos sociais no setor Saúde entre as décadas de 70 e 80 nos centros urbanos brasileiros, segundo algumas colocações anteriores, esteve ligada, entre outros fenômenos, à precariedade do sistema de saúde no que diz respeito ao atendimento individual assim como no que tange a atividade de saúde coletiva, sobre o meio, constituindo-se como uma das peças de uma conjuntura histórico-social que não garante o acesso, do conjunto geral da sociedade, aos bens por ela produzidos.

No Brasil e outros países da América Latina - devido à herança colonial e às características do sistema econômico da região - amplos setores da população foram, até recentemente, alijados de boa parte dos direitos políticos e os direitos sociais apareceram como resultado de concessões do Estado.

A política previdenciária, baseada no modelo de seguro social, e desenvolvida no Brasil desde os anos 30 demonstra o caráter restritivo desse sistema na medida em que não considerava dever do Estado garantir a todos saúde, habitação, saneamento e outros bens de consumo coletivo⁽⁴¹⁾.

Ao se analisar os movimentos sociais em saúde e a contribuição de pesquisa participante para seu desenvolvimento estudou-se também a questão da cidadania como processo de aquisição de direitos, de acesso à vida social e, por isso, também entendida como processo emancipatório.

Antes de se discorrer sobre a cidadania e o projeto de emancipação, é importante resgatar um dos aspectos mais significativos no livro de Marshall ⁽⁴⁰⁾, uma obra clássica sobre cidadania, aspecto esse que, em certa medida, vai ao encontro do entendimento sobre cidadania proposto nesse trabalho.

Partindo da noção de "cavalheiro", isto é, ser civilizado, urbano, o autor considera que a luta pela cidadania consiste em uma reivindicação de todos para gozarem dessas condições, para participar da herança social, para serem admitidos como membros completos da sociedade, isto é, como cidadãos.

Entendendo a cidadania como um processo de aquisição de direitos que se estende do século XVI ao XIX, que evolui da criação de direitos individuais ou civis, para direitos políticos até atingir os direitos sociais (que envolvem desde um mínimo necessário de bem estar econômico e segurança até participar por completo da herança social composta

pelo acesso ao sistema educacional e de serviços), a concepção de Marshall apresenta, porém, um limite no que diz respeito aos desafios contemporâneos para a aquisição e desenvolvimento da cidadania, entendida não só como possibilidade de compartilhar a herança social, mas também de transformar essa herança, esse patrimônio comum, ou, no caso brasileiro, de criar esse patrimônio comum.

Contemporaneamente um dos desafios que se colocam à Ciência Social e à prática política diz respeito não só à garantia e extensão de direitos sociais, mas também à garantia de que em "nível das políticas públicas e no plano da ação do aparato administrativo jurídico estatal esteja refletida a vontade pública consolidada em formas de participação política horizontal"(23). Retoma-se, assim, o dilema pressuposto por Habermas⁽³⁵⁾ sobre a possibilidade de o mundo da vida não ser dominado pelo mundo do sistema.

Sobre a questão da cidadania no contexto nacional e sua relação com trabalhos participativos e educação e/ou investigação, é notória a contribuição de Valla⁽⁶¹⁾ quando se refere à "cidadania da sobrevivência", da escassez, que caracterizaria a forma de participação no Brasil quando comparado a outros contextos nacionais/políticos em que ocorreria uma "cidadania de vigilância", situação essa que talvez esteja mais próxima ao dilema referido anteriormente.

Com a finalidade de se discutir a contribuição da pesquisa participante em termos do processo de conquista da cidadania e, apesar (ou por causa) dos vários significados a ela atribuídos - tanto do ponto de vista dos autores estudados como do ponto de vista da pesquisa participante - é importante ressaltar que, além do processo de ampliação, conquista e consolidação de direitos (como colocam entre outros Marshall e Valla) a luta pela cidadania pode assumir um significado mais social do que político quando envolve questões como concepções de vida mais autônomas, em relação às imposições da produção, que questionem não só as condições de trabalho mas o que produzir e como produzir de maneira a não afetar o conjunto da sociedade e do planeta, que questionem a distribuição do produto social, que assumam a direção de seu cotidiano em relação às estruturas administrativas do Estado.

Nesse sentido a luta pela cidadania em movimentos e lutas que acionem instrumentos como a pesquisa participante, poderia transformar esses movimentos em "movimentos sociais de acordo com a concepção de Touraine (59), isto é, capazes de elaborar

novos padrões de orientações culturais para toda a sociedade e, em nível das práticas sociais, produzir padrões de relações mais democráticas, onde a participação possa ocorrer no sentido do proposto por Habermas(35) defesa do mundo de vida, de elaboração de formas menos ameaçadoras de vida.

A idéia de se discutir a questão emancipatória não esteve ligada a pressupostos de que caberia aos técnicos e/ou cientistas esclarecer as populações sobre seus problemas cotidianos libertando-as de condições de vida e/ou hábitos prejudiciais à saúde e/ou ao bem viver.

À proposta positivista inspiradora da Sociologia nos seus anos de formação - segundo a qual caberia à "Física Social" descobrir as leis que regulam a vida dos homens, possibilitando o controle de conflitos e outros problemas - se contrapõe a utopia - também de inspiração iluminista - de criação de uma "vida social menos estigmatizada pelos flagelos do capitalismo atual na sua versão periférica"(30).

A fim de se esclarecer o que se entende por utopia emancipatória e importante deter-se na reflexão do sociólogo alemão Tilman Evers(30) sobre os movimentos sociais na América Latina e que se constituiu como uma das orientações mais fortes para a elaboração desse trabalho de avaliação..

Para esse autor o projeto, ou os projetos embutidos nos movimentos sociais mais significativos, dizem respeito "à renovação de padrões sócio-culturais e sócio-psíquicos do cotidiano"(36) e podem ser definidos pelas seguintes características:

- número relativamente baixo de participantes;
- estruturas não burocráticas e até informais;
- formas coletivas de tomada de decisões;
- distanciamento social relativamente pequeno entre liderança e participantes;
- modos pouco teóricos e imediatos de perceber e colocar os objetivos do movimento;
- envolvimento com atividades culturais;
- uso de manifestações culturais para divulgar seus objetivos;

- participação nos movimentos envolvendo uma dimensão educativa mesmo quando a motivação original é de ordem material.

Esse autor considera que essas características - à luz de uma interpretação sociológica em que o poder político é uma categoria central - poderiam expressar uma certa fragilidade e posição pré-política, mas - segundo sua interpretação - representam, na realidade, um potencial de transformação sócio-cultural dos movimentos: "potencial para criar e experimentar formas diferentes de relações sociais quotidianas"(30).

A possibilidade dessa transformação repousaria no fato de que as estruturas sociais só se concretizam pelas práticas sociais. Tecnologias, leis, instituições não poderiam "sustentar o sistema dominante por um minuto sequer não fossem ... os milhões de pequenos atos cotidianos de obediência irrefletida à ordem existente que criam, reproduzem e reforçam as estruturas sociais(30).

Ao desenvolver uma prática que questiona esse "automatismo da obediência ..." pela criação de "... espaços de relações mais solidárias, de consciências menos dirigidas pelo mercado, manifestações culturais menos alienadas ou de valores e crenças diferentes ..." (30), esses movimentos teriam condição de se opor às estruturas sociais de dominação.

Evers salienta, ainda, que essa "contra-cultura micrológica"* só teria condição de apresentar resultados a longo prazo mas "... ao criar raízes na prática diária e nas orientações essenciais correspondentes, em que se fundamentam todas as estruturas sociais ..." poderia instituir-se como algo "irreversível". A capacidade de transformação social, apresentada pelos movimentos sociais, repousa no fato de que investem contra toda forma de alienação: do homem em relação a si mesmo, ao produto de seu trabalho, à natureza e finalmente em relação aos outros homens(30).

Lutar contra a alienação, no caso dos movimentos sociais seria lutar contra toda a forma de dominação, resgatando-se identidades tradicionalmente oprimidas em nível de todas as relações sociais. Essa postura escapa às formas tradicionais de se fazer política, apresentando-se como um "trabalho de formiga, de resgatar da sociedade dominante pedaços de vida expressiva individual e coletiva"(30).

* Aspas do autor

A possibilidade de os movimentos sociais instituírem novos padrões de sociabilidade através da prática coletiva e democrática, permitiu pensar uma nova maneira de interpretar as possíveis contribuições da pesquisa participante junto a população e grupo envolvidos no projeto, como também o próprio sentido dos movimentos sociais, enfrentando-se, assim, as dificuldades apontadas anteriormente: fragilidade, pouca influência na vida política, conjunturas nacionais pouco propícias aos movimentos, pouca visibilidade.

Assim, na recuperação da trajetória de vida das pessoas envolvidas nesse projeto, procurou-se identificar em que medida a experiência do Parque Paraíso contribuiu para elaborar propostas de vida que escapassem das estruturas sociais e que, ao mesmo tempo, inculcassem novas orientações às formas instituídas de vida social, ampliando o espaço da cidadania e, desta maneira, contribuindo para a questão da extensão dos serviços de saúde enquanto um dos componentes do direito a saúde.

Essa primeira reflexão sobre movimentos sociais, ou sobre sua importância no sentido da mudança social, reflexão essa baseada no pensamento de Evers, encontrou pontos de contato com a já aludida proposta de interpretação dos movimentos sociais defendida por Touraine⁽⁵⁸⁾ desde os anos 70, e que faz parte de uma linha teórica: a Sociologia da Ação. Segundo a Sociologia da Ação, a sociedade é constituída por três elementos que podem ser definidos como:

- **conhecimento** - que diz respeito à relação homem e natureza, à tecnologia e à ciência que permitem o domínio e transformação da natureza;
- **acumulação** - parte da produção material da sociedade que vai ser retirada da circulação para ser reinvestida; e
- **modelo cultural** - sentido que a sociedade confere à produção e distribuição de bens, assim como à própria forma de produção.

Esses componentes, ao serem apropriados de maneira diferenciada pelas diferentes classes sociais, influem no sentido de se estabelecer uma relação de dominação, dado que o controle desses componentes estabelece o rumo que será conferido à sociedade. A classe que se apropria da direção desses elementos assume o caráter de classe dominante.

A partir da idéia de alvos culturais, modelos de conhecimento, modalidade de

investimento próprios às diferentes classes sociais, a Sociologia de Ação estuda como os atores entram em conflito pela direção dessas orientações.

A sociedade, então, seria concebida como produção das relações sociais entre atores em conflito contra a idéia de sociedade como sistema institucional ou reflexo de uma base econômica. O "locus", o cenário desses conflitos seriam os movimentos sociais que não são entendidos como grupos de pressão ou movimentos políticos mas que são definidos como formas de luta, de ação, de conduta de atores sociais que questionam uma relação de dominação em que uma classe controla as forças de desenvolvimento social(58, 59).

Mais do que um conjunto de condutas de oposição a uma ordem estabelecida, mais do que um conjunto de condutas organizadas em torno de valores ou reivindicação, os movimentos sociais são movimentos que ultrapassam o nível de interesse de grupos ou de classes para por em causa a dominação estabelecida e controlar a orientação cultural de uma sociedade. Para avaliar a experiência de pesquisa participante do Parque Paraíso procurou-se identificar em que medida ela contribuiu para que o movimento social da região se aproximasse dessa perspectiva.

5.3. Os Movimentos Sociais e o pensamento sociológico brasileiro atual

Refletindo sobre os movimentos sociais que surgiam a partir de meados da década de 70 a produção teórica brasileira sobre o assunto apresenta um certo consenso quando define sua emergência no contexto da crise de legitimidade do regime militar.

Essa crise que se mostra do ponto de vista do governo - pelas oscilações entre uma política de liberalização (distensão lenta e gradual) e outra de manutenção da ordem, além de apontar para a necessidade de desenvolvimento de políticas públicas que legitimem o governo em crise, abre espaço para a manifestação da sociedade civil⁽⁶⁴⁾.

Nesse espaço são tematizados os direitos humanos que, devido à falência do milagre brasileiro e à agudização dos problemas econômicos e sociais, apontam também para a dimensão social destes direitos. O tema da cidadania torna-se, assim, o norte dos movimentos e grupos políticos que surgem nesse momento.

Apesar do consenso sobre a explicação das origens dos movimentos sociais, a

produção brasileira não apresenta a mesma interpretação sobre o sentido, a dinâmica ou o mesmo entendimento sobre os movimentos sociais. Autores como Cardoso e Duhram⁽²⁰⁾ identificam, como importantes para o desenvolvimento da mobilização coletiva, a percepção das carências comuns vinculadas à noção de direitos básicos e ao espaço público como construtor e/ou recuperador de identidades no contexto urbano periférico.

Percebendo que o registro das carências não implica em mobilização/participação, os autores mostram mudanças na ação do Estado a partir de 74, desenvolvendo maior atenção para políticas públicas, (fato esse que influi sobre os movimentos), assim como o papel de trabalhadores sociais, militantes de partidos de esquerda e, principalmente da Igreja Católica, para a constituição de movimentos⁽⁴⁾.

Sobre a influência da Igreja Católica para a emergência dos movimentos sociais, a maioria dos autores estudados considera que a intensa repressão exercida pelo regime militar, fechando os canais institucionais de participação - sindicatos, partidos legais, associações - e perseguindo os partidos de esquerda transformaram a Igreja Católica (e mesmo setores das Igrejas Protestantes) em uma das poucas instituições da sociedade civil capaz de articular um certo nível de oposição e canalizar as demandas populares.

Além desses fatores externos à própria Igreja Católica não é demais salientar alguns fatores ligados à sua própria dinâmica para entender essa transformação.

Segundo Touraine (60) as pressões para mudança na atuação da Igreja Católica no Brasil podem ser situadas na década de 30 quando o desenvolvimento das políticas nacionais e a industrialização orientaram a instituição no sentido de uma maior aproximação às camadas médias urbanas e operárias assim como um distanciamento e mesmo quebra de aliança com a oligarquia rural que havia predominado até o momento. Mesmo reconhecendo esse movimento o autor considera que a relação Igrejas e Políticas "no Brasil e na América Latina não obedecem um único sentido. Até o final da década de 60 essa ruptura levou a um distanciamento das formas tradicionais de "religião popular" e das oligarquias para adotar uma ação mais atualizada contra o desenvolvimento das orientações socialistas ou comunistas entre as camadas sociais para as quais havia se voltado. Essa atuação, porém, levou a uma aproximação e a um entendimento com forças sociais de mudança que, somadas às influências exercidas pelo Concílio Vaticano II, pelas Conferências Episcopais de Medellin e Puebla, permitiram que a prática e o discurso da

Igreja Católica junto aos movimentos sociais ficasse mais próxima aos princípios da Teologia da Libertação. No que diz respeito à inflexão movimentos sociais / pesquisa participante que interessa à análise desse trabalho, vale lembrar que, influenciada pela Sociologia da Dependência, a Teologia da Libertação enfatiza o papel da mobilização das massas excluídas contra o Estado com o apoio de intelectuais entendidos como agentes de mobilização. Esse entendimento pode ser apontado como um dos elementos que inspiraram e reforçaram não só a constituição e emergência dos movimentos sociais como o desenvolvimento de metodologias participativas que promoveriam a interação intelectuais / povo - saber popular / saber científico.

Reconhecendo a importância dos "agentes externos" para os movimentos, Duhram⁽²⁸⁾ salienta que essa influência não significou perda de autonomia, independência e/ou autenticidade por parte dos movimentos sociais.

O papel dos agentes externos, "principalmente daqueles representados por técnicos envolvidos com as propostas dos movimentos que tiveram espaço profissional e político devido à transformação ocorrida nas burocracias públicas naquela época" é bastante desenvolvido por autores como Jacobi⁽³⁶⁾ que estudou os movimentos por água e por saúde desde suas origens no final da década de 70.

Segundo esse autor os movimentos por saúde podem ser entendidos como "movimentos setoriais que aglutinam um certo número de grupos de base de um determinado segmento da população que conta com o apoio de agentes diversificados... Esses movimentos tem sua base na população excluída dos bens urbanos básicos. As pessoas afetadas na esfera do cotidiano se apercebem de que o Estado não lhes assegura o bem estar comum, sendo então, necessário, que a população pressione os órgãos públicos para resistir à pauperização e exclusão. A sua dinâmica de ação configura um quadro onde a maioria das práticas reivindicatórias não se tem pautado no sentido de transformar a sociedade imprimindo-lhe um sentido novo. Essas lutas pouco afetam a esfera política... Um dos aspectos mais relevantes do movimentos sociais tem sido o de cristalizar o significado de cidadania, não somente em termos de conquistas materiais mas, principalmente na constituição de uma identidade que gradualmente vai quebrando a consciência fragmentária que lhes é imposta não só pelas características do regime político, mas pela situação de subalternidade de seus agentes⁽³⁶⁾.

Essa longa transcrição pode ser justificada pelo fato de que apesar de o autor enfatizar o papel mais reivindicativo dos movimentos sociais, sem influências imediatas sobre o sistema político, reconhece também o sentido mais abrangente desses movimentos ao apontarem para uma cidadania cuja noção recobre não somente "conquistas materiais" mas a criação de uma identidade o que remete, mais uma vez a questão dos movimentos sociais enquanto espaço de construção da autonomia.

O autor⁽³⁶⁾ reconhece essa dimensão apesar de afirmar que sua interpretação sobre a transformação social não enfatiza "ações alternativas independentes e autônomas" recusando-se a estabelecer uma definição de movimentos sociais que coloque em oposição suas diferentes faces: espaço de liberdade e embrião de contra-poder" ou interlocutor do Estado, reconhece, também, o caráter inovador dos movimentos sociais, encontrando nos movimentos de saúde traços inovadores visto terem criado "formas diferentes" de relações sociais cotidianas como os Conselhos Populares que, nos moldes propostos pelos moradores, inverteria a lógica da representação além de mudar a concepção do próprio Estado em relação aos movimentos sociais que deixaram de ser entendidos como adversários. O autor lembra, ainda, que a participação de mulheres nos Movimentos de Saúde via Clube de Mães ou outras formas menos estruturadas também agiria no sentido de alterar as relações sociais, introduzindo uma "quebra com os padrões tradicionais na esfera da vivência do privado".

Outra vertente de análise dos movimentos sociais é desenvolvida por Sader⁽⁴⁸⁾ que ao se interrogar sobre movimentos do final dos anos 70, marcados por "autonomia e contestação à ordem estabelecida", recusa-se a explicar sua origem pela exposição das "condições dadas decorrentes do sistema social: os padrões da acumulação capitalista, o desenvolvimento urbano (ou sua crise), a forma do Estado ... "Na verdade, é sempre possível relacionar os processos sociais concretos a características "estruturais"*, só que esse procedimento não adiciona uma vírgula à compreensão do fenômeno".

Para o autor, entender os clubes de mães que se generalizaram pela Grande São Paulo nos anos 70 não significa definí-los como expressão das "contradições gerados pelo capitalismo, no caso brasileiro, como resposta popular às carências sociais, pela ausência de canais institucionais de manifestação" mas sim explicar suas características singulares; padrões comunitários, uma particular formulação das noções de justiça e direito, a aversão pelo que é considerado política ... "O autor considera impossível explicar os

* Aspas do autor

movimentos sociais por determinações estruturais. Para ele, mais do que condições objetivas de vida o analista deve se preocupar com a identificação dos imaginários próprios aos integrantes dos Movimentos Sociais, além disso, a importância dos fenômenos que ressaltando, ocorrem no cotidiano: espaço de luta, reflexão e prática dos movimentos.

Assim, desenvolvendo um enfoque que não se atinha às determinações estruturais (sem esquecer que as ações sociais ocorrem nesse espaço e não são decorrentes de vontades individuais, percebe que os Movimentos Sociais não se entendem como tradutores/interpretes de uma visão de mundo, de um discurso de tendências universalizante, próprio de organizações/instituições, anteriores a eles próprios. Pelo contrário, percebe sua emergência e prática pela crise de instituições que tradicionalmente inspiraram e/ou ou procuraram dirigir as lutas coletivas no Brasil: os partidos de esquerda, a Igreja Católica e a prática sindical. Sem deixar de reconhecer a importância desses grupos o autor salienta a autonomia ou o projeto de autonomia dos movimentos sociais apontando sua desconfiança em relação ao "modus operandi" do sistema político, desconfiança essa que inspira a criação de novos espaços políticos; nos dizeres de Chaui "... como sujeitos criando a própria cena, através de sua própria ação... ultrapassaram o sistema político oficial criando "... o espaço da participação única e trabalhista...". (21)

O projeto de autonomia e a pesquisa participante

Ao reconstruir a história de algum dos movimentos sociais mais importantes da década de 80, Sader aponta como as ações coletivas, de grande visibilidade social e política, como o Movimento de Saúde da Zona Leste, foram precedidos de um trabalho de organização e discussão política sob orientação de diversos atores sociais: padres e médicos sanitaristas, por exemplo(48).

De acordo com a descrição desses trabalhos percebe-se que foram assumidos por atores que - apesar de apresentarem ou terem apresentado vínculos com partidos de esquerda ou com a Igreja Católica - no momento tratado pelo autor, estavam preocupados em desenvolver um trabalho integrado às camadas populares. Procuraram, portanto, o enfrentamento coletivo das questões sociais, no caso de saúde, e para isso procuraram desenvolver cursos sobre problemas de saúde, doenças mais comuns, maneiras de evitá-los e, principalmente, elucidar as relações entre condições de vida e necessidades de saúde, salientando as responsabilidades do Estado no que diz respeito à saúde das populações.

Ao tematizar a saúde deste ponto de vista os "agentes externos"(36) estariam, de um lado, introduzindo a questão de cidadania e, de outro, incentivando a participação, na medida em que seu discurso vinculava a conquista de saúde à luta pela melhoria das condições de vida.

No relato sobre o movimento de saúde da Zona Leste e sobre outras lutas sociais do período, o autor se refere ao desenvolvimento de pesquisas sobre o problema enfrentado (transporte, saúde) e sobre o bairro e seus moradores que iriam participar dos movimentos. Ao se referir a essas pesquisas e mesmo em outras situações, o autor refere uma certa "ingenuidade", principalmente entre as lideranças vinculadas à Igreja, ao insistirem no desenvolvimento de um "saber popular"(48).

Essa resistência em relação a processos de produção de conhecimento não vinculados a instituições oficiais ou legitimadas pela tradição acadêmica em um autor que reconhece e valoriza o projeto de autonomia de atores coletivos - projeto esse forjado em movimentos populares - revela como é tensa e contraditória a relação que se estabelece no interior dos movimentos e entre eles e seus estudiosos / interlocutores.

Processos de pesquisa, na tradição dos movimentos sociais, tem sido preconizados para que a discussão dos problemas de um determinado grupo seja percebida de maneira mais concreta e, principalmente, para que o próprio grupo elabore formas de enfrentamento. Dessa maneira, a prática social e/ou política decorrente desses projetos, poderia ter uma dimensão mais coletiva visto que teria sido definida por todos os integrantes a partir de seus conhecimentos e experiências, evitando situações em que uma "vanguarda" dirige as ações políticas, situação essa vista com desconfiança pelos movimentos sociais e lembrada de maneira dramática pelos que viveram as experiências da luta armada e partidos clandestinos no Brasil dos anos 70 e em outras épocas e locais.

Militantes, investigadores, cientistas sociais, enfim, uma vasta gama de atores que tem se envolvido com essa questão, reconhecem as dificuldades e as limitações dessa prática, advindas principalmente do fato de que o acesso ao conhecimento e à formação escolar se constituem mais como objetivo dos movimentos sociais do que como característica de seus integrantes. Por outro lado, a autonomia que se pretende, também, objetivo e características desses movimentos, só poderia ser adquirida pela maior compreensão dos problemas e pela crescente aquisição de capacidades discursivas por parte dos "sujeitos-coletivos" que participam dos movimentos sociais. As iniciativas "ingênuas" de pesquisa poderiam se constituir como um dos passos desse processo de emancipação popular.

Autores como Durham (28) tem apontado como um elemento bastante presente na fala dos (e sobre) movimentos sociais, a insistência sobre a participação igualitária de todos os membros. A participação nos movimentos sociais garantiria o direito à palavra e se efetivaria através dela.

Essa referência quase mítica à igualdade e a participação pode ser entendida como um esforço contra a prática tradicional (na política e na própria vida cotidiana) de centralizações de decisões e discursos nas mãos de um grupo dirigente ou de uma liderança organizada. Esforço ainda maior quando vários relatos e depoimentos de estudiosos e participantes de movimentos sociais mostram como é difícil a mudança dessas práticas.

Sobre esse problema Borda(12) relata um trabalho de organização popular na Nicarágua em que se registrou grande dificuldade por parte dos integrantes do movimento em assumir um trabalho de análise, de discussão do problema. A mesma situação é referida por Adorno(1) na descrição do início do processo da pesquisa participante em Itapecerica da

Serra, quando na primeira reunião de pesquisa o grupo colocou que os responsáveis pela pesquisa seriam aqueles que fossem mais instruídos. Em ambos os casos, a recusa em assumir a direção por parte dos investigadores e dos trabalhadores sociais - que adotaram a posição de permanecer em silêncio - obrigaram os grupos a um esforço intelectual de contestar suas próprias posições, ocorrendo, assim, a possibilidade de ruptura de dominação.

Esse tipo de experiências coletivas que se orientam no sentido de incentivar a participação, democratizar espaços públicos e relações sociais anteriormente assimétricas, constituem-se como objetivo a ser alcançado pelos movimentos sociais tanto em suas práticas internas como no que diz respeito à sociedade para a qual se dirige.

No âmbito desse trabalho, acredita-se que os procedimentos defendidos pela pesquisa participante orientam-se nessa direção devendo ser esses os elementos norteadores do trabalho de avaliação da pesquisa do Parque Paraíso.

II - A PESQUISA DO PARQUE PARAÍSO

1. ORIGENS E DESENVOLVIMENTO

Em meados de 1980 a Faculdade de Saúde Pública da Universidade de São Paulo firmou convênio com a Fundação Kellogg, a fim de desenvolver um Projeto de Integração Docente Assistencial (IDA) na região de Itapecerica da Serra.

Alguns dos princípios que nortearam esse projeto podem ser identificados nas proposições contidas no Documento do MEC, sobre o Programa de Integração Docente-Assistencial - IDA⁽¹³⁾. Nesse documento propunha-se que a comunidade se tornasse um dos sujeitos do processo de organização dos serviços de saúde e que as instituições e agentes envolvidos assumissem o compromisso de desenvolver mecanismos para promoção desta participação. Esses princípios, por sua vez, já vinham sendo ressaltados desde o final dos anos 70, através de documentos oficiais e/ou técnicos. Como exemplo desta tendência podemos citar o discurso de C.G. Macedo na VII Conferência Nacional de Saúde em 1980⁽⁴³⁾:

"Na Conferência de Alma-Ata, nas Assembléias Mundiais de Saúde, nos Conselhos da Organização Panamericana de Saúde, enfim, em todos os foros, os governos, em representação de todos os povos do mundo, reconhecem a imensa dívida historicamente acumulada e se propõem a um esforço solidário para propiciar ... saúde para todos no ano 2000 ...reconhecem a inadequação dos sistemas de saúde vigentes, a irracionalidade de sua concentração ... a sofisticação tecnologica em relação às necessidades de saúde das maiorias ... a elevação dos custos de atendimento médio ... a subordinação da assistência aos interesses dos produtores de serviços e bens ... que desvirtuam a finalidade dos sistemas de atendimento à saúde, reduzem sua eficácia ... E enfatizam o direito e o dever dos povos em participar, individual e coletivamente, no planejamento e na execução de seus cuidados de saúde".

A concepção de participação expressa no projeto IDA vai ao encontro das afirmações de ADORNO⁽³⁾ sobre o entendimento da participação na área de saúde como uma forma de integração de grupos sociais "fracos", "carentes", "marginais" através de instituições político/administrativas - os serviços de saúde - mas não correspondem ao pensamento ou às motivações de alguns dos profissionais da área de Ciências Sociais e

Educação em Saúde Pública que se envolveram com o projeto e terminaram por desenvolver a pesquisa participante do Parque Paraíso.

Essê grupo de docentes foi motivado por várias questões. A primeira ligava-se à necessidade de responder a uma dúvida própria do aluno de um curso de especialização em Saúde Pública: "como trabalhar com a população". Para os docentes essa demanda apresentava-se como pertinente visto que se ligava à produção teórica mais recente em Educação em Saúde Pública que vinha questionando, as experiências tradicionais de Educação Sanitária e as próprias atividades clássicas de Saúde Pública, como portadoras de um caráter ingênuo e/ou manipulador.

O outro fator motivante partia de uma crítica desse grupo de docentes em relação às experiências de pesquisa em Saúde Pública, crítica essa que não se vinculava às propostas da epidemiologia social sobre a incorporação do materialismo histórico-dialético à análise do processo saúde-doença mas visava trabalhar o objeto de estudo da Saúde Pública nos moldes de tradição de pesquisa de campo em ciências sociais.

Nesse momento, com a incorporação de profissionais na área de Saúde Mental (Assistente Social, Entrevistadora Domiciliar) o Centro de Saúde Salvador Leone de Itapecerica da Serra começava a se preocupar com o desenvolvimento de práticas mais alternativas, mais inovadoras e de integração com a população local visando o enfrentamento dos problemas de saúde da região.

A proposta de desenvolvimento de uma pesquisa participante teria suas origens, portanto, vinculadas ao encontro desses profissionais no projeto IDA, mas suas condicionantes principais parecem decorrentes da presença de grupos organizados em Itapecerica da Serra aos quais os pesquisadores "oficiais" puderam se agregar. Conforme Pellizzaro⁽⁴⁶⁾ esses grupos estavam ligados a uma Comissão de Saúde (criada no I Encontro Distrital de Saúde promovido em 1983 por autoridades de saúde e associações de bairros da região) que reivindicava a construção de hospitais públicos na região através do Plano Metropolitano de Saúde que seria financiado pelo Banco Mundial.

Nessa época, mais precisamente no final de 84 e início de 85, tanto por iniciativa da Igreja Católica como por parte do Centro de Saúde e de instituições como o Serviço de Orientação Familiar, vários grupos de mães e de saúde haviam se organizado nos diferentes bairros da região para discussão de seus problemas e encaminhamentos isolados

de reivindicações às autoridades locais. Em 1986 esses grupos realizaram o II Encontro de Mulheres de Itapecerica da Serra e se colocaram como principal objetivo a luta pela construção de um hospital já reivindicado desde o início da década. Os outros momentos importantes na "evolução" desses grupos para uma forma mais organizada e unida de mobilização ocorreram junto com o desenrolar da pesquisa do Parque Paraíso. Em 1988 esses grupos conseguiram inscrever algumas propostas e reivindicações no Plano Municipal de Saúde e, principalmente, conseguiram através de intensa mobilização e agitação a aprovação do Projeto para Construção do Hospital, a desapropriação do terreno pela Prefeitura e a liberação de recursos financeiros.

Por essa época, esses grupos passam a ser conhecidos como Movimento Popular de Saúde de Itapecerica da Serra e algumas das integrantes da pesquisa participante do Parque Paraíso, exerciam papel de liderança junto a eles.

No final da década, com a mudança na administração municipal o Movimento de Saúde se envolveu na luta pela indicação de um nome para a Diretoria de Saúde de Itapecericas da Serra que correspondesse ao "perfil" adequado para o cargo conforme fora definido pelo próprio grupo a partir de critérios objetivos: escolaridade, formação em saúde pública, etc..

Além da presença de integrantes da pesquisa participante na direção do movimento, muitas das informações que justificaram essas reivindicações baseavam-se em "achados" e discussões realizados no âmbito do processo de investigação.

Essa integração entre a pesquisa participante e o movimento corresponderia a uma condição para a realização e corresponderia, também a objetivos a serem alcançados pela pesquisa participante conforme seus pressupostos metodológicos^(10,11,13,14,15,26,57) De acordo com Pelizzaro⁽⁴⁶⁾, esse avançar do movimento em Itapecerica da Serra estaria vinculado à prática da pesquisa participante. Conforme entrevistas realizadas com técnicos e chefias das unidades de saúde locais, muitas vezes ambos os processos - o movimento de saúde e a pesquisa participante - são usados como sinônimos ou sem maiores diferenciações.

Essa identificação entre dois processos, ainda que desejável, pode ser, porém, problematizada e problemática. Até que ponto o conhecimento sobre os problemas de saúde do município e as possíveis formas de solução - que se esperava atingir na combinação pesquisa/movimento - não pode ter sido afetada pela polarização de posições capaz de

transformar interlocutores em adversários, se não inimigos? Se o reconhecimento da existência de valores e posições ideológicas no âmbito da pesquisa científica foi uma das grandes contribuições da pesquisa participante, o controle e a explicitação desses elementos pode impedir que o conhecimento científico se transforme em simples ideologia no seu aspecto de "visão falseada da realidade"⁽²⁶⁾.

2. RELATO DA PESQUISA DO PARQUE PARAÍSO

a) Conhecimento e Poder

Após os primeiros contatos entre a Faculdade de Saúde Pública - USP e o Centro de Saúde Salvador Leone, profissionais dessas instituições passaram a organizar e participar de reuniões para a discussão da proposta, reuniões essas que terminariam por conseguir a adesão de moradores dos seguintes bairros: Parque Paraíso, São Lourenço da Serra, Jardim Branca Flor, Jardim Santa Julia, Jardim São Pedro, Jardim Jacira.

O grupo original da pesquisa era em número de dezessete mas até o final por problemas de trabalho e outros, reduziu-se a onze que apresentaram diferentes formas e intensidade de participação como pode ocorrer em qualquer grupo.

Na sua origem o grupo era composto por doze mulheres, na sua maioria migrantes da Bahia, Alagoas, Minas Gerais, desempregadas ou autônomas, educação primária incompleta, sendo que uma era analfabeta. As mulheres de maior escolaridade eram ligadas à Faculdade de Saúde Pública e ao Centro de Saúde e, "coincidentemente", nascidas em São Paulo e/ou originárias de Estados do Sul. Entre os homens (5) dois eram desempregados, migrantes de Alagoas e três - ligados ao Centro de Saúde e Faculdade de Saúde Pública - nascidos em São Paulo e com formação superior.

Entre os primeiros articuladores do grupo existiam alguns pontos consensuais que podem ser assim resumidos: "o acesso ao conhecimento, a informações, garante acesso ao poder ou maior possibilidade de articulação junto aos poderes públicos... o conhecimento é produzido em determinado "locus" de sociedade...". Esses pontos consensuais inspiraram a primeira reunião do projeto que teve como objetivo discutir a relação poder-conhecimento.

Procurando garantir que desde o início não houvesse um monopólio de fala por parte do grupo mais escolarizado, o grupo desenvolveu uma dinâmica - "estratégia do silêncio", que consistia em permanecer em silêncio depois da costumeira rodada de apresentação, cabendo à população quebrar o silêncio*. Assim, após a apresentação dos

* A descrição e discussão desta reunião encontra-se publicada na Revista de Saúde Pública 21(1):405-12, 1987. Também Fals Borda (12) (91) relata uma situação semelhante ocorrida nos anos 80 na Nicarágua.

participantes dessa reunião, seguiu-se um silêncio prolongado.

Para fugir disso uma integrante do Clube de Mães do Parque Paraíso contou que se machucara ao fritar um ovo. Muitos aproveitaram o "mote" e o silêncio foi substituído com considerações sobre o ovo. Mas a questão voltou a ser colocada por outro elemento desse Clube:

Todos apresentados. E agora ?".

"Quem será que vai começar?" (novo silêncio) "Tem que vir da autoridade mais alta" (integrante do Clube de Mães de Itapecerica da Serra).

"Por que tem de começar com "a autoridade mais alta?" (professor da Faculdade de Saúde Pública).

Para o grupo de mulheres, quem convocara a reunião deveria se responsabilizar pelo início da própria. Alguns participantes tentaram localizar de onde (ou de quem) partira a idéia da pesquisa. Um deles lembrou que a idéia surgira das discussões e lutas dos próprios bairros. A lembrança criou um novo silêncio: o grupo de mulheres percebeu que a responsabilidade era sua.

"E agora quem vai falar? Ai, meu Deus" (moradora do Parque Paraíso).

Uma vez explicitada a angústia, o próximo movimento pareceu ser o de fugir de novo:

"... É esse o interesse da gente ... Nós estamos aqui para escutar vocês falarem alguma coisa" (professora do Jardim São Pedro).

"E nós estamos aqui para isso ... Pra gente que tá de fora saber como lutar para melhorar os problemas de saúde, né. A gente tá lá fora, então sentindo na pele como é difícil, né o filho da gente doente..." (pessoa do Clube de Mães do Parque Paraíso).

A idéia de que alguém de fora, mais capacitado, pudesse fornecer subsídios, parecia ficar cada vez mais clara ao grupo de mães. A "autoridade" deveria abrir a reunião,

tomar a palavra deveria ser função de quem detivesse o conhecimento. O grupo tangenciava, assim, a idéia que se procurava trabalhar: conhecimento e poder.

"... Mas será que vai partir aqui da comunidade ou dos senhores, aí, não é? O senhor fez uma Faculdade, o senhor entende... Eu acho que as pessoas de nível mais elevado pra dar um impulso, né!" (representante dos bairros).

O grupo continuava a refletir sobre a questão. Surgiu a idéia de que a autoridade não se apresentava tão absoluta. Seria possível tomar a palavra, ocupar o espaço vazio permitindo que o saber assumisse outras dimensões.

"Eu acho assim, que as pessoas, e como a senhora colocou (para outra pessoa da população) de nível mais elevado, elas apenas estudaram, né, e têm uma base do que é ... Agora é a gente quem sofre o problema ... eles estudaram, têm o conhecimento, agora a gente tem a prática, né, a convivência com os problemas" (representante do Parque Paraíso).

No entanto, o grupo parecia não absorver totalmente a idéia. A referência ao conhecimento advindo da prática foi oportuna porque permitiu escapar ao impasse, voltando-se ao tradicional, ao já vivido. Trazer um problema vivido pela população para debater com técnicos permitiu ao grupo voltar a uma situação menos desafiadora, mais conhecida:

"Agora eu vou levantar um problema aqui: tem uma fossa aberta aí num lugar muito perigoso..." (voz não reconhecida).

Depois deste "desvio", um elemento do Centro de Saúde colocou a questão para o grupo de mães.

"Vocês perceberam que aconteceu uma coisa, ne?".

"O que aconteceu? O que você percebeu?".

"Ah, eu percebi assim que tudo tava parado. Eu vim aqui para escutar o pessoal da Saúde Pública, né" (integrante do Clube de Mães do Parque Paraíso).

O grupo, desta vez, colocou claramente seu objetivo: ouvir o pessoal de Saúde Pública, o que podia significar, também: quem trabalha na Faculdade sabe mais e ensina (fala) para quem sabe menos (escuta). No entanto, com o desenrolar da reunião, essa idéia deixou de ser consenso:

"Eu acho o seguinte ... as pessoas ficam esperando assim, por conta da criação: agora eu comecei a participar e converso muito com meu marido, ele acha que não tem nada a ver. Essas pessoas como você que fazem parte do C.S., da SABESP, essas coisas, apenas são uns funcionários, apenas estudaram mais que a gente. Então o povo fica esperando porque tá acostumado a ver que essas pessoas que são mais estudadas ... e o pessoal fica com medo de falar e não saber falar. Porque a gente fala palavra errada, tem muito significado de palavra, então a gente tem medo de falar e de errar. No meu modo de ver é isso o que acontece, mas acho que não tem nada a ver".

Nós estamos aqui para fazer uma troca, né. A gente tem a palavra sobre o que a gente sofre lá fora e vocês têm alguma coisa. Troca uma pela outra pra ver se as coisas melhoram. Eu acho assim" (participante do Clube de Mães do Parque Paraíso).

"Eu acho que esse primeiro assunto é perguntar de quem é a palavra? ... A palavra é nossa e iniciamos a reunião? A palavra é de vocês? De quem é a palavra?" (professor da Faculdade de Saúde Pública).

Com a adoção da "estratégia do silêncio", na primeira reunião do projeto se procurou, desde o início, explicitar e problematizar a relação do poder, implícita ao processo de conhecimento entre a população e os técnicos, com vistas ao estabelecimento, no correr de toda a pesquisa, de uma relação de troca entre as instâncias envolvidas.

b) Democratização de Informações

Na reunião seguinte, discutiram-se os efeitos da reunião anterior. Nesse sentido é bastante ilustrativo o seguinte depoimento:

"É uma coisa ... que eu achei muito bonito aqui ... É sobre a palavra né, tem dois tipos diferentes de pessoa, né, e que essas pessoas todas têm palavra, né, eu achei muito bonito isso, sabe ..." (morador do Parque Paraíso).

Em seguida partiu-se para alguns esclarecimentos sobre questões de metodologia de pesquisa e sobre questões relativas à natureza específica da pesquisa participante, a questão do poder do conhecimento expressada neste diálogo entre um morador de Itapecerica, professores da Faculdade de Saúde Pública (b) e técnicos do Centro de Saúde (c):

(a) "Posso fazer uma pergunta?".

(b) "À vontade".

(a) "Essa reunião é pra gente aprender a fazer pesquisa ou é pra gente falar alguma coisa que a gente sabe?".

(b) "Essa reunião é pra várias coisas".

(c) "E aprender".

(b) "É pra todo mundo aprender. Nós todos estamos aprendendo uns com os outros".

(c) "E a troca. A questão da troca que se falou na última reunião".

(a) "Eu não sei. É a primeira vez que eu tô aqui. Eu só sei que a gente pode falar aquilo que a gente sabe, aquilo que a gente precisa, ou a gente vai perguntar pras pessoas?".

Em seguida foram prestados mais esclarecimentos sobre a função da pesquisa.

A reunião terminou com uma avaliação geral em que se reforçou a idéia da troca de conhecimentos, bem como a necessidade de organizar as próximas reuniões para que a discussão pudesse fluir melhor. A reunião seguinte ocorreu no Jardim São Pedro e a temática permaneceu centrada sobre o relato de problemas de saúde vividos pela população e o conhecimento (científico e popular) sobre saúde.

Discutiu-se em seguida a questão do atendimento hospitalar na região e outras questões relativas ao uso de medicamentos e do relacionamento da saúde com as condições de vida. Estabeleceu-se a relação da discussão com a pesquisa:

"Acho que o que a "colega" colocou é muito importante: achar o objetivo da pesquisa, anotar, identificar vários depoimentos sobre a realidade de saúde em Itapeverica" (professor da Faculdade de Saúde Pública).

Discutiu-se em seguida a responsabilidade pelas condições sociais e econômicas geradoras de doenças. A reunião terminou com propostas de trabalho para as próximas reuniões.

Na reunião desenvolvida no Jardim Santa Júlia, aparece com clareza a idéia da troca de conhecimento:

"A gente está aprendendo muita coisa, eu sei que a gente está trocando estas idéias; nós, o pessoal da Faculdade e do Posto de Saúde" (morador do Jardim Santa Julia).

"Mas antes a gente não podia falar, mas agora a gente tá podendo falar" (morador do Jardim Santa Julia).

O técnico do Centro de Saúde colocou a pesquisa como ferramenta de luta pela saúde. O grupo decidiu fazer uma visita ao bairro colocando-a no contexto da aprendizagem sobre pesquisa. Em seguida à visita foram discutidos vários aspectos observados no bairro: saneamento, necessidade de espaços de lazer, falta de verde, posse da terra, relações com a Prefeitura, problemas de violência e policiamento, falta de farmácia, falta de cemitério.

Na reunião seguinte realizada no Parque Paraíso, levantou-se, pela primeira

vez, a idéia de resumir os assuntos discutidos até o momento nas varias reuniões. Colocou-se que isso seria um passo necessário para que se pudesse selecionar, dentre a enorme gama de temas afeitos direta ou indiretamente a saúde, alguns para serem objeto de pesquisa sistemática, como por exemplo:

- Prioridade para o hospital.
- Bom atendimento. - Limpeza.
- Falta de médicos.
- Falta de remédios.
- Melhora salarial.
- Ação da Prefeitura ligada ao direito de cobrança da população.
- Falta de administração dentro do posto.

Em seguida houve uma exposição do diretor do Centro de Saúde sobre a estrutura da Assistência à Saúde no Brasil entremeada de discussões sobre os vários tópicos abordados.

Discutiu-se a questão do relacionamento entre Centros de Saúde (Secretaria de Saúde) e Unidades de Saúde da Prefeitura Municipal. Foi colocado o problema do despreparo dos funcionários da Prefeitura para o trabalho e do desinteresse das enfermeiras municipais responsáveis pela qualidade da mão-de-obra na área de saúde para o município.

Discutiu-se o quanto a questão social em Itapecerica estaria atrasada, citando-se como exemplo o fato de que quando existe um trabalho mais amplo de conscientização e melhoria na qualidade dos serviços oferecidos à população usuária, os responsáveis correm riscos, como ameaça de morte, rapto dos filhos e perseguições de vários tipos:

"Para matar uma pessoa aqui neste município custa Cz\$ 200,00 (duzentos cruzados)" (morador de Itapecerica da Serra).

Dada a proximidade das festas de fim de ano e das ferias de verão, as reuniões foram suspensas até março.

Na primeira reunião de 1987, o técnico do Centro de Saúde relatou que produzira um documento-síntese sobre as discussões, com o titulo: "Eu sei ver", para dar a idéia de que a comunidade é capaz de produzir conhecimentos. Sobre esse documento, uma

moradora do Parque Júlia salientou as diferenças de classe em relação ao conhecimento:

"Ele (o que está em cima) sabe pela leitura e nós sabemos pelo sofrimento, né".

Após a discussão do documento, o tópico tratado dizia respeito às dificuldades de arregimentação da população para a luta pela saúde e como a pesquisa poderia servir como instrumento de luta na medida em que refletisse a opinião do coletivo e não apenas das lideranças. Como consequência decidiu-se fazer um exercício didático que consistia em dividir o grupo (dez pessoas) em dois sub-grupos com a finalidade de se elaborar questões sobre os assuntos discutidos até o momento.

O objetivo do exercício consistia em familiarizar o grupo com a dificuldade de se passar da fase de levantamento de problemas para a fase de elaboração de questões. O exercício foi realizado e em seguida foram discutidas, as questões levantadas tanto em relação à forma como ao conteúdo.

Na reunião de 7 de maio de 1987 realizada no Centro de Saúde, retomou-se o assunto da discussão anterior sobre as questões discutindo-se problemas como a possível indução de respostas "versus" garantia de espaço para a livre opinião do entrevistado. Continuou-se a discussão sobre os itens do levantamento propondo-se novo exercício para a elaboração de questões a partir de temas. Após o exercício o grupo constatou os avanços conseguidos e uma professora da Faculdade de Saúde Pública observou que os exercícios realizados pelo grupo consistiam no procedimento normal de uma pesquisa que se faz na universidade, num instituto de pesquisa, num centro de saúde:

"Você fez a pergunta. Você fez o pré-teste, você selecionou a alternativa, ou seja, você está realizando o objetivo daquela primeira reunião: todos nós aprendemos aqui". Nessa reunião outro assunto desenvolvido foi a questão da amostragem e a necessidade de se socializar o conhecimento sobre o assunto no grupo. Discutiram-se igualmente outras possibilidades: pesquisa qualitativa, pesquisa em grupo, etc. A amostragem apareceu para o grupo como técnica cuja função consistiria em permitir a manifestação da opinião coletiva:

"A pesquisa pega muita gente: uns fala bem, outros falam mal, conforme também o tipo de entrada da pesquisa que a gente vai falar o que é ..." (moradora do Jardim

Santa Julia).

Mencionou-se a necessidade de pré-teste do questionário assim como da necessidade de se promover o retorno dos dados para a população pesquisada. Discutiu-se finalmente como encaminhar a questão do orçamento da pesquisa.

Na reunião seguinte, decidiu-se fazer uma avaliação do trabalho realizado até então. Foi constatada pelo grupo a necessidade de se passar para nova etapa: superar a discussão pela discussão. Algumas falas revelavam que as discussões no grupo de pesquisa criaram a sensação de pertencimento a um grupo, redundaram em aprendizado de conhecimentos e em enriquecimento pessoal.

c) O Planejamento da Pesquisa

Tema

O objetivo da pesquisa - concepções de saúde dos moradores de Itapecerica da Serra - foi selecionado após transcrição e discussão do conteúdo das reuniões que antecederam a formação do grupo de pesquisa (realizadas nos bairros de Itapecerica da Serra) e das reuniões do projeto. Acreditou-se que esse tema deveria ser investigado porque o movimento de saúde deveria - além de se inspirar no conceito de saúde dos moradores de Itapecerica da Serra para desenvolver suas lutas - também deveria polemizar com seus integrantes e liderados, sobre as diferentes concepções e alternativas para a questão da saúde.

Local

Depois de várias discussões selecionou-se o bairro denominado de Parque Paraíso para sediar a pesquisa. Essa escolha atendia a três critérios:

- densidade demográfica
- localização central
- baixo nível de organização

Com esses critérios o grupo entendia que, além de conseguir alcançar mais pessoas e mais informações desejadas, poderiam utilizar a própria atividade de pesquisa como propaganda e forma de mobilização para o movimento de saúde.

Vale lembrar ainda, que essa decisão foi tomada de maneira coletiva, sendo que todos os integrantes do grupo participaram de maneira igualitária.

Quanto à definição das pessoas que seriam entrevistadas nesse bairro, foi necessário que os técnicos integrantes da pesquisa assumissem um papel maior ainda que, de acordo com os pressupostos da pesquisa participante, esse fato ocorresse com uma preocupação pedagógica de troca de informações.

Utilizando-se a imagem do "exame de sangue"* para exemplificar o que seria uma "amostra", os técnicos - com auxílio de um professor de estatística da Faculdade de Saúde Pública - USP, instruíram os outros integrantes do grupo sobre esse passo da pesquisa.

Vale lembrar, ainda, que para a definição de amostra foi feita uma contagem rápida de todos os domicílios e endereçamento das quadras censitárias sorteadas, com a participação de todo o grupo. Esse processo de socialização de informações revelou-se bastante produtivo na avaliação do assessor de estatística, que sublinhou em depoimento a contribuição do grupo como extremamente vantajosa para a realização dessa técnica de pesquisa.

Instrumentos

Em sua dissertação de mestrado, Pellizzaro ⁽⁴⁶⁾ relata com bastante clareza o processo de construção coletiva do instrumento de pesquisa.

Para o grupo as perguntas deveriam ser curtas mas claras, evitando respostas

* Essa imagem foi utilizada porque corresponde a uma experiência bem concreta e bastante conhecida pelo grupo. A idéia que se socializou foi a seguinte: Assim como só se usa um pouco do sangue de uma pessoa para se saber o que ela contém e como ele é constituído, também só é necessário entrevistar-se algumas pessoas para se conhecer alguns dados de uma população.

tipo sim, não, não sei, dando espaço para as pessoas se manifestarem e, principalmente, não "forçando" as pessoas a darem as respostas que o grupo queria.

"As perguntas eram formuladas e procedia-se à análise delas, como aconteceu com estas que foram propostas: "O Que significa saúde prá você?", "Na sua opinião, o que é um bom atendimento?", "Quando você vai ao médico, como ele te trata?", "Na sua opinião, a boa consulta depende só do médico?", "O que você acha dos médicos do posto de saúde do seu bairro?". X achou que a última pergunta "deixa assim parado, ela se cala". Eu prefiro esta: "como você gostaria que o médico te atendesse?". "Não se, daria, assim, um bom espaço prá pessoa". Y já acha que a pergunta "o que significa saúde prá você?" "dá chance prá pessoa de se abrir, soltar o que ela tem lá dentro"⁽⁴⁶⁾.

"Freqüentemente as pessoas achavam que a boa resposta era a que expressava o mesmo ponto de vista do entrevistador: "Eu fiz esta pergunta prá uma mulher: prá você, o que é médico bom? Aí ele respondeu: prá mim, o médico bom tem que ser bem educado, tem que ser carinhoso com as paciente, examinar direitinho, procurar o paciente o que é que ele sente. "Eu fiquei satisfeita, gostei, por que eu acho que foi igual eu pensava". Aí era preciso explicar que a "boa resposta" não era a que expressava a mesma opinião do pesquisador, mas a que expressava a opinião do informante, não importando seu conteúdo,. Questionamos também as demais perguntas relacionadas ao atendimento médico, no sentido de que elas estariam induzindo as respostas para uma visão de saúde em que a intervenção única do médico fosse a questão fundamental"⁽⁴⁶⁾

Conforme se depreende da análise dessa transcrição, os integrantes mais escolarizados tiveram um papel de destaque nessa etapa da pesquisa não só na formulação das questões mas também em questões de fundo como a concepção de saúde, sem que, aparentemente, ocorresse um monopólio da fala. De acordo com a autora e os diários de campo da pesquisa, todos os integrantes tiveram espaço para discutir e deliberar.

"Enfim, diversas propostas foram levantadas e criticadas, até chegarmos a uma formulação que o grupo achou a mais abrangente, menos indutiva e que iria atender aos objetivos a que havíamos proposto. (Anexo 1)"⁽⁴⁶⁾

Vale lembrar, ainda, que a insistência nessa discussão foi assumida pelos profissionais das duas instituições e que, apesar de se ter atingido um nível consensual,

alguns integrantes se mostraram contrariados com a demora, criando-se uma situação tensionada que foi explicitada e discutida.

Apesar desse clima novamente se chegou a um consenso através da deliberação para se utilizar três instrumentos: questionários e entrevistas aprofundadas e história de vida, que garantiriam mais informações sobre as condições de vida da população.

Após essas discussões chegou-se ao seguinte desenho de pesquisa.

- *questionários* (levantamento sócio-econômico) com dezesseis informantes por setor, sendo aplicado quase um por quadra: 112 questionários.
- *entrevistas*: realização de oito por setor: 56 entrevistas
- *história de vida*: realização de uma por setor: 7 entrevistas.

d) A execução da pesquisa participante

O grupo decidiu realizar as entrevistas um dia por semana. Nesse dia reuniam-se no Centro de Saúde onde se distribuía o material: questionários, mapa de endereçamento e gravadores.

Ao final das entrevistas havia uma reunião para avaliação do trabalho. As dificuldades e impressões eram colocadas. Dessa maneira percebia-se quando ocorria certa dose de indução e dificuldades de compreensão. Expressões como serviços de saúde foram entendidas como não fazendo parte do universo vocabular e substituídas por outras. Vale lembrar que esses problemas ocorreram apesar de realização de pré-teste e foram sendo superados ao longo do trabalho.

Análise dos Dados

Utilizou-se, para a realização da análise, o procedimento de transcrição das entrevistas, leitura exaustiva individual e em grupo das mesmas e registro das impressões em folhas tipo album-seriado coladas nas paredes de uma sala do Centro de Saúde. Quando as afirmações começavam a coincidir considerava-se a análise satisfatória.

Vale lembrar que esse procedimento fez parte de um processo de trabalho com dados "qualitativos" e que ocorreu sem disparidades de participação e de capacidade interpretativa entre os sub-grupos dos pesquisadores conforme se depreende de leitura dos relatórios sobre o trabalho de campo e de análise que consistiram na transcrição integral e fidedigna de todas as falas e atividades.

A compreensão da realidade estudada não se constituiu como um privilégio dos profissionais de nível superior.

O tratamento estatístico dos dados por exigir um conhecimento técnico especial assim como de aprendizado formal em matemática, por sua vez, foi assumido pelos técnicos, mas foi totalmente absorvido pelos outros integrantes da pesquisa.

Relatório e Cartilha

Ao final da análise, o grupo de investigadores foi capaz de elaborar de maneira coletiva uma cartilha que sintetiza, de maneira simples e clara, as principais informações obtidas pela pesquisa.

Denominado: "Eu sei ver", assim fala o documento:

"Nossa primeira descoberta: a palavra tem dono... mas nós podemos mudar essa situação: vimos que quem estuda tem toda uma teoria, às vezes não tem vivência da realidade e nós, povo, fazemos com que suas palavras bonitas se tornem práticas de vida".

"Através da pesquisa feita no Parque Paraíso, nós descobrimos que a saúde não está sendo um direito de todos e sim um privilégio de uma pequena parte da população. Por que esse privilégio? Na pesquisa alguns entrevistados responderam que só tem saúde uma parte privilegiada do bairro".

"Como vamos ter saúde se nosso bairro não tem sistema de esgoto, se o esgoto está correndo a céu aberto, se muitos terrenos baldios estão cheios de lixo, há grandes criações de ratos, pois eles se alimentam de lixo; além dos ratos e baratas, outros insetos vêm nestes locais: para ter saúde além de bons serviços é preciso ter o bairro bem saneado".

Para essas falas o movimento pôde perceber que saúde é mais que assistência médica, percebeu também que a população entende a relação entre saúde e condições de vida e porque essa relação é escamoteada:

"Aprendemos a ver somente os serviços de saúde: postos, hospitais, clínicas e pronto-socorros como o único meio de evitar doenças. Isso é que as autoridades querem que a população pense. A população não pensa assim.

Para ter saúde, além de bons serviços, é preciso ter o bairro em que se vive bem saneado, um bom salário, segurança e uma boa alimentação".

O conteúdo dos depoimentos revela, assim, um conceito de saúde que transcende a questão da atenção médica. Esse conceito, explicitado em vários depoimentos, é confirmado pelos dados quantitativos que revelam a extrema penúria da área de Itapecerica da Serra.

A relação condições de vida e saúde constantemente denunciada e provada na produção teórica em saúde desde meados da década de 70 foi, quase que despercebidamente, substituída ou colocada em segundo plano, diante da prioridade política assumida pela questão da constituição de um sistema de saúde adequado.

Independentemente da justiça e da pertinência da necessidade de extensão de assistência médica a população, esse discurso desacompanhado de reivindicação por condições de vida, pode escamotear a realidade social ou negligenciar outros aspectos relevantes da questão da saúde fazendo com que, contraditoriamente, os movimentos por saúde, desenvolvam uma conceituação sobre o processo saúde-doença com forte influência do modelo biológico ou ainda com traços de medicalização. Assim, a experiência do Parque Paraíso pode ter contribuído para uma "re-problematização da saúde".*

O uso de cartilhas para divulgar os resultados de uma pesquisa participante é

* Apesar de a representação de sociedade e movimentos sociais que inspira esse trabalho (e mesmo os autores consultados para sua realização) apresentar bastante identidade com as propostas de Sociologia de Ação, não será essa a perspectiva de análise a ser desenvolvida pelo que exige a realização de uma metodologia de caráter coletivo: a intervenção sociológica que não se adequava, nesse momento, às condições de realização deste trabalho.

recomendada por vários autores e manuais por ser adequada para divulgação da experiência em si e do movimento em geral ao qual está ligada.

Decorridos cerca de três anos dessa experiência, ao se voltar para Itapeçerica da Serra para registrar suas possíveis contribuições, percebeu-se que esse documento está bastante difundido entre participantes de movimentos e profissionais da área de educação e saúde o que revela sua pertinência política e metodológica.

III - METODOLOGIA

1. O ESTUDO DE CASO E A METODOLOGIA QUALITATIVA NA AVALIAÇÃO DA PESQUISA PARTICIPANTE

O estudo de caso

Para se interpretar a experiência da pesquisa participante do Parque Paraíso optou-se por realizar um estudo de caso. Esse método de investigação pode ser definido como um "estudo em profundidade de casos particulares, isto é, uma análise **intensiva** empreendida numa única ou em algumas organizações reais ... reúne informações tão numerosas e tão detalhadas quanto possível com vistas a apreender a totalidade de uma situação ... Por isso recorre à técnica de coletas de informações igualmente variadas (observações, entrevistas, documentos ...). Alguns estudos têm o intento de exploração ... outros são essencialmente descritivos e tomam a forma de uma monografia ... e outros ainda perseguem um objetivo **prático**, seja porque visam estabelecer o diagnóstico de uma organização, ou a fazer sua avaliação, seja porque procuram prescrever uma terapêutica ou mudar uma organização ..."(17).

De acordo com essa definição o estudo de caso foi útil para o trabalho em questão dado que ao ser feito, além de serem descobertas novas problemáticas desse método (o que significa um caráter de estudo exploratório) foi possível também avaliar esse processo junto à organização Centro de Saúde Salvador Leone e tecer considerações sobre sua prática. Nessa segunda dimensão assumiu um caráter de estudo de caso "prático"⁽¹⁷⁾ realizado basicamente através de técnica de pesquisa social de caráter qualitativo. Sendo objetivo deste projeto a avaliação de uma experiência de pesquisa participante, optou-se pela adoção de procedimentos metodológicos de cunho qualitativo.

Ainda que entrevistas e depoimentos tenham feito parte do arsenal teórico da

Sociologia desde seus primórdios, a partir dos anos 50, estiveram relativamente em desuso, somente retomando um papel importante nas duas últimas décadas⁽⁴⁷⁾. Esse fato é entendido por autores como Durham como decorrente da crise explicativa das grandes teorias sociológicas⁽²⁸⁾. Para outros o desenvolvimento da Antropologia, deslocando para as sociedades complexas seu arsenal metodológico originariamente empregado no estudo de "sociedades primitivas" também explicaria esse ressurgimento que também parece inspirado na crítica à transposição do método das Ciências Naturais às Ciências Sociais ⁽³¹⁾.

Ao se propor a analisar o significado coletivo e individual do projeto do Parque Paraíso - através de depoimentos e entrevistas - não se pretendeu que a transcrição da fala fosse explicação da realidade vivida e analisada. Pretendeu-se que as ferramentas empregadas na construção do conhecimento social respeitassem a característica do objeto desse conhecimento, que é a capacidade de falar com o investigador - preocupação essa bastante presente na formulação teórica da pesquisa participante.

Pode-se definir, assim, que as inquietações que inspiraram o desenvolvimento de propostas de pesquisa participante são do mesmo tipo daquelas que levaram à revalorização de métodos qualitativos na análise sociológica, o que justificaria, entre outros motivos, sua adoção nesse projeto. Vale lembrar ainda que, desde meados dos anos 80, a possível contribuição do emprego de métodos qualitativos no estudo em Saúde Pública tornou-se presente nos debates metodológicos da área, debates esses que inspiraram esta reflexão sobre uma experiência de pesquisa participante em saúde.

A avaliação: pontos selecionados

Ao se avaliar a experiência da pesquisa participante realizada no Parque Paraíso, em Itaipericica da Serra - Município da Grande São Paulo, a reflexão desenvolvida procurou responder a algumas indagações.

Em primeiro lugar colocou-se a indagação sobre a contribuição da pesquisa participante para a dinâmica do movimento social ligado ao seu desenvolvimento: o Movimento de Mulheres de Itaipericica da Serra e sua luta pela construção de um Hospital Público na região.

Para essa reflexão outra se fazia necessária, ou seja, sobre a face dos movimentos sociais que se pretendia desvelar. Nesse sentido, após uma discussão sobre seu caráter e dinâmica, procurou-se identificar em que medida a experiência na pesquisa participante contribuiu para a criação de formas diferentes de relações sociais cotidianas que, segundo Eves⁽³⁰⁾, seriam a base de um "trabalho de formiga" de longa duração mas com grande potencial de transformar estruturas de poder. Para essa reflexão optou-se por análise temática das entrevistas e depoimentos, destacando-se mudanças nas relações familiares, profissionais e na própria prática interna e externa dos movimentos sociais.

Outra faceta a ser explorada seria a influência da pesquisa participante no sentido de aumentar a autonomia e a participação igualitária dos integrantes dos movimentos sociais. Na medida em que os procedimentos da pesquisa participante visam a transferência de conhecimentos e técnicas para setores da população anteriormente entendidos como objetos de estudo, de pesquisa e que passariam a ser capazes de atuar como sujeitos do processo de produção do conhecimento, procurou-se reproduzir a experiência do Parque Paraíso para que se verificasse se esses procedimentos teriam ocorrido de fato. Para isso

foram utilizados os registros de pesquisa assim como entrevistas e depoimentos dos próprios integrantes.

Através da leitura desse material procurou-se detectar a participação dos diferentes setores sociais na pesquisa e, principalmente, se as diferenças de aptidões e formações teriam levado a uma hegemonia no processo de análise por parte de profissionais da saúde ou professores da universidade.

Ainda dentro dessa temática procurou-se verificar se, além de garantir participação equilibrada entre todos seus membros, a pesquisa do Parque Paraíso teria sido capaz de elaborar ou de sistematizar informações pertinentes sobre a situação de saúde no município, aumentando com isso a competência discursiva dos integrantes dos movimentos sociais e criando um conhecimento que se constituísse como uma reflexão sobre a vida cotidiana capaz de influenciar comportamentos, aumentando solidariedade e identidade no mundo da vida contra a mercantilização da sociedade e burocratização das relações sociais. Para isso foram confrontados os resultados da pesquisa de campo e depoimentos de integrantes da pesquisa e dos serviços de saúde da área.

Ainda dentro da preocupação com a autonomia dos movimentos sociais procurou-se registros da possível influência da pesquisa participante junto aos serviços de saúde ou outras instituições da área, a fim de se perceber se estas experiências coletivas teriam influenciado no sentido de democratizar ou tornar mais transparentes as práticas das instituições locais. Novamente recorreu-se a entrevistas e depoimentos dos diferentes atores sociais da região: técnicos, militantes, moradores...

2. DESCRIÇÃO DO TRABALHO DE CAMPO

Entre os anos de 91 e 92 ocorreu o trabalho de campo do projeto de avaliação da pesquisa do Parque Paraíso - Itapecerica da Serra, que consistiu na realização de duas entrevistas individuais com chefias da Unidade Básica de Saúde e do Escritório Regional de Saúde da região, uma entrevista coletiva com técnicos de nível superior da Unidade Básica de Saúde, uma entrevista coletiva com integrantes da pesquisa participante do Parque Paraíso e levantamento da História de Vida de duas integrantes da pesquisa do Parque Paraíso e do movimento social de saúde de Itapecerica da Serra. As entrevistas e a tomada de depoimentos para elaboração da História de Vida foram realizadas de maneira aberta, sem roteiro.

Considerou-se essa época adequada visto que já haviam decorrido mais de três anos desde a realização da experiência em pauta, o que permitiria um distanciamento em relação ao processo sem se perder a atualidade do objeto de estudos, a pesquisa do Parque Paraíso. Outro fator importante para a realização do trabalho nesta época foi o fato de que o município contava, nesse momento, com uma administração cuja orientação política não apresentava, experiências de relacionamento mais prolongado ou de intenso diálogo com movimentos coletivos. Além disso os integrantes da pesquisa do Parque Paraíso, assim como muitas lideranças e militantes de região, haviam apoiado outros candidatos à eleição municipal. Diante dessa conjuntura seria interessante identificar que padrão de relacionamento seria estabelecido entre esses atores, com uma história de oposição entre si.

Esse período, porém, não foi ocupado de maneira intensiva, havendo longos espaços entre as diferentes tarefas realizadas em campo: entrevistas individuais, coletivas, depoimentos. As entrevistas individuais com chefias do setor saúde e a entrevista com técnicos da Unidade Básica de Saúde foram realizadas no primeiro trimestre de 1991. A entrevista coletiva com integrantes da pesquisa e as individuais com moradores de Itapecerica da Serra foram realizadas no início de 1992, com dois meses de intervalo entre elas. Apesar desse fato, que poderia significar limites para a interpretação dos dados, considera-se que o trabalho não foi prejudicado porque os espaços mais longos ocorreram entre tarefas diferentes. As entrevistas individuais - selecionadas para colher dados de um tipo de população - ocorreram no mesmo período, enquanto que as demais, apropriadas para outros tipos de população, ocorreram em períodos próximos. Manteve-se, assim certa

padronização no ritmo do trabalho de campo.

No tocante aos procedimentos para realização das entrevistas e outras técnicas de coleta de dados manteve-se o mesmo padrão para todos os informantes:

- contato telefônico ou pessoal para agendamento;
- ofício da Faculdade de Saúde Pública explicando os motivos do evento;
- explicação pessoal sobre a pesquisa, seus objetivos e métodos;
- garantia de não identificação nominal dos informantes;
- pedido para uso do gravador*.

Além de dados primários obtidos em campo foram utilizados dados secundários, obtidos de fontes reconhecidas como legítimas na tradição científica. Jornais, relatórios, publicação e compilação de agências públicas outras devidamente referenciadas no corpo do trabalho. Esse tipo de procedimento, próprio de um estudo de caso, revelou-se adequado e útil aos objetivos do projeto.

Em relação aos dados levantados, assim como às análises efetuadas ao longo do trabalho, poder-se-ia, - à primeira vista - considerar haver um certo desequilíbrio entre o volume de informações e análises sobre os técnicos dos serviços de saúde e aquelas referentes à comunidade local. Esse fato, porém, pode ser explicado pelo próprio eixo da pesquisa, ou seja, o impacto das experiências públicas - movimentos sociais e/ou pesquisa participante - no nível privado do cotidiano de integrantes tanto da pesquisa em análise como dos movimentos coletivos. Em função desse eixo a população de Itapeverica foi alvo de entrevistas coletivas e tomada de depoimentos que costumam produzir maiores informações do que entrevistas comuns.

* Por escolha dos entrevistados, em alguns casos as informações foram registradas manualmente.

3. O PROCESSO DE LEVANTAMENTO E ANÁLISE DE DADOS

Este trabalho discutiu em que sentido a experiência do Parque Paraíso contribuiu para o desenvolvimento dos movimentos sociais e das pessoas envolvidas neste projeto e, finalmente, dos serviços de saúde da área.

Esta discussão se fez através da análise dos depoimentos e das entrevistas de participantes da pesquisa, em que se procurou identificar em que sentido a prática - coletiva e individual - destes elementos foi afetada/transformada e/ou mesmo problematizada, devido à experiência do Parque Paraíso.

Para se inferir a contribuição de pesquisa participante foram utilizados procedimentos de análise de conteúdo. "Qualquer análise de conteúdo visa, não o estudo da língua ou da linguagem, mas sim a determinação mais ou menos parcial do que chamamos as condições de produção dos textos. O que tentamos caracterizar são estas condições de produção e nossos próprios textos"⁽⁷⁾.

"A análise de conteúdo visa o conhecimento de variáveis de ordem psicológica, sociológica, histórica, etc., por meio de um mecanismo de dedução com base em indicadores reconstituídos a partir de mensagens particulares"⁽⁷⁾. A partir da análise temática das entrevistas e depoimentos, pretendeu-se deduzir o papel da experiência vivida na pesquisa participante como variável sociológica interveniente na produção do texto (entrevistas/depoimentos) que deveria conter a opinião dos entrevistados, suas representações e suas práticas em relação: aos movimentos sociais, aos serviços de saúde e as suas próprias práticas individuais e/ou coletivas. O relato da situação ou da história recente dos movimentos sociais em saúde que inspiraram a do Parque Paraíso também contribuiu para esta discussão. Este relato, por sua vez, foi constituído a partir de entrevistas

com elementos do grupo da pesquisa participante, com integrantes do movimento de saúde e com técnicos e dirigentes do setor Saúde em Itapeirica da Serra, município do Estado de São Paulo, onde se localiza o Parque Paraíso e registros de pesquisa e consulta bibliográficas.

A preocupação com novas formas de relacionamento que questionassem estruturas de dominação - outro elemento pesquisado - inspirou-se na questão da construção da cidadania, a partir da possibilidade de vivência nos movimentos sociais - os quais teriam origem na constatação de carências comuns em torno das quais é constituído um grupo reivindicatório. Segundo Durham⁽²⁸⁾, o estilo de vida urbana levaria - na esfera pública - à despersonalização do indivíduo o qual somente seria reconhecido como sujeito na esfera íntima da família ou de grupos primários.

"A vivência em movimentos que enfatizam a participação de todos, o consenso, a decisão coletiva permitiria que ocorresse um processo novo: o da constituição de pessoas na esfera pública. Essa constituição, que faz parte da construção da cidadania não se faz, contudo espontaneamente. Ela é o resultado de um movimento organizado que pressupõe intenções diretoras, estratégia, reflexão e conhecimento"⁽¹⁾.

Ao procurar recuperar a experiência de pesquisa participante do Parque Paraíso, através da fala de seus integrantes, o fio condutor desse "ouvir" foi a identificação de novas vivências cotidianas - públicas e privadas - que apontavam para uma experiência de cidadania a qual pressupõe a construção de identidades* que, por sua vez, são constituídas a

* Segundo Sader (48) a identidade de um grupo não é inerente ou pré-existente ao próprio ou decorrente de um sistema de valores ou de condições objetivas de vida, mas é construída de maneira coletiva através de práticas pelas quais seus membros pretendem defender seus interesses e expressar suas vontades. A identidade seria, então, construída nas lutas sociais, no coletivo. Bassit (5.1) define identidade como algo decorrente da consciência do outro, dentro da perspectiva da psicologia

partir do rompimento de relações de dominação⁽²⁴⁾.

Para a avaliação dessa experiência foram realizadas entrevistas individuais e/ou grupais "centralizadas num tema particular" (sem roteiro), no caso a experiência do Parque Paraíso. A adoção dessa técnica é recomendada por Bruyne⁽¹⁷⁾ para a coleta de informações, de opiniões expressas sobre acontecimentos, mudanças de atitudes e de influências. Diante disso foram realizadas entrevistas centralizadas junto às chefias burocráticas do setor saúde de Itapecerica da Serra, com o objetivo de levantar dados sobre as informações que essas chefias tinham sobre a pesquisa participante do Parque Paraíso, assim como detectar a sua possível avaliação sobre a pesquisa no que diz respeito aos serviços de saúde da área, assim como sobre o movimento de saúde. Procurou-se, também, comparar as informações e avaliações das chefias com as opiniões de técnicos do Centro de Saúde que sediou a pesquisa participante em avaliação.

A fim de se registrar a posição dos integrantes da pesquisa participante em relação ao assunto e, posteriormente, compará-la aos outros entrevistados foi realizada uma entrevista em grupo sobre o tema. Considerando-se que este trabalho tinha como um de seus objetivos verificar em que sentido a vivência em experiências públicas pode interferir no nível das relações pessoais, privadas, procurou-se obter o depoimento de mulheres dos bairros de Itapecerica que haviam participado da pesquisa do Parque Paraíso. Resumidamente, a população que foi objeto de estudo neste trabalho foi constituída por:

- a) responsáveis pela administração do setor saúde em Itapecerica da Serra nos níveis estadual e municipal (2 médicos) diretores do ERSA e da Unidade Básica de Saúde,

social. No contexto desse trabalho entende-se identidade como a representação de um grupo sobre si próprio e a sociedade abrangente, adquirida a partir de experiências vividas em espaços públicos, "locus" dos movimentos sociais e da constatação de suas carências e de seu direito de superá-las.

respectivamente;

- b) representantes da equipe técnica do Centro de Saúde Salvador Leone (uma psicóloga e uma terapeuta ocupacional);
- c) integrantes do grupo de pesquisa participante do Parque Paraíso: um técnico da UBS - assistente social e dois professores da Faculdade de Saúde Pública e seis moradores de Itapecerica da Serra (quatro donas-de-casa, uma costureira de um hospital da PMSP e uma costureira em indústria de confecção de cidade do interior paulista).

Para caracterizar o município de Itapecerica da Serra foram levantados dados secundários em fontes citadas na bibliografia. A apresentação do município encontra-se em anexo (Anexo 3).

**IV - A PESQUISA PARTICIPANTE E O
MOVIMENTO SOCIAL DE ITAPECE-
RICA DA SERRA: UM ENSAIO DE
INTERPRETAÇÃO**

1. APRESENTAÇÃO

A interpretação das informações obtidas junto à população alvo deste projeto operou-se em três momentos. Em primeiro lugar apresentaram-se os dados levantados em entrevistas e depoimentos. Dada a especificidade de cada um desses recursos técnicos a apresentação se deu de forma diferente.

As entrevistas foram apresentadas em resumos comentados enquanto os depoimentos foram transcritos a partir de um determinado recorte. Os critérios para a redação dos recortes e do próprio resumo foram criados depois de várias "leituras exaustivas dos dados"⁽⁵⁾ e considerando as orientações teóricas que embasaram esse trabalho, selecionando-se os aspectos significativos.

Num segundo momento, foram identificados os temas presentes nos discursos originais de todos os entrevistados assim como os temas ausentes. Foram buscados também, temas significativos em literatura sobre o tema que não estivessem contemplados nos discursos. Ainda compondo esse processo foram selecionadas para transcrição as falas que se referiam a esses temas.

Finalmente, a partir dessa classificação temática identificou-se o sentido dado pelos entrevistados à experiência em tela e se ensaiou uma interpretação sociológica desse sentido e da própria experiência

2. A TRANSCRIÇÃO RESUMIDA DOS DEPOIMENTOS

Para discorrer sobre o impacto da participação em movimentos coletivos em suas vidas particulares, duas integrantes concordaram em prestar depoimentos sobre o tema, sobre suas vidas antes e depois da participação em movimentos coletivos. Para garantir o anonimato serão denominadas por nomes fictícios: Mariana e Lúcia Mara.

2.1. Lúcia Mara e sua transformação: "olha aqui: aquela lá eu matei e enterrei".

Infância e juventude: trabalho e família.

Nascida no interior de São Paulo, Lúcia Mara começou a trabalhar cedo, cuidando dos irmãos - "mãe ia cortar cana e a gente criava os irmãos" - colaborava também no "retiro do leite" levantando às 3 horas da manhã.

Diversão? Só aos domingos e consistia em não trabalhar.

Estudo? Não era para filha mulher; seu pai dizia: "Você vai se casar e seu marido vai se virar para você como eu me viro para sua mãe" Era mentira... mãe trabalhava tanto ou mais que o pai. Esse pai que usava a violência como recurso educativo: na véspera do último Natal eu e meus irmãos ficamos lembrando... "o corpo cheio de sangue..., onde o pai batia saía sangue... lembrança que não provoca revolta: "... agradeço, porque com essa austeridade fiquei homem de bem ..." diz um irmão.

Revolta? "Uma vez" quando a mãe estava grávida, trabalhando na roça e o pai inventara doença para ir para São Paulo se cuidar. A gente trabalhando e o pai ficando com o dinheiro... começamos a brigar pelos nossos direitos ... eu brigava mais ... me lembro"

Lembrança? "Apesar de todo esse sofrimento gostaria que toda a família tivesse a família que a gente teve, apesar de tudo, às vezes o pai sentava e contava histórias. Você consegue fazer isso com seus filhos?.

A vinda para São Paulo: uma outra frustração: trabalhar sim, estudar, não!

Empregada em casa de família que seguia à risca as recomendações de seu pai: não sair nem para estudar nem para namorar, trabalhar das 4 às 22 horas: "Como era otária! namorava dentro da cada da patroa porque meu pai telefonava dizendo para não deixar sair".

Namoro e casamento

"Hoje a gente briga que nem cachorro, mas eu lembro que foi se despedir na estação, dizendo que vinha me buscar".

"Namorei 3 anos, deitei virgem e acordei grávida... Não sabia nada. Ninguém me explicava ou deixava ler. Não conseguia burlar vigilância. Perguntei para a patroa como tomar remédio para não ter filhos. Ela disse para não tomar porque depois não ia conseguir ter filhos quando quisesse".

A casa própria

A gente levantava 4 horas da manhã, deixava as crianças com a mãe e vinha construir: carregava bloco, eu estava grávida de 7 meses. Tudo para sair do aluguel! Na outra casa as crianças viviam com bronquite, aqui nunca mais! Para mim isto foi a salvação da pátria: nunca mais precisei comprar remédio e correr atrás de Hospital.

O marido e a vizinhança

Motorista, trabalhou sempre numa empresa, só saiu para usar o FGTS na construção da casa. Sempre foi marido do trabalho para casa, mas gosta de tomar cerveja nos bares: nem bandidos mexem com ele. Meu marido fala: 'Aqui a gente tem que se dar bem com todo mundo, não discutir com bandido, se eu estou no bar e eles chegam eu ofereço pinga porque assim eu posso sair que minha casa fica protegida'. Os bandidos tinham programado para matar um cara - que chamou eles de trombadinha - meu marido foi lá, tirou o indivíduo e a família e os bandidos disseram que se não fosse ele, o cara estava morto".

Os justiceiros

Eles se dizem justiceiros, pés de pato. Neguinho faz alguma coisa errada: morte. Mataram um chacareiro do bairro e os pés de pato mataram seis meninos em represália. Dizem que não assaltam, só dão proteção. A população aprecia seu trabalho porque a polícia não vem no bairro. Quando tem festa na Igreja eles que fazem proteção.

A Igreja e a Comunidade Eclesial de Base

"Padre Luis foi alguém que iluminou meu caminho. Mulherada não se mexia, era tudo parado. Padre começou a concientizar: não adianta oração sem ação ... A gente deve a luta da gente a ele que fez a gente sentir que mulher não era só para ficar dentro de casa ... Mas vai pôr isso na cabeça dos machos ..."

O grupo de saúde

Esse grupo saiu do Clube de Mães onde a gente aprendia a cuidar de crianças, evitar verminoses. Daí saiu a luta pelo lixo e depois a questão da saúde da mulher de que adiantar trabalhar, comer bem, você só tem saúde física, não tem saúde mental. Descobrimos um monte de mulher com saúde mental abalada por causa do machismo.

Imagine que nessa época meu marido trancava o portão para eu não ir ao Encontro de Mulheres; não adiantava: eu pulava o muro, consegui viver a experiência de enfrentar o marido. Quase cheguei a me separar porque comecei a brigar pelos meus direitos.

A pesquisa participante

Que briga! Onde se viu uma dona de casa, uma mulher que se diz mãe de família, se meter com gente da faculdade? Era querer saber, ser de mais! Ele achava que eu ia aprender muito, ia me valorizar demais e esquecer a família. Comecei a mostrar que arroz e feijão não bastava. Eu precisava de mais coisa. Eu precisava de mais coisa. Eu não queria

isso para meus filhos. Ele ameaçava ir embora. Quando acabou a pesquisa procurei trabalho e econtrei serviço por dia: limpeza de casa de família, de prédio que terminava, a sujeira não saia dos dedos, mas esses anos e os anos da pesquisa foram os que mais vivi".

Fiz o concurso para entrar no Hospital X, da prefeitura de, ele não queria: coisa de gente vagabunda, funcionário público só assina ponto". Fiz a inscrição e avisei o marido que ia voltar a estudar: coisa de mulher vagabunda, que quer chifre em cabeça de cavalo, ele dizia. Dia dos pais, todos esperando que eu fizesse almoço. Sai três horas da manhã para fazer o exame em Itaquera. Onze mil fizeram exame para 30 vagas de costureira! Em julho de 90 a notícia de que tinha passado! Não acreditei, confirmei mil vezes, não acreditava que era eu. Cheguei em casa naquela alegria! Mas não comemorei: ligaram que meu irmão estava no Hospital, tinha levado dois tiros num assalto!

Isto para meu marido foi loucura. Pior ia trabalhar em Hospital. Mulher que trabalha em Hospital é galinha. Mas eu escolhi trabalhar no Hospital movida pela luta...

Essa vontade de viver, esse empenho, essa vontade de ver as coisas acontecerem é fé. Até meu marido, que é ateu, já tem um pouco de fé. Ele pede para eu rezar. Ele pode não gostar do que eu faço, das minhas atividades, mas no fundo me aprecia por causa disso. No dia da formatura ele estava bravo, não queria ser padrinho, não ensaiou, mas na hora fez tudo direito: (Você me leva onde você quer, ele disse). Já falei que vou fazer curso de enfermagem e ele disse: Enfermeira é galinha de médico, no fim ele acabou só pedindo para não trabalhar à noite. Devagarinho ele vai engolindo mais. Graças a isso a gente conseguiu mexer com a casa. Meu salário é para roupa, sapato e comida. Ele cuida da construção. Eu não sei o que ele tem na cabeça. Será ciúmes? Será falta de confiança neles? Um dia ele falou: 'Eu não me conformo. Você não é a Lu que eu conheci'. Eu respondi: Olha aí, aquela lá eu matei e enterrei.

2.1.2. Lúcia Mara e os movimentos sociais: "ai daquele que não acredita que o povo tem força".

"Essa foi uma das piores administração para os movimentos sociais, para a organização, principalmente. Esse prefeito chegou a dizer para as mulheres do movimento: "vão lavar panelas". Mas agora é possível retomar o movimento. Conseguimos formar o

Conselho de Saúde, para discussão orçamentária, mesmo que seja no fim do mandato. X e Y (antigos técnicos de Secretaria de Saúde por ocasião da prefeitura anterior) estão voltando, a diretoria atual do ERSA parecia ter cabeça boa, interesse pelos movimentos, mas acabou não se entrosando. A administração municipal atual é pouco receptiva para os movimentos sociais, mas as anteriores também eram refratárias, a diferença é que os movimentos sociais eram mais ativos. Depois do Episódio Collor sinto que as pessoas estão mais conscientes, mas esperam que alguém dê o primeiro passo.

A diretora do Centro de Saúde já foi médica consultante do Posto, foi afastada porque deu um remédio errado. Na sua administração não tem médico, não tem remédio. Apareceu no bairro para dar palestra sobre AIDS em tempo de eleição, ninguém foi à palestra. Ela nunca apareceu em reuniões do movimento social. Ela acabou com o programa de saúde mental. No tempo do diretor X (PMDB), o médico pediatra fazia palestras para as mães, hoje não.

Avaliação dos movimentos sociais

Essa administração no final do mandato, inaugurou um Posto de Saúde e deixou a população revoltada porque nenhuma autoridade lembrou o movimento social que lutou por ele. Quando o prefeito falou que o posto era resultado de luta de um vereador ele levou tamanha vaia que não conseguiu terminar o discurso.

Mas eu acho que agora podemos retomar o movimento social, você lembra que na pesquisa as pessoas diziam que queriam influenciar na direção do Hospital? Isto a gente vai poder retomar. Esse prefeito que tá saindo mais a corja dele conseguiu desmobilizar. Mas eu culpo também a luta pela sobrevivência. A dificuldade, o custo de vida, impede a participação. Mulheres que eram mais ligadas estão trabalhando. Saem às 4 horas da manhã e voltam 8 horas da noite. Nossa proposta é unir moradia, clube de mães, Movimento de Saúde e fazer uma associação que coordene as lutas. No fim do mês a gente faz balanço das vitórias, etc. Já tem muita gente se preparando para isso.

2.2. Mariana: uma vida Severina

Eu sou uma retirante, me casei com 16 anos... quando tinha 33 anos vim me embora pra São Paulo, porque meu marido veio embora na frente... esqueceu de mim. Eu tava grávida do sétimo filho, e foi o tempo de uma seca muito grande lá. Eu vi que as coisas não iam ser boas, e aí vim embora atrás dele, trouxe os filhos no maior sacrifício da vida, empurrando num trem. Naquele tempo a gente andava de trem - só quem andava de ônibus era quem tinha dinheiro. Eu peguei o trem em Arapiraca, na Lagoa da Canoa mesmo, e vim até aqui em São Paulo, até o Brás.

A gente trocava de trem quando entrava no Estado de Minas, chegava em Monte Azul a gente dava uma parada, (dormia lá que nem porco, deitado na terra, na areia, no chão) e aí pegava outro pra Belo Horizonte e no fim outro que parava no Brás: era assim, foi muito sacrifício. Vim com seis meninos, tudo dentro do trem, vinham três de maior que deviam pagar as passagens, e eu não tinha condição de pagar as três passagens deles. Paguei só a minha.

Quando chegou na Rio-Bahia... aí deu problema. Em Belo Horizonte, era pra descer do trem, todo mundo desceu e eu fiquei. Eu descí com os guardas, porque eles me levaram até um albergue para eu arrumar passagem prá liberar. E quando eu cheguei lá o chefe deles achou um absurdo terem feito aquilo comigo; me pegar com aqueles filhos, uma barbaridade... eu com uma barrigona daquela, daquele jeito, uma viagem que durava 15 dias.

Quando nós chegamos no Brás, eu tava deformada..., inchou o rosto, inchou os pés, os braços, tudo inchado, aquela inchação feia como quem tava rachada, porque eu tava muito maltratada de trabalhar.

Nesse tempo não sei se você se lembra tinha uma favela ali na rua da Paz, naquele vezinho da rua da Paz com o corpo de bombeiros. Meu marido morava ali, num barraquinho. Eu procurei por ele e encontrei um compadre que disse: " Eu vou chamar o compadre Zé ... sente aí comadre, fique por aí, que eu vou chamá compadre Zé...

Eu fiquei ali assentada, quando daqui a pouco ele vem e fala: "não conversa não, porque eu num tô pra conversa não, de jeito nenhum, agarra teus fios enfia um na

cabeça outro nos pés e toca o barco pra frente". Aí ele catô o menino, enfiou no braço e eu peguei uma sacola, outro pegô o cardeirão com o resto da comida, outro pegô um saco de pano, puseram nas costas e acompanharam - fizeram linha atrás dele. Ele entrô lá no barraquinho, nós entremo também, aí fiquei. Ele tava desempregado, sem ganho nenhum.

Trabalhava numa firma que construía piscina - é de um japonês - , só que não era fichado, né? e... trabalhou um ano e tanto nessa firma, ele mais os meninos, depois eu ganhei a menina no dia 6 de abril, e daí em diante ... ele trabalhava sempre... eu com os meninos sempre nas feiras catando aqueles negócio de fruta de verdura daquelas coisa, chegava em casa escolhia as melhores, as outras eu jogava fora, lavava bem lavadinho as que ficava, o que era de cozinhar... cozinjava, o que era de fazê salada pros menino eu fazia... e era assim.

E daí quando foi em 80... em 75... aí a favela que a gente morava saiu, acho que aquele banco que agora está lá... aquela firma daquele banco... conseguiu tirar a favela do lugar, né?

Nesse dia eles fizeram assim: eles pegaram a gente do sábado pro domingo, porque ninguém tinha advogado, ninguém tinha assistente social, ninguém tinha dinheiro fora do expediente, aí aproveitaram mesmo e tacaram as máquinas. Depois quando eu tava morando lá na chácara Sto Antônio a favela começou a encher de gente... assim de maconheiro... muita agressão... muita agressão... eu toda vida gostei de uma luta que me desse resultado, não em uma luta que não me trouxesse resultado nenhum... e nunca gostei de agressividade com ninguém. Agressividade sim, nas horas certas, nos direitos da gente, né? Então aí, eu falei assim: 'vamu s'embora daqui, vamun acabar de criá nossos fios fora daqui.' Aí, aqui eu trabaiei mais os meus fios, lutei... lutei, até conseguir comprar esse terreno aqui.

Aí foi um desemprego desgramado... trabalhava de limpeza. Aí eu falei assim: 'Óia Zé Elia, pega o dinheiro que você ganhô e vamun construí a casa, e vamun passá pra dentro, e daqui uns dias nós num vai ter dinheiro pra pagá aluguel nem pra nada, né?' Aí, de repente nós compremo os brocos, e meu genro construiu isso aqui esses três cômodos... e eu lutando sempre trabaiano nesta firma, eu e o outro menino, o Paulo, meu fio, que começou a trabaia com onze anos, e até a data de hoje num paremo de trabaia, porque sem o trabaio, aqui, nós num somo ninguém mesmo, né?

Os Movimentos

Eu acho que já tem uns nove anos que eu participo da luta. A Jô era pequenininha, ainda mamando... (da luta, né?...). Às vêz a gente ia fazê reunião, e ela estava encostadinha em mim mamando no peito, né? Ela sentava pra mamá e eu escondia a boca dela assim... com a mão, que ela ficava com vergonha ela cobria os olhos assim com a mão e eu cobria o peito com a minha mão... e era assim. Ela já vai fazê dez anos agora ...

Eu tava aqui... eu sempre tava nas luta por alguma coisa na igreja, né? Fazendo assinatura, colhendo abaixo assinado, colhendo assinatura de um, de outro, né? Sempre pela água, pela luz... sempre - depois que cheguei aqui - eu nunca me afastei de luta, sempre por alguma coisa eu tava lutando.

Foi quando - eu não me lembro bem da data, que ano foi? - que a instituição X entrou, e pediu ao padre Luiz da comunidade pra fazer um trabalho aqui com o pessoal sobre saúde. E aí um rapaz da comunidade veio me procurar.

Então eu entrei! A gente discutia a tal da verminose: de que se geravam os verme, de que se gerava o amarelão nas criança, as manchas no rosto... essas coisas, né?... E aí a gente viu que não só era discutir dentro do salãozinho da igreja que fulano tinha verme, que filho de fulano tinha verme, lombriga... num sei o que lá... tanta coisa... Deveria discutir como que se podia fazê sem ter uma ajuda de alguém, sem ter uma limpeza no bairro, né? e sem uma melhoria, uma coisa que você fosse bem atendida nos postos... é... nesse tempo as mães tinham medo de falar com os médicos, tinham medo de perguntar pros médico que ela estava sentindo... que doença era a dela, né?... Então, existia essa maldade toda na medicina toda, que trazia tudo aquilo escondido - como toda vida foi - tanto na medicina como na religião, tudo era uma coisa em latim que ninguém podia entender, ninguém podia participar, nem sabê o que estava acontecendo ...

Então é, aí eu fiquei, comecei a participar das luta pelo posto. Primeiro foi o posto daqui do nosso bairro, pra melhoria, pra vim mais médico, pras enfermeira trata a gente como gente, né?... os médico tratá a gente como gente.

E aí começou a pesquisa da Faculdade.

A outra instituição (X) não fez pesquisa, ela só aprendeu mais com nós, de que nós mesmo com eles. É como diz aquela estória você lê pelos livro, pelas estória que foram escritas, por outras pessoas que sabia, né?... Você já tá passando pra outra, mas você não viveu aquele drama, aquela coisa, que é a luta, que é a sobrevivência, lutando pra sobreviver. Lutando por água, por luz, pelo asfalto, pelo remédio no posto de saúde, pelo médico que tem que acudir a gente, saber onde tá a doença, o nosso filho que a gente leva lá no posto, chega lá o médico passa uma injeção e a enfermeira aplica outra, né?... Então é uma coisa que você num viveu aquilo, né?...

A instituição X entrou na nossa vida só pra clarear um pouco que nós tinha todo esse direito, porque ele não ensinava nada.

Nós só dizíamos: nós só temos medo de fazer isso, e eles pegavam a esmiuçar: " porque vocês tem medo, né? Não, a gente não pode ter medo, né?... porque pelos direito da lei"... Foi quando a gente veio a descobrir que o imposto que a gente pagava... Por esse imposto a gente tinha o direito de lutar por isso tudo, de exigir que isso acontecesse, né?, que os médicos fizesse isso, que a Prefeitura lutasse por isso, né?... pusesse isso à nossa disposição, né?, que o governo a mesma coisa, né?... que chupar uma bala nós pagava um imposto, né?

Então até aí, a gente pensava que ia Posto de Saúde: era dado, ia n INPS : era grátis, ganhava nenê pelo INPS: ganhei grátis o nenê, foi atendida no hospital da prefeitura: fui atendida grátis, recebia o remédio: foi grátis. Pra gente tudo era grátis, sendo que tudo aquilo a gente já paguemo antes de nascer, novecentos anos antes de Cristo como diz a estória, né?... Então é uma coisa que a gente num sabia, e através deles foi que nós foi tendo essa lição de entender que a gente temos direito de tudo isso, por causa dos impostos que nós paga, né?

Quando houve aqueles Movimentos de Mulher em Itapecerica, X chamou a gente - não sei se foi em 85/86, por aí - e aí a gente começemo a participar dos movimento de mulheres. Através do movimento de mulheres a gente começemo a se desenvolver bastante também, assim, na luta, que a mulher tinha direito na convivência dentro de casa com o marido, com os filhos, que quem descobriu mais essa luta desse machismo dos homens foi as mulher, nessas lutas que elas tiveram, porque antigamente a mulher sabia que ela era subalterna ao homem... eu ouvi minha mãe falar essa estória... eu digo num sô filha

dessa mulher...

Então é como diz essa estória, naquele tempo a gente pensava assim que o marido tinha que fazer da gente o que ele queria, né? Depois a gente pensou, senti na pele da gente que não era bem assim, viu? Porque através da mulher dizer assim, que o homem era o macho de dentro de casa, era dono dela, e dono de toda situação de dentro de casa, o homem fazia da mulher um gato e um sapato, sapateando nela a hora que queria.

Hoje em dia o povo diz assim, que tanto desquite que existe, quanta separação, mas não é não! Faz tempo que existe separação, e existe desquite, e existe tudo essas coisa e ninguém nunca deu fé... Agora, só porque as mulher tá se manifestando e fazendo um pouquinhozinho da farrinha delas o povo acha que as mulher tão errada, né?

O Movimento e a Vida Pessoal

Eu percebi com o tanto que eu passei quase dois anos intrigada com meu marido dentro de casa. Nós quase separado dentro de casa, e eu vivia com ele assim, como se fosse um amigo, um vizinho, sabe?... Não tinha nem pensamento mais nele como marido, de jeito nenhum, vivi dois anos com ele dentro de casa assim... só falava para reclamar.

Zé sempre dizia assim: " Você vai atrás de homens, vai atrás do machos, você vai atrás dos padres, você vai atrás dos médicos, você vai... isso é de mulher vagabunda, de mulher que não tem o que fazer... que isso aquilo outro".

E isso foi me dando mais ódio, mais raiva, e eu fui entrando mais fundo, mais pra dentro do movimento, tá?...

Mas hoje em dia ele não reclama mais porque agora eu dei um tempo. Minha família, de uns tempo pra cá ficaram todos adultos, rapazes e moças, casados. Aí começou a haver um pouco de descontrole, né?... E aí depois eu pensei em mim: Vou parar um pouco, dar uma paradinha aí, e vou ver o que eu posso fazer por eles, e por mim também.

Mas, pensando bem, não vale a pena a gente fazer isso...

Parar, pensar, ficar correndo atrás de um filho dali, dacolá, porque filho, hoje em dia, num qué mais isso; que você corre, ali, atrás dele... Ele quer a vida dele a cabeça dele, quer ir por onde ele quer, pronto e acabou... Isso de pai e mãe ficá dando opinião ..isso aí já era, né?...

É... Dei um tempo, mas, ainda não de uma vez. Eu ainda vou em reunião em Itapecerica, mesmo na prefeitura. Assim do conselho da igreja, participo do conselho da igreja, participo de várias atividades assim dentro da igreja, né?

Mas também não tem mais movimento como tinha antes...

Avaliação dos Movimentos

Não, não tem porque também caíram muito através desse negócio da prefeitura... O prefeito ser do jeito que foi ..que entrou... uma pessoa que não queria saber de conversá com ninguém, só ele que queria dominá, só ele que queria mandá, que era ele, era ele que falava, quem mandava na prefeitura era ele. Então a gente pra não arrumar conflito muito. ... Porque a gente tava com pouca força, porque o povo diminuiu um pouco, né?... a ajuda que o pessoal dava à gente, né? ... da luta da gente, de tá a testa de ferro na frente, e o povo atrás dando a força, né?... Porque eu acho que sem a ajuda do povo ninguém é ninguém, tá?... eu acho se você tá sozinho num lugar, o medo de você falar, e o medo de enfrentar a coisa é maior, se você tá vendo que atrás de você tem muita gente a teu favor você fala até a mais do que aquilo que você devia falá, né?...

É isso daí, a própria prefeitura fez o povo desmobilizar... marcava um reunião com o prefeito... vai lá ... não tava... vai lá... não tava... vai uma vez, duas, três... chegá lá o homem num tá, quando está não recebe, porque já tá passando da hora... que deixa pra outro dia ... outra vez quando você vai, o homem fica dando tchauzinho na janela, manda um monte de polícia de ponta a ponta - numa cidade como Itapecerica... aquela é cidade de montá um monte de polícia pra pegá 40, 50 pessoas. Isso é covardia, é covardia, sim, de uma autoridade... porque ele podia dizer "sobe uma comissão e vamos discutir os problemas"... ou sim, ou não... ou que pudesse, ou que não pudesse, né?... Agora não, fica na janela dando tchau pra todo mundo assim, jogando beijinho da janela da sala aonde ele tava, e a polícia em volta... Todo beco que você rodeava tinha polícia ali tocaiando a

gente... canalha mesmo!!... aquilo é covardia. Do lado do ERSA a gente também não teve apoio... caiu tudo*

Então, não valia a pena, tanto é que a gente criou o conselho municipal da saúde, né?... E a gente só participou uma vez só de reunião, só foi convidado uma vez pra reunião de Itapecerica, e de lá pra cá nós não foi mais convidado... Nós convidava e chegava lá cancelavam a reunião, e com tudo isso rolou quatro anos e acabou, e nós não conseguimos nada... mas agora pode ser que melhore, porque pelo menos aquelas pessoas que já trabalhou com a gente... estão voltando para a prefeitura.

O movimento de saúde e o conselho

Nós vamos reativar tanto o movimento, como esse conselho... tudo... A gente qué ver se funciona tudo com eles aí, pra gente vê o que a gente faz pra daqui a quatro anos, se não vié outro... faça de dois gumes que venha destruí o que a gente fez, porque se nós tivesse do jeito que a gente tava trabalhando em Itapecerica, se tivesse continuado aquele trabalho que a gente vinha desenvolvendo, Itapecerica tava pra frente, aquele hospital talvez tivesse saído nesses quatro anos, viu?... Eu acho que taria muito melhor do que tá... Para melhorar o movimento eu acho que tem que se fortalecer junto com o povo, né? ... não é só o Conselho, não só é o Movimento em poucas pessoas ir lá, porque existe o movimento, mas o movimento que a gente fala, o movimento é o povo junto, né? é a gente fazê reunião num pequeno grupo e chamá o povão: `vamo lá lutar por tudo isso aí, o que nós precisa e isso daí vamos lutar para que as crianças não morram como a gente viu morrer lá no Jacira, à toa, sem ter balão de oxigênio, não ter nada você chega lá de noite não tem médico, só tem uma faxineira- sem ser nem enfermeira - fazê trabalho de faxineira, de tudo... Isto aconteceu nesta administração porcária que passou, a outra também era ruim, tão ruim do jeito que era que não fazia mesmo nada pra ninguém, mas nós lutemo, lutemo, lutemo durante os quatro ano e o posto não funcionou mal.

Nós conseguimos derubá as barreiras que tinha lá, que tinha tanta enfermeira, que você chegava lá e não podia dizê bom dia, elas já tava com o bico desse tamanho e

* Nessa ocasião os técnicos da Secretaria de Saúde que tinham boas relações com o movimento haviam sido deslocados para outros locais de trabalho.

respondia a gente assim em cima da letra. Tinha problema com a médica, também.** Hoje essa médica corta as reunião com a gente que fazia lá.

Ela que cortou, ela que cortou, porque disse que não ia entregá o Centro de Saúde na nossa mão, e pra roubarem as coisa lá e a gente não dá conta, e a gente ser responsável. Então a gente achô de melhó de fazê o que ela queria , porque de uma hora pra outra a gente podia tá lá sozinha, e saí, deixá as coisa lá tudo direitinho... e mandado dela ou de outro que quisé fazé a desgraça da gente mesmo, né?, pegá as coisa lá e dizê que os responsáveis foi nós, né? então nós achemo de melhó de deixá... vamo deixá..

Ela conhecia a gente da época de luta do Posto X. Ela sabia da pesquisa de Itapecerica?... sabia, tava por dentro de tudo, ela sabia de tudo, é por isso que não fez muita coisa a mais aí... sim.

Por isso que eles tinha medo de nós ficá em Itapecerica mexendo naquelas coisa lá, que sabia que nós ia descobrir todas a bagunça que eles ia fazê, a ladroagem, a sem vergonhice, o suborno, a sujeira que eles iam fazê... Eles sabia que nós tava por dentro de tudo, né?... Então eles num ia deixá que a gente, né ? Eles tratô a gente logo como inimigo mesmo, desde que nós lutemo pra tirá o X de lá pra pôr a Y, que eles já sabia que eles ia sê inimigo nosso mesmo... e nós dele, né?

Eu acho assim, os movimentos só vão se forte, dono de si... se tiverem autonomia .

Você veja, porque pra nós fazê uma papelada a gente dependia de um monte de coisas,né?. A gente precisava do papel pedido pelos outros, fazê vaquinha, fazê uma coisa, fazê outra, fazê um bingo... é tudo isso, né?. Então eu acho que desde que o movimento seja bem unido, tenha sua autonomia certa, seu fundo, ter um fundozinho de alguma coisa, pra hora que a gente precisá... A gente precisá de um gravadô, a gente ter, precisá de uma máquina pra fotografá as coisa.

Você veja, eu não trabalhava naquele tempo, o movimento foi muito bem pra frente, foi aquela luta todinha porque eu não trabaiava, a X num trabaiava. Nós trabaiava

** Na luta pela melhoria do atendimento a comunidade reivindicou o afastamento de uma pediatra. Por ocasião dessas entrevistas essa pessoa ocupava um cargo importante na administração municipal. É a ela a quem a entrevistada se refere.

assim, muuuuito, porque a dona de casa, se a pessoa for ver, trabaia mais que a pessoa que tá trabaiaando na fábrica, e que tá trabaiaando em outros setor, né? E nós dava conta de nossos fios, dava conta da casa, fazia muita coisa pra gente em casa. Eu trabaiaava na roça... eu trabalhava até meio dia na roça, de meio dia pra tarde, eu saía de lá com meus olhos até remelando de passá o dia todinho no sol, naquela agitação ... Quando eu chegava lá, dava aquela arreação no corpo, mas tinha aquela força, aquela coisa, porque eu sabia que tava ali, mas eu num tava dependendo de ninguém, tá?. Mas depois que você chega e é obrigada a ser dependente, ter que ganhá o pão pra você comê, as coisa muda, porque você num tem mais aquele tempo que você tinha, sabe? Para conseguir esse dinheiro o movimento devia contar com a união mais do povo com a gente, outras entidade assim pra ajudá os movimento, né?... que ajudasse os movimento.

História do movimento

Não tem uma história do movimento, não tem nada registrado, a única coisa registrada que a gente tem do movimento - não nossa - que tá pra lá pra pesquisa é aquela fita gravada em Itapecerica foi da pesquisa, tá?... O resto a gente não tem nada assim, então eu acho que isso é ... isso me esfria também, porque você faz, faz, faz, e no fim você não viu que aquele trabaio teu teve uma apresentação, teve uma mostra, uma coisa que você tivesse continuado e você dissesse assim: " óia isso foi feito assim e assim, tá aqui, vejam aqui, ó"... documentado tudo direitinho.

Então tudo isso deixa a gente frustrada, né?... Então você viu como foi aqueles movimento da saúde quando foi pra tirarem, os sanitaristas.*

Naquele tempo a gente tava com tudo, nós foi pra aquelas passeatas na Paulista... do movimento da Secretaria da Saúde, subimos em carro de som, pintemo o sete lá, fizemo cartazinho de batom, de tudo isso lá, né? Então eu acho que aquilo ali dá uma alegria pra gente.

Há algum tempo eu tava conversando com as meninas da Leste, né?... Nós se juntamo, e conversando a gente viu que a gente tava fazendo muita coisa e dando muito

* Nesse momento a entrevistada se refere a um protesto contra mudanças administrativas ocorridas durante a Gestão Pinotti.

nome pra muita gente, né?, tava... Porque a gente viu mesmo na inauguração do Centro de Saúde do Jacira, a gente viu que a gente não tem nome X... não tem nome, a gente lutou, batalhou. Foi na Secretaria da Saúde, trouxemos aquele dinheiro pra cá pra contruir... e não foi lumiado nem nada com luta da população. O prefeito disse que o Posto era fruto da luta de um vereador ...

Os movimentos e a vida pessoal:

A semana passada eu tava com um baixo astral tão grande no mundo, quando eu cheguei no Jacira nós começemo a conversá - eu, a X e a diretora lá do posto - nós começemo a conversá da nossa luta, na pesquisa, em tudo, aquilo me distraiu tanto que eu não tava rindo, mas saí dali rindo, tá?, porque isso tanto distrai.

E a gente ficando parada assim dentro de casa, a gente fica isolada, a gente sofre as coisa, fica parado, isolado, sabe?

Que é o mal do periférico de São Paulo, de todo o lugar é isso aí: é não participar de nada, viver só naquela ingnorância, de casa pro trabaio, de casa pro trabalho. De noite os fios dentro de casa... e briga com os fios ... E marido e fio dentro de casa, e roupa pra lavar, e uma coisa e outra, e só , veve naquilo ali, você não troca palavra com uma pessoa lá fora.

3. RESUMO COMENTADO DAS ENTREVISTAS

3.1. Entrevistas com técnicos e chefias do setor público de saúde do município.

Nesse item são apresentados, de maneira comentada, os resumos das entrevistas centradas feitas com os profissionais e chefias do setor saúde de Itapecerica da Serra.

Essas entrevistas tiveram como objetivo verificar o conhecimento e a posição desses profissionais em relação à pesquisa participante considerando-se sua possível contribuição aos serviços de saúde e aos próprios movimentos de saúde.

De acordo com o roteiro, os entrevistados deveriam, basicamente, discorrer sobre a pesquisa do Parque Paraíso - caso a conhecessem - avaliando o possível impacto dessa experiência junto aos serviços de saúde e aos movimentos sociais, assim como sua posição sobre as práticas dos movimentos em geral e sobre os de Itapecerica da Serra.

Chefia da Unidade Básica de Saúde

Segundo o depoimento da chefia da Unidade de Saúde a experiência poderia ter sido manipulada para atender a interesses pessoais e/ou questões políticas internas ao município, referentes à rivalidade entre a administração municipal e a estadual cuja manifestação mais importante teria sido o episódio referente à escolha do secretário de Saúde. Essa avaliação foi feita de maneira enfática apesar de, no início da entrevista, ter informado que não conhecia a pesquisa.

"Acho que elas (mulheres da população) não entenderam a pesquisa e, manipuladas pela X,. quiseram trocar o secretário. A pesquisa participante que você me conta que houve, não vi, não conheço, se ela existiu no intuito de captar...se a população no início queria pedir uma orientação científica, se essa população no início queria reivindicar alguma coisa e pediu assessoria, essa assessoria se diluiu e se transformou num movimento popular. Eu digo que no movimento popular tudo é política, tudo na vida é política...até o filho com a mãe...depois começam as ameaças"

Para a entrevistada as dificuldades encontradas pela equipe que assumiria a direção municipal de saúde eram vistas como incompetência servindo de argumento para se exigir a troca de secretário. Nesse processo o movimento social(*)(**) que, pelo menos no início, poderia ser considerado apenas reivindicativo " se transformou em movimento contra a autoridade...a intenção era anarquizar...a reivindicação não era por saúde mas pela saída do diretor, colocar outro diretor no C.S. Eram reivindicações políticas, pessoais. Não queriam saúde pública, não queriam educação,. Isto não foi reivindicação, isto foi exigência pressionada por interesses políticos e pessoais.

Diante desse quadro, para atender às necessidades do setor que, no momento, estaria bastante precário,tomou-se uma atitude radical: "... a saúde estava no chão...foi necessário ignorar o movimento...nós tínhamos que trabalhar em paz, então não ouvimos mais."

Algumas frases, proferidas nesse momento da entrevista, relacionadas ao episódio do Diretor de saúde, permitem alguma inferência sobre a posição da entrevistada a respeito do Movimento de Saúde de Itapecerica da Serra.

"Esse movimento de saúde não existe mais, nós rejeitamos a política, nós somos de outra cidade ...não tenho interesse político. A população não me procura. Eu acho importante a participação, eu tenho essa visão de Saúde Pública."

A rejeição à política - entendida como uma combinação de interesses excusos, de caráter exclusivamente individual ou partidário - é vista como um imperativo, uma condição para o desenvolvimento de um trabalho tecnicamente adequado para a resolução dos problemas de saúde. A "participação" ainda que considerada como necessária para a Saúde Pública, não ocorre porque a população, a primeira interessada, não procuraria o técnico para se envolver com o trabalho. Segundo a diretoria da UBS a "participação" seria um elemento fundamental para enfrentamento das questões de saúde. Por esse motivo se ressentira por não ser procurada pela população. Porém, segundo depoimentos de

* Para evitar possíveis identificações, os nomes de pessoas e locais serão denominados X/Y.

** Apesar de indagar sobre a Pesquisa a profissional, na maioria das vezes se refere aos movimentos sociais o que surge uma identificação entre os dois processos. O termo movimento social empregado pela entrevistada se refere aos acontecimentos por ocasião da escolha do secretário da saúde.

integrantes da pesquisa participante, a diretoria sempre foi refratária a qualquer contato, tendo desmobilizado o grupo da população: "Hoje essa médica corta as reunião com a gente que fazia lá". Ela que cortou porque disse que não ia entregá o Centro de Saúde na nossa mão e prá roubarem as coisas lá, a gente não dá conta, a gente ia ser responsável".

Outro fator contrário ao processo de participação, segundo a entrevistada, seria o fato de que, quando mobilizada, a população se tornaria sujeita à manipulação partidária, ideológica ou, ainda, joguete de interesses pessoais.

Para a entrevistada, a Saúde Pública seria a "arte de prevenção de doenças, de prolongar a vida". Como a proposta do SUDS enfatizaria apenas a parte curativa (sic) procurou se integrar com a população para desenvolver atividades educativas:

"Os serviços de saúde devem educar o indivíduo para manter saúde, não ser o foco de transmissão..." Mas, segundo seu depoimento, essa iniciativa não apresentou maiores resultados:

"O que nós vimos no agendamento: os pacientes são sempre os mesmos, os outros não nos procuram, como ninguém nos procura vamos levar para fora, fazer palestras em firmas, para explicar que o Centro de Saúde existe, que eu estou aqui e preciso saber necessidades, preciso que vocês me procurem; em todas as palestras eu digo me procurem, quando me jogarem pedras eu direi: não tenho culpa, a culpa pela saúde de vocês são vocês que não me procuram. Fiz palestras sobre cólera, dengue, AIDS, ofereci para firmas, mas tive poucas respostas. A gente trabalha, trabalha e não tem retorno. Para você ver: seu trabalho não deu em nada. Nem o seu, nem o meu".

Ao se contrapor os depoimentos percebe-se que os integrantes da pesquisa participante não avaliam a prática da diretora da mesma forma: "Na sua administração não tem médico, não tem remédio... Apareceu no bairro para dar palestra sobre AIDS em tempo de eleição, ninguém foi à palestra. Ela nunca apareceu em reuniões do Movimento Social. Ela acabou com o programa de Saúde Mental. No tempo do diretor X, o médico pediatra fazia palestra para as mães, hoje não.

A contradição desses discursos está relacionado a um fato político: o movimento de saúde desenvolveu uma luta por mudanças de nomes na diretoria de saúde que iam de encontro à entrevistada. Além disso, percebe-se pelas duas falas e pela leitura

do depoimento, concepções bastante polarizadas sobre saúde no geral e a saúde no município. Essa situação também deve ter influido para que práticas interativas com a população não fossem adotadas pela UBS porém este não é o único motivo.

Ao longo desse depoimento encontram-se várias concepções sobre o trabalho na área de saúde. A primeira noção/concepção presente no discurso indica uma visão do processo saúde-doença influenciada pelo modelo da História Natural da Doença⁽³⁸⁾. A fala indica, também, uma ênfase acentuada no papel do indivíduo na prevenção da doença; caso este indivíduo não for suficientemente educado pelos serviços de saúde pode-se transformar em um foco de doenças transmissíveis. A escolha da palestra como método educativo, a surpresa pela falta de receptividade por parte da população, fazem supor uma concepção de educação higienicista.

Essa opção pelo modelo higienicista torna-se mais clara quando aponta uma possível solução para a falta de integração: "Tentei educação sexual, AIDS, drogas, saneamento, fazendo palestras no espaço cultural ou em firmas, também não deu certo; aí ví: o negócio é investir na criança. Esse ano me propus a dar mais palestras. Eu tinha que fazer o programa da Secretaria de Educação, mas aí veio o dengue, a cólera. O problema da cólera é o saneamento básico, isso não vai mudar de uma hora para outra, o negócio é Educação."

Nesse discurso, a questão da saúde como direito, acesso a níveis elevados de qualidade de vida e da participação como elementos das praticas e reflexões atuais sobre o setor são totalmente ignoradas.

Ainda que, ao longo do discurso, a "prevenção das doenças" apareça citada como a pratica mais desejável em saúde pública, o relato sobre os melhoramentos que teriam sido implantados por essa diretoria se referem a investimentos na atenção médica, definidos em termos de especialidades médicas que teriam sido agregadas ou implementadas na rotina da unidade. Afora isso, vale lembrar que não existem referências a atividades programáticas (saúde da mulher, saúde do trabalhador, saúde mental, etc.) que teriam um caráter mais preventivo, nem ao desenvolvimento de atividades educativas que não sejam palestras cuja iniciativa parte sempre da chefia, tanto em termos de temática como de público alvo.

O depoimento sugere falta de integração com profissionais da área social (assistentes sociais, educadores, etc) visto que ao longo da entrevista só existe uma menção à

existência desses profissionais não se encontrando informações sobre seu desempenho e/ou atividades profissionais. Essa falta de integração aparecerá, de forma explícita no depoimento de outros profissionais de saúde da unidade que a explicam por desinteresse por suas atividades por parte da chefia médica. A falta de sucesso das atividades educativas desenvolvidas é explicada, pela chefia, pela indiferença da população ou por manipulação do movimento de saúde, apesar da boa vontade dos profissionais e da chefia:

"No Centro de Saúde existe uma assistente social e uma psicóloga, nos outros não existe ninguém. Temos uma visitadora domiciliar que faz tudo. Quem trabalha aqui trabalha por dez. Se algum dia o "PRO SAÚDE"*** disser que nós não atendemos eu respondo que nós trabalhamos. Eles nunca nos procuram para palestras, para dúvida médica, sempre vieram para exigir. "PRO SAÚDE" é manipulada, para variar a população é manipulada. A população que precisa ainda não deu resposta (aos nossos esforços). Estamos insistindo. Nossos ideais são grandes e bonitos. Sonharemos alto, meu sonho era ver a população atendida, estudada. Já que o mundo é grande quem sabe eu não salvo o mundo, mas salvo Itapecerica.

A entrevistada é bastante clara e transparente em relação aos movimentos sociais; interrogada sobre a questão e em outros momentos da entrevista, nunca se furta a colocar sua opinião e seus sentimentos:

"Eu tenho aversão pelo PROSAÚDE, nossos objetivos são diferentes, o meu é promover saúde, o deles é promover interesses pessoais... nunca mais me procuraram depois que X e Y foram embora, o movimento social perdeu a essência porque a população não tem tempo. Se esse movimento social existisse ele me ajudaria muito. Se eles tivessem aprendido o que você passou me ajudaria muito. Eu preciso que me procurem."

Nesse momento, o depoimento coincide com os dos integrantes do movimento de saúde do município, que relacionam suas dificuldades em termos de organização e mobilização com a vida exaustiva da população, além de corroborar a imagem de extrema polarização sugerida por todas as falas.

De acordo com o depoimento da entrevistada, o movimento social não teria

** Nesse momento da entrevista o movimento de saúde é denominado de PROSAÚDE, ainda que se trate do mesmo grupo antes referido pela entrevistada.

capacidade de existir sem a presença de elementos externos à população, além disso, a atuação desses elementos seria exclusivamente movida por interesses excusos. Caso a população fosse bem orientada poderia contribuir para o esforço dos técnicos na promoção de saúde, apesar de não ter capacidade de agir criticamente

Pelo que diz a entrevistada, a desmobilização do movimento poderia significar um fracasso da pesquisa do Parque Paraíso. Essa afirmação seria decorrente do entendimento (demonstrado ao longo da entrevista) da pesquisa como forma de auxiliar os processos de participação popular no sentido de integrar e institucionalizar camadas tradicionalmente excluídas.

Participação, nesse contexto, seria entendida como dotada de um "valor instrumental". Significaria um processo racional que permitiria não somente definir objetivos e adequar os meios para sua consecução como também uma maneira de ensinar os cidadãos a se tornarem responsáveis⁽³⁷⁾.

Esse ponto de vista guarda bastante identidade com propostas de desenvolvimento de comunidade cuja crítica inspirou propostas de atuação de tipo da pesquisa participante. Outro aspecto a ser destacado é o fato de que, ao contrário de todas as propostas recentes, a saúde não é entendida como direito da população a ser adquirido e usufruído via serviços de saúde e condições de vida, mas como decorrência de uma prática individual que poderia ser acessível à maioria da população caso esta se dispusesse a ser educada adequadamente.

Profissionais da UBS

Esses profissionais referem conhecer, por informação de terceiros, a pesquisa do Parque Paraíso. Consideram, porém, que essa experiência não deixou marcas nos serviços de saúde:

"Quando chegamos aqui, o movimento de saúde tinha passado. Esfriou o movimento social. Quem a gente atende não sabe que existe. Nós soubemos da pesquisa participante através de pessoas que trabalhavam aqui e estavam saindo. Ninguém mais fala dessa pesquisa desde o momento que estamos aqui. Os usuários também não comentam."

Ao final da entrevista, porém, discorrendo sobre uma experiência recente de trabalho de comunidade desenvolvida por elas num bairro de Itapecerica da Serra, comentam:

"A cartilha* foi super utilizada por grupos que queriam falar sobre saúde. Foi utilizada para mostrar que não bastava consciência, mas organização, usamos o exemplo da pesquisa participante, contamos a história...

Ao serem interrogadas sobre um possível interesse - por parte da população ou por parte deles próprios - em repetir a experiência, colocaram o seguinte:

"Até apareceu o interesse, mas não conseguimos continuar o trabalho..."

A aparente contradição entre esses momentos da entrevista permite algumas reflexões:

- Em primeiro lugar, nesta entrevista e na anterior nota-se uma identificação imediata entre a pesquisa participante e o movimento social, ainda que, neste contexto, a identificação não seja negativa. A falta de um movimento que servisse de base para a pesquisa poderia explicar o desinteresse, a desinformação que ocorreria tanto entre os técnicos como entre a população. À fragilidade do movimento social corresponderia um interesse menor por práticas profissionais participantes. Vale lembrar, ainda, a dificuldade, referida pelas entrevistadas, para o desenvolvimento de trabalhos de caráter "preventivo" ou de envolvimento com a comunidade, na conjuntura vivida pela Unidade no momento da entrevista. Essas dificuldades seriam causadas por falta de recursos, como transporte:

"Em Itapecerica é difícil se locomover. Não temos mais carro - o carro do ERSa quebrou, a Prefeitura deveria estar consertando, mas eles têm poucos operários, outras prioridades. Não nos tiraram essa possibilidade; avisando com antecedência se consegue, mas para um trabalho prolongado, semanal, não se consegue carro. No Departamento de Saúde a prioridade é para transporte de pessoas doentes".

- os entrevistados referem, também, problemas de outro tipo. A exemplo da chefia constata falta de receptividade por parte da população, mas encontram outra explicação

* Trata-se da Cartilha elaborada no final da pesquisa do Parque Paraíso com os dados levantados em campo.

para o problema:

"O povo brasileiro já não acredita na mobilização, chega na época de eleição o candidato promete mas depois esquece, as reivindicações nunca são atendidas, não é um processo do último ano, do último prefeito, mas é anterior. Quando a gente fala de organização/mobilização o que eles colocam é: RECORRER A QUEM?

- Reconhecem, também, que o trabalho de tipo educativo, "intra-muros", encontra pouca ressonância. Quando se dirigem a associações da comunidade encontram, em alguns casos - principalmente em grupos mobilizados - maior receptividade. Apesar disso, uma história maior de mobilização de lutas reivindicativas também pode, paradoxalmente, provocar desinteresse.

"Nos bairros mais próximos, nosso problema (para um trabalho integrado) não foi a locomoção, mas a falta de interesse: No contato com as mulheres do Parque Paraíso se percebeu a necessidade de um trabalho de sensibilização*. A população quer respostas para os seus problemas. Trabalhar com a idéia de que, organizadas, vai resolver seus problemas é difícil porque quer respostas prontas. No Parque Paraíso as pessoas fizeram a seguinte colocação: JÁ ESTAMOS CANSADOS DE BLÁ, BLÁ, BLÁ, "O esgoto e o médico eram reivindicações de muito tempo que ficaram sem resposta. Elas querem coisas imediatas e concretas.

Além de localizar problemas externos para as dificuldades encontradas em seu relacionamento com a população os profissionais identificam, também em nível interno, razões para esse descompasso.

"Em termos de nosso trabalho não existe interesse. A prioridade no Centro de Saúde é o atendimento médico e nós priorizamos o trabalho preventivo, esse trabalho não é incentivado. Quando chegamos aqui soubemos que existia uma equipe integrada de Saúde Mental que se esvaziou: os profissionais saíram e não foram substituídos. Eles não conhecem nosso trabalho e o que podemos fazer e não têm interesse em saber... O que acontece, realmente, é que não existe um trabalho integrado. A gente sabe que eles fazem um trabalho educativo nas firmas, mas não nos chamam para participar. Quando, por

* Esse depoimento coincide com as discussões na fase preparatória da população quando se optou por realizá-la no Parque Paraíso devido a desmobilização da comunidade.

acaso, nós soubemos de uma palestra, fomos chamados para sensibilizar. Eles percebem que, através das mães, nós temos contato com a comunidade, mas eles trabalham com empresas. Não existe integração entre nossos trabalhos.*

Para os profissionais a participação seria uma forma de atender as necessidades da população. Nesse sentido os movimentos sociais atenderia às carências e o não atendimento às reivindicações populares seria fragilidade dos movimentos, do desinteresse da população e mesmo, da incapacidade da proposta de pesquisa participante para se inscrever nas praticas educativas da unidade. Reconhecem, ainda, a falta de interesse - do UBS - dos trabalhos educativos e/ou de comunidade.

3.2. Entrevista com Diretoria do Escritório de Saúde de Itapecerica da Serra - ERSa 12

Segundo esta entrevista, a pesquisa participante do Parque Paraíso deixou uma "lembrança vaga".

"Na região os técnicos rodam muito, os profissionais de nível superior moram em X, há muita migração por melhores condições de trabalho, o município vizinho paga três vezes mais."

Em relação aos Movimentos Sociais afirmou: os Clubes de Mães desenvolveram uma luta, um movimento pró- construção do Hospital, isso se tornou o embrião do Conselho Municipal de Saúde. Ao contrário dos outros municípios, o setor saúde chamou o movimento social". Apesar disso, a entrevistada considera que, na região, o movimento social "tem pouca consistência, a região não tem um deputado estadual, não tem acesso ao poder legislativo, é uma região tão despovoada de recursos, com população tão pobre, que inexistente problema com a iniciativa privada no setor saúde".

Atualmente, segundo a entrevistada, só existiria, em termos de trabalho com a Comunidade, uma experiência interessante em Vargem Grande, com um médico de

* Ainda que não seja nosso objetivo realizar uma estação de discurso, não se pode deixar de comentar o uso dado ao pronome pessoal Eles, uso esse bastante repetido, que transmite uma imagem de equipe não integrada, mesmo uma certa separação de campos na equipe técnica.

"família" e a participação da população na Câmara Consultiva desse município*.

Nesta entrevista, ao contrário das anteriores, não se fez uma identificação automática entre os movimentos sociais e a experiência do Parque Paraíso. No entanto, a entrevistada não dispunha de maiores informações sobre a pesquisa e sobre os movimentos sociais seu depoimento, ainda que rápido, revela conhecimento sobre o tema

A avaliação sobre os movimentos sociais permite algumas inferências. Seu depoimento, em primeiro lugar, revela uma concepção de movimento social como processo cuja "consistência" repousaria na capacidade de influir em decisões políticas. Mais do que capacidade de reivindicar e alcançar seus objetivos, a pertinência e o "sucesso" de um movimento social estaria dependendo da capacidade de influir no sistema político.

Nesse sentido, ainda que enxergando os movimentos de maneira mais positiva, o depoimento tem pontos de contato com o da outra chefia do setor saúde, segundo o qual a participação em ações coletivas teria uma razão instrumental. Implícita à última entrevista tem-se a idéia dos movimentos sociais como algo a referendar ou a fortalecer políticas sociais que ampliem a atuação e a importância dos serviços públicos.

Vale lembrar, ainda, que os integrantes da população entendem o Conselho de Saúde como decorrente de seu processo de mobilização mas também informam sobre seus limites como elemento significativo de mudança nas práticas políticas: "Então não valia a pena... Tanto é que a gente que criou o Conselho Municipal de Saúde só participou uma vez da reunião de Itapeverica, de lá para cá nós não foi mais convidado... chegam lá cancelavam a reunião... e com tudo isso rolou quatro ano e acabou...".

* Sobre esse assunto recomenda-se a tese de livre docência de Westfall, M.F., *Participação Popular e políticas municipais de saúde: Cotia e Vargem Grande Paulista* - Tese de Livre Docência apresentada ao Departamento de Prática de Saúde Pública - FSP/USP, 1992 (mimeo)

3.3. Entrevista coletiva realizada junto aos integrantes da pesquisa participante

Desta entrevista depreendem-se depoimentos significativos do ponto de vista do eixo dessa investigação, ou seja, o impacto da experiência do Parque Paraíso assim como da participação em ações coletivas, dá-se no sentido de estabelecer relações e praticas cotidianas mais liberadas e autônomas.

Para as participantes da pesquisa e dos movimentos populares de Itapecerica da Serra, tanto essa experiência intelectual como a pratica em ações coletivas influíram no sentido de mudar sua maneira de encarar a vida, o papel da mulher no mundo e, mesmo, no sentido de transformar radicalmente suas relações privadas no âmbito familiar. A esse respeito os depoimentos são extremamente claros e transparentes:

"A pesquisa participante me deu coragem, me deu mais força, vocês ensinaram muito a gente, a gente aprendeu muito com vocês.

Em outro depoimento a experiência é interpretada como um momento de libertação:

"Eu acho que na minha vida foi um grito de liberdade, né? Essa pesquisa surtiu um efeito muito grande na minha vida, pra mim foi o primeiro passo para a liberdade, porque eu nunca escondia de ninguém as dificuldades que eu tinha para estar lá fora fazendo aquele trabalho. Mas a partir daí eu já tinha tomado pé nas coisas lá fora, a partir daí então eu tive mais coragem, a pesquisa me ajudou a enfrentar com mais coragem e saber que eu tinha direito de estar fazendo aquilo porque era minha vida, eu estava participando da vida de outras pessoas que tinham os mesmos problemas".

Essa capacidade de libertação, segundo outra depoente, também poderia ter ocorrido em relação aos que foram entrevistados:

"Eu senti assim, como as outras pessoas que foram entrevistadas, eu acredito que essas pessoas até hoje sentem saudades da gente, talvez sintam vontade de receber as mesmas orientações que a gente deu, como dar um grito de alerta, não pensar que ela está lá embaixo, e que ela não tem vez, entendeu?. Eu sinto assim, eu acho assim, que me ajudou, enfim, e se me ajudou eu acredito que ajudou todas aquelas pessoas que nós fizemos a pesquisa junto com elas."

De maneira entusiasta a pesquisa é apresentada , em outro caso, como um momento de clareza, lucidez, quase mágico:

"A pesquisa para mim foi uma visão".

Essas frases proferidas no decorrer da entrevista coletiva, parecem indicar que o espaço da pesquisa correspondeu, também, a um movimento de identificação de igualdades, passo para a construção de novas identidades.

Vale lembrar, ainda, que essa avaliação da experiência de pesquisa vem, quase sempre, acoplada à experiência nos movimentos. Parece, à primeira vista, que todos os entrevistados concordam com a frase de um deles : "A pesquisa participante é filha do movimento"

A participação no movimento como forma de libertação pessoal, de possibilidade de desenvolvimento pessoal, aparece de maneira explícita nos depoimentos das moradoras de Itapecerica . Esse aspecto é menos presente nas falas dos técnicos ainda que, em alguns casos, se coloque a importância da pesquisa do ponto de vista pessoal:

"Esse trabalho foi uma experiência muito importante, eu tenho certeza que entrei de um jeito nessa pesquisa e saí de outro. E o que mudou? Foi que eu conheci vocês, uma experiência muito gratificante conhecer pessoas como vocês. Eu estava numa fase ruim, ruim. Então esse foi um momento rico na minha vida que me deu uma perspectiva de contato humano. Acho que foi uma coisa que me enriqueceu pessoalmente. E também uma coisa que eu usei, que eu uso sempre, permanentemente, nas aulas, nas coisas que eu escrevo, certo? Alguma coisa que ficou como se fosse uma lucratividade para mim, importante, né? É uma experiência marcante. Marcante porque acho que perdi um certo preconceito ...Não vou dizer que antes dessa pesquisa eu não fosse uma pessoa que valorizasse a comunidade. Mas era uma coisa mais da boca pra fora do que da boca pra dentro. A partir dessa pesquisa eu acho que foi uma coisa que entrou pra dentro, né? foi uma valorização da comunidade que entrou para o plano da sensibilidade.

Para outros profissionais a experiência se coloca como mais marcante do ponto de vista profissional e mesmo como questão metodológica.

"Eu achava que a grande alternativa para a crítica às pesquisas tradicionais

fosse a pesquisa participante; depois, no meio da pesquisa e depois quando eu fui pensar sobre ela, eu acho que ela é um instrumento, entre muitos instrumentos. O grande acontecimento de Itapecerica da Serra, nos anos de 86, 87, 88, foi o Movimento Social... e a pesquisa pra mim foi um instrumento para aquele movimento crescer, ganhar consciência. Foi uma ferramenta, né, que a gente descobriu. Então, para mim, enquanto instrumento na mão dos movimentos populares foi uma coisa muito importante. Assim, eu acho que o movimento popular, tendo um instrumento como esse, ele aprende, ele ganha prestígio. Por exemplo, pra mim aquela pesquisa me trouxe surpresas, por exemplo, eu nunca imaginei que a população do Parque Paraíso relacionasse tanto saúde com saneamento."

Outro aspecto importante, bastante destacado, foi a relevância da pesquisa no sentido de permitir um aprendizado, de fornecer subsídios para uma participação no movimento de maneira mais completa, mais "competente". Em outros termos, a vivência nos movimentos sociais teria sido fortalecida pela oportunidade de desenvolver uma atividade intelectual. O tipo de metodologia aplicado teria contribuído para prestigiar e legitimar o conhecimento popular, a experiência vivida, inclusive para os integrantes da pesquisa que se sentiram mais legitimados, mais aptos para falar de seus problemas, de seus objetivos, junto a interlocutores oficiais.

"Então, nós conseguimos, depois da pesquisa, com aquela força toda que a gente tinha, discutir a questão do secretário. Por pouco a gente não conseguiu derrubar ele.

"Tem ainda o Centro de Saúde, a gente tá aí, vai lá discutir com ele não só a questão dos postos de saúde, mas a questão da própria Itapecerica, do saneamento que desde aquela época é uma coisa importante. A gente sabe que, se amanhã ou depois aparecer uma cólera, morre todo mundo".

Para outra entrevistada a experiência parece ter marcado bastante no sentido de uma maior desenvoltura na vida pessoal:

"Antes eu tinha medo de levar meu filho ao médico porque eu sentia que não sabia falar, que eu ia falar errado e que o médico ia tirar um sarro, ou a enfermeira, porque tiravam mesmo. Agora acabou um pouco. Depois que aconteceu tudo aquilo em 87, a pesquisa.

O papel da pesquisa no sentido de desenvolvimento pessoal no contexto das

ações coletivas também é salientado em outra fala:

Eu acho assim: a pesquisa abriu um caminho para nós, porque nós não tinha esse sentimento de que nós como população, como movimento, pudesse entrevistá ninguém, pudesse ter participado de pesquisa. Então deu pra gente entender que a população também tem meios, tem condições de fazer um levantamento, uma pesquisa, para saber o que está acontecendo no bairro. A pesquisa foi uma coisa produtiva porque a gente ia aos Postos de Saúde e tudo, brigavam com a gente e a gente engolia, ficava quieto e calado, quer dizer, porque era fulano, ou doutor, sabia tudo. Só que a gente tinha um entendimento dentro de si e a gente foi aprender com a pesquisa que eles eram nossos empregados e não nós deles. E por isso quando a gente paga o empregado a gente tem o direito de exigir aquilo que quer. Eu acho que a pesquisa foi muito lucrativa para nós porque deu força para o movimento. Nós já tínhamos um começo que nos era o movimento, um pequeno grupo em Itapequerica que estava reivindicando alguma coisa, e na pesquisa a gente criou mais forças. Eu acho que a pesquisa foi uma escola, um ensinamento."

Quanto ao possível impacto da experiência junto a outros movimentos sociais ou a instituições públicas, referências a esse fato ocorreram de maneira espontânea em varios depoimentos:

"Eu acho que pro movimento, na época, foi uma força muito grande e continua sendo até hoje, porque, inclusive, eu estava conversando com uns professores aí, outro dia, e eles estavam propondo que com esse livrinho (a cartilha) com essa experiência que a gente tem, pra gente fazer um trabalho na escola".

"Semana passada eu fui pra Goiânia e me perguntaram do trabalho de vocês".

"Como quando fui pra Argentina e dei uma entrevista pra ...eu esqueci o nome da mulher, é uma pessoa que não é do nosso Brasil e e eu dei uma entrevista sobre essa pesquisa que nós fizemos em Itapequerica, nós com os movimentos sociais".

Essa situação é bem diferente - como esperado - daquela encontrada nos depoimentos dos profissionais do setor saúde de Itapequerica da Serra que avaliam de maneira negativa ou quase inócua o possível impacto da pesquisa junto aos movimentos sociais. Isso se explicaria pelo fato de que, além da óbvia e esperada identificação com a proposta de trabalho por eles executada, os integrantes dessa investigação apresentam um maior contato

com a comunidade e maior sensibilidade para com o assunto. Porém isso não impede que reconheçam a presença pouco significativa dos movimentos sociais na conjuntura política por ocasião da entrevista.

As falas em que a questão dos movimentos sociais esteve mais presente são aquelas apresentadas pelos moradores de Itapecerica e pelos funcionários do Centro de Saúde. Para os pesquisadores da Universidade a questão dos movimentos sociais não constituía o tema mais importante. A motivação para o desenvolvimento da investigação em Itapecerica da Serra estava mais ligada a interesses de busca de novos recursos de pesquisa. Para os outros, porém, a pesquisa interessava como uma forma de atuar mais adequadamente junto aos movimentos.

Esta afirmação pode ser melhor compreendida através da leitura do seguinte depoimento:

"Agora, enquanto profissional de Saúde, primeiro eu queria dizer que foi meu primeiro emprego como assistente social, eu nunca trabalhei nisso. Eu me formei em 75, e fiquei 10 anos sem exercer a profissão, Itapecerica foi meu primeiro emprego. Eu sempre neguei a prática que muitos assistentes sociais têm que é ficar atrás de uma mesinha, esperando as pessoas virem fazer suas queixas, fazer aquele trabalhinho medíocre, né? Então desde que eu cheguei lá em 85, comecei a trabalhar fora, fazer grupo de mulheres. Teve uma época, já no primeiro ano que a gente tava lá, a gente tinha treze grupos de mulheres espalhadas pelo município e foi isso que gerou junto com o trabalho da igreja, junto com a instituição X que gerou tudo isso. Pra minha prática profissional, esse instrumento que foi a pesquisa, pra mim foi um achado, eu descobri que dava pra gente ter um trabalho de dar força pro movimento e usando instrumentos como foi a pesquisa, e como pode ter outros instrumentos. Então pra mim isso foi muito importante. Pena que as conjunturas políticas interrompam os projetos, porque a gente podia ter ido muito longe com isso. Ter planejado, instrumentalizado o Conselho de Saúde. Acho que a gente poderia ter andado mais, mas paciência... Mas eu acho que aprendi a trabalhar de uma forma profissional, séria, junto com a população e assim, contribuído para aperfeiçoar, pra dar subsídios pra política de saúde do município. Pena que a gente não deu conta de fazer isso, mas pra mim o rumo era por aí".

Entre os depoimentos dos professores percebe-se a ênfase na questão metodológica, na dimensão interativa da pesquisa; porém, no tocante ao sentido social do

processo investigativo nota-se a fala que aponta para uma questão bastante complexa tanto na produção teórica como na concepção e prática dos Movimentos de Saúde:

"Minha experiência como técnica da área de saúde, como professora da Universidade, ou seja toda a minha vivência nessa área sempre foi a de procurar me envolver com a população, desenvolver um conhecimento que interessasse a quem paga o meu trabalho".

Essa concepção, marcada por um passado recente em que o acesso a quase todos os benefícios sociais estava ligado à vinculação ao mercado de trabalho ou ao pagamento de impostos, também está presente em outros entrevistados:

"...a gente foi aprender... que eles eram nossos empregados...e, por isso, quando a gente paga o empregado tem o direito de exigir aquilo que quer..."

Essas observações se fazem necessárias porque se pretende, nesse trabalho, investigar a concepção de movimento social presente nas práticas coletivas desenvolvidas na região. Dentre as interpretações teóricas sobre os movimentos sociais um ponto bastante consensual é aquele que os entende como exercício de conquista de cidadania. De acordo com essa concepção o acesso aos direitos sociais - saúde, educação, transporte, moradia, lazer, etc... - não poderia estar vinculado a qualquer forma de pagamento, deveriam, pelo contrário, estar inscrito na legislação e nas práticas cotidianas como algo inerente a todo ser humano, independente de sua capacidade de "pagar" por eles. No entanto, as falas citadas parecem conter elementos de uma visão de direito social vinculada à posição no mercado de trabalho. Há nelas, pelo menos, resquícios dessa concepção.

Os depoimentos sobre movimentos sociais obtidos através da entrevista coletiva apresentam três aspectos importantes: em primeiro lugar, a participação em ações coletivas aparece como forma de resolução de problemas tanto individuais como gerais à comunidade próxima; em segundo, tem-se a participação como forma de libertação e de autonomia pessoal e mesmo de crescimento enquanto indivíduo, de desenvolvimento de capacidades e aptidões, de estabelecimento de relações sociais mais ricas e menos autoritárias. Nesse ponto, a participação apareceria como a única forma de repensar a vida, de propor novas maneiras de viver, tanto no nível pessoal como no social, finalmente, um elemento constante em quase todas as falas e que diz respeito à fragilidade dos movimentos:

"Olha, o movimento hoje tá um pouco restrito, né. É uma coisa muito pequena porque toda aquela força foi trabalhar fora, foi cuidar da vida, porque entrou o Collor e você viu o que aconteceu com esse Brasil todo e isso veio afetar a vida da gente. Se a gente já tinha uma situação difícil, imagina depois disso. Aí foi onde a gente partiu muito mais para o trabalho e aquela luta contínua, diária que a gente tinha a favor da saúde, de todas as pessoas que estavam atravessando aquela vida difícil e atravessam até hoje, a gente deixou um pouco de lado, porque a gente precisa cuidar da vida da gente. Então os movimentos, hoje, tá assim, fraco, bem devagar mesmo, basta ver Itapeverica... a gente não consegue arrastar aquele pessoal por incrível que pareça, até hoje! Por quê? Porque as pessoas estão com a cabeça politicamente pequena, mas pequena mesmo, sabe?

4. ANÁLISE TEMÁTICA

a) A ausência

Considerando-se a revisão bibliográfica sobre o binômio movimentos sociais/participação, nota-se ausência de um tema em todos os discursos levantados por ocasião do trabalho de campo: a cidadania. Essa ausência causa uma certa estranheza visto que, tanto na conjuntura política como na revisão bibliográfica realizada, pressupõe-se uma associação entre cidadania e movimentos sociais, estes últimos muitas vezes entendidos como condição ou elemento criador de cidadania.

Revela-se essa ausência, ainda, bastante significativa porque desde sua emergência, de forma mais sistemática no final dos anos 70, as lutas do setor de saúde vêm explicitando a necessidade de extensão da rede básica de saúde na periferia das grandes cidades em termos do acesso ao direito à atenção médica, à ação de saúde. Vale lembrar, ainda, que a questão da Reforma Sanitária - elaborada e defendida, por técnicos das burocracias de saúde, por instituições universitárias, associações profissionais, sindicatos, partidos políticos e referendada pelo movimento social conforme as reuniões por ocasião da VIII Conferência Nacional de Saúde⁽⁴⁶⁾ - justificava-se como uma medida para viabilizar o lema político dos anos 80: "Saúde dever do Estado, direito do cidadão". Nessa mesma época, outra proposta de reorganização e racionalização dos sistema, elaborada por organismos internacionais (Organização Mundial de Saúde) e consubstanciada na Declaração de Alma Ata (1978) defendia como meta prioritária: Saúde para todos no ano 2000*. Ambas tinham como objeto, ou eixo, a extensão das práticas de saúde para contingentes maiores da população.

Nessas abordagens, uma das estratégias para alcançar a extensão da saúde seria a "participação popular". Nos dois primeiros casos concebida como atuação em movimentos coletivos de caráter reivindicatório, que pudessem exercer pressão sobre o sistema organizativo e/ou político, para garantir uma política de ampliação de equipamentos de saúde, reforma do sistema de saúde assim como de participação institucional na gestão do

* Diferentemente da proposta de Reforma Sanitária, as propostas da OMS visaram obter a extensão da saúde a toda a população através de propostas de medidas de tipo medicina simplificada e seriam executadas através de agentes da comunidade.

setor através de organismos como conselhos populares, conselhos gestores, etc.

Independentemente das inspirações e motivações para a participação política, os objetivos e sentido dos diferentes movimentos e lutas sociais (em que ocorriam essas formas de participação) apontavam para uma dinâmica - mais ou menos presente e/ou consciente - voltada para a construção da cidadania, entendida como situação político-social de vigência plena de direitos individuais, políticos e sociais.

Duhran⁽²⁸⁾ desenvolve com bastante clareza essa relação entre cidadania e movimentos sociais ao definir os movimentos sociais como uma forma específica de mobilização popular, própria das sociedades industriais capitalistas com espaço diferente daquele tradicionalmente ocupado por partidos e sindicatos e que, mais do que lutar contra o empobrecimento das classes populares, elabora exigências de atendimento de novas necessidades, luta pela ampliação de acesso ao espaço político e aos benefícios do desenvolvimento econômico e que, principalmente, apontam para a emergência de uma nova cultura (no sentido antropológico) quando, além de reivindicarem serviços públicos, elaboram propostas alternativas de vida com os movimentos feministas e/ou ecológicos.

Para a autora⁽²⁸⁾, o reconhecimento de carências coletivas consitui-se em elemento (necessário mas não suficiente) para a formulação de reivindicação vinculadas às necessidades da população. A transformações de necessidade em direito, ou a produção da noção de direito, exigem e, ao mesmo tempo, só são possíveis, num contexto de revisão e redefinição do espaço da cidadania.

Essa necessidade torna-se mais clara quando se reflete sobre o processo de constituição e formulação legal de direitos no Brasil. Esse processo, segundo Durhan⁽²⁸⁾, não corresponderia à codificação de uma realidade (a afirmação de direitos naturais e inalienáveis, auto-evidentes, decorrentes da vivência real, como teria ocorrido nas colônias norte-americanas), mas à formalização legal de princípios "importados e inoperantes"* ao longo dos diferentes momentos históricos do Brasil. Na atualidade, os movimentos sociais poderiam desempenhar o papel de construtor de direitos revertendo uma situação anterior, antiga e cumulativa de carências, agora entendidas como inaceitáveis.

Essa percepção do papel dos movimentos sociais poderia corrigir, em termos

* Aspas da autora

de elaboração e implementação de políticas sociais, as distorções causadas pela mais conhecida modalidade de cidadania da experiência brasileira, a cidadania regulada^{(50)*}.

Outro elemento que pode contribuir para a compreensão do tema da cidadania remete, mais uma vez à Antropologia Social, ainda que com um enfoque diferente do proposto por Durhan⁽²⁸⁾, mais próximo a uma leitura contemporânea do funcionalismo: a noção de cidadania discutida por Da Matta⁽²⁵⁾.

Para o autor⁽²⁵⁾ a cidadania não se pode ser entendida como algo natural e presente onde quer que existam sociedade e seres humanos, mas um padrão de comportamento social, institucionalizado, um papel social apreendido; " ... conforme nos revela a história social e política que lhe deu sentido na Europa Ocidental e nos EUA ... nessas áreas a idéia de cidadania como um papel universal de caráter político... contaminador de todas as outras identidades sociais abria caminho decisivo para a possibilidade de liquidar com as leis particulares, os privilégios que davam à nobreza e ao clero direitos de terem leis especiais... Mas será que isso ocorreu em todas as partes?

Segundo esse autor⁽²⁵⁾, o passado colonial brasileiro não ofereceu condições para que se criasse, no Brasil, a noção de indivíduo, mas uma modalidade de individualismo em que se valoriza e se legitima a manipulação de leis e regras que é possibilitada pela capacidade de se articular, no plano oficial, legal e público, as ligações pessoais que se estabelecem e se operam no plano privado, pessoal, familiar, invertendo os espaços ou agindo-se de maneira privada no âmbito público.

Ainda que não se adote integralmente a perspectiva de Da Matta⁽²⁵⁾ como explicação última desse problema, não se pode deixar de se refletir sobre a marca colonial e escravocrata nainda presente na atual conjuntura.

Do ponto de vista das características políticas e econômicas descritas por Tourraine⁽⁶⁰⁾ como próprias dos países do Terceiro Mundo,(*) o Brasil, ainda que possa ser

* Por cidadania regulada entende-se uma modalidade em que o Estado cria um conjunto de direitos relacionados à vinculação a determinados setores do mercado de trabalho, ou nos dizeres do autor: ligado a "um sistema de estratificação ocupacional e não a um código de valores políticos (Dos Santos, 1979,) gerando desigualdade entre trabalhadores e criando a noção de cidadão-trabalho ou contribuinte.

(*) Em princípio esse autor não concorda com o termo Terceiro Mundo, visto que este procura denominar realidades bastante diversificadas.

integrado a esse conjunto, apresenta em relação a ele uma nota dissonante⁽⁴³⁾. Apesar de ter sido, em toda a América Latina, o país que realizou com maior profundidade, os objetivos do modelo nacional desenvolvimentista criando um parque industrial e um mercado consumidor para esse complexo, o Brasil não foi capaz de diminuir as diferenças e desigualdades econômicas e sociais que marcam o continente. Além disso, tem apresentado as menores taxas de investimento em saúde e educação, taxas essas acompanhadas por um salário mínimo cujo valor em dólar é próximo ou igual ao de países africanos, com menor PIB, conforme noticiário cotidiano da imprensa.

Talvez as explicações para esse fato não sejam de caráter puramente econômico visto que sociedades com as mesmas características elaboraram outras formas de divisão do produto ou de políticas sociais: Talvez o quadro cada vez mais perverso da distribuição de renda ou da pouca abrangência de políticas sociais possa ser explicado por considerações históricas, culturais, políticas.

Ainda que desde a década de 80 os temas de direitos e pacto sociais tenham apresentado uma certa ressonância em termos de opinião pública e tenham, mesmo, garantido um espaço constitucional para o setor saúde, educação e outros da área "social", a prática política tem se revelado incapaz de executar os planos ou garantir a vigência de direitos. A vigência de direitos sociais, a elaboração de políticas econômicas distributivas exigem, para sua consolidação/execução, um patamar de identidade e integridade nacional que se apresenta extremamente baixo na conjuntura nacional.

Como se estabelecer uma política antiinflacionária, por exemplo, que exige sacrifícios de todas as partes, em uma sociedade na qual a noção de direitos e deveres universais coexiste - ou tenta se instalar - em meio a uma ordem social que enquadra seus componentes a partir de traços familiares, pessoais, étnicos ao invés de entendê-los como cidadãos, indivíduos, definidos a priori como iguais. Como se entender os diferentes setores sociais como detentores de uma igualdade anterior a eles próprios quando o que é mais evidente é a desigualdade que os precede, que os engendra? Como se pensar em direitos auto-evidentes quando o que é mais explícito, transparente, cristalino é a diferença gritante de condições de vida. Como se estabelecer uma identidade nacional entre indivíduos que não se entendem como iguais, parceiros, visto que só têm a violência urbano como ponto a ser compartilhado?

"Vão lavar panelas" - responde o prefeito ao Movimento de Saúde de Itapeçerica da Serra, exemplificando a assertiva anterior.

"Não pude comemorar, meu irmão levou dois tiros em um assalto": revela uma depoente que, após a experiência em praticas coletivas, resolvera procurar um emprego que, quando obtido, não pôde ser festejado em função da referida violência urbana.

"Eu tinha medo de falar com o médico". - frase muitas vezes ouvida ao longo do trabalho de campo também pode atestar o padrão autoritário de relacionamento entre os diversos atores sociais que compartilham o cenário da saúde.

Do ponto de vista histórico as noções de indivíduo e cidadão constituem-se junto ao processo de formação dos estados nacionais ao longo dos séculos XVII/XVIII. No final do século XIX e início deste as nações européias mais ricas, como Inglaterra e França, apresentavam direitos individuais bastante consolidados. Ao longo do pós-guerra, o movimento operário e as experiências social-democratas influenciaram a instauração de um processo de instituição e extensão de direitos sociais.

Ainda que o Brasil possa ser entendido como uma das faces do processo histórico europeu desencadeado no período mercantilista, não se registrou, no caso brasileiro, o mesmo desenvolvimento em relação às noções de indivíduo e cidadão. Latifúndio e escravidão marcam a terra brasileira do século XVI ao final do XIX. A constituição da nação brasileira, por sua vez, se dá em decorrência de processos europeus: guerras napoleônicas e lutas dinásticas portuguesas explicam ou estão nas raízes da Independência que ocorreu sem ruptura no regime político: o Brasil foi o único país da América Latina que manteve a monarquia após a emancipação.

A monarquia, por sua vez, só é derrubada quando outra instituição a ela ligada - a escravidão - é inviabilizada pelos interesses da Revolução Industrial. Assim, República e trabalho livre não aparecem na ordem social como conquistas de indivíduos em luta pela direção da sociedade em que vivem pressupondo um traço de identificações entre eles, mas como nova forma de arranjo institucional:

Assim, a abolição da escravidão que ocorre quase no romper do século XX não é acompanhada, sequer, por mercado de trabalho capaz de absorver os libertos, (supondo-se que estes pudessem competir por emprego), quando mais por normas ou leis

que regulassem as novas relações de trabalho. Não causa estranheza, portanto, o fato de que, quase no romper do século XXI, a sociedade brasileira não tenha criado, ainda, mecanismos de inserção, de integração, para a maior parte de seus "quase" cidadãos.

Esse quadro - histórico e conjuntural - poderia estar na raiz, na origem do fato de que direitos como a universalização da atenção médica e a obrigatoriedade de o Estado executar ações de saúde coletiva só terem aparecido tardiamente na pauta de reivindicação. Pode sugerir também, que a incapacidade de se executar a lei que estabelece essas conquistas, possa repousar no fato de que a luta pela cidadania não correspondeu a um movimento profundo da sociedade brasileira; que a noção de cidadania não tenha um sentido preciso ou unívoco entre os diferentes setores sociais mesmo entre aqueles que - supostamente - estão engajados na sua consecução.

Essa suposição inspira-se na total falta de referência ao tema ao longo das entrevistas/depoimentos, em indivíduos de diferentes grupos sociais, como se percebe pela própria ausência do termo "cidadania". Além disso, a presença de outros temas/palavras detectados ao longo da investigação e que tangenciam a questão da cidadania podem servir para montar um cenário que explique essa ausência.

O cenário da anti-cidadania

Se a constituição histórica do papel/noção de indivíduo e de cidadão são processos que devem ocorrer simultaneamente a fala dos atores da pesquisa participante remeteu-se, várias vezes, a um mundo que apresenta espaços muito exíguos para a formação de indivíduos dotados de identidades igualitárias que sustentem a noção de cidadania.

O cotidiano entrevisto nestes depoimentos supõe relação familiares, de gênero, bastante autoritárias e violentas; relações essas que se desenvolvem num contexto geográfico e social igualmente violento, permitindo supor que, no plano público e privado, relações autoritárias continuam presentes, interferindo no plano de cidadania.

A transcrição destes depoimentos aponta para o fato de que a superação de relações de dominação não acontece de forma linear, mas sim que novas formas de relação são elaboradas e postas em prática num cenário em que a persistência das anteriores (tanto

no nível público como privado) cria uma situação tensa entre eles. Mais do que superar situações, a prática dos movimentos sociais permitiu, no plano privado, a imposição de limites às relações violentas, autoritárias: cada passo no sentido de mudanças pessoais exige negociação, confronto; a relação familiar ainda que bastante transformada não implicou numa crítica radical mantendo-se uma imagem idealizada de família.

A persistência de relações familiares autoritárias está bastante clara nesses trechos: ... onde o pai batia saía sangue..., mas não temos revolta... agradeço, porque, com essa austeridade fiquei um homem de bem... Apesar de todo esse sofrimento gostaria que toda a família tivesse a família que a gente teve.

Zé sempre dizia: você vai atrás dos machos... isso é coisa de mulher vagabunda, de mulher que não tem o que fazer... E isso foi me dando mais ódio, mais revolta...

"Imagine que nessa época meu marido trancava o portão para eu não ir ao Encontro de Mulheres... eu pulava o portão... consegui viver a experiência de enfrentar o marido... Quase cheguei a me separar porque comecei a brigar pelos meus direitos".

Essas relações autoritárias - apesar de não se superarem totalmente - foram bastante limitadas a partir da participação nos movimentos sociais.

A biografia de Lúcia Mara vai, portanto, ao encontro de várias afirmações constantes na literatura sobre o efeito libertário emancipatório da prática nos movimentos sociais em relação às trajetórias individuais:

"Eu acho que na minha vida foi um grito de liberdade, né! E essa pesquisa surtiu um efeito muito grande na minha vida... eu tive mais coragem... eu tinha direito a estar fazendo aquilo porque era minha vida.

O autoritarismo das relações pais/filhos, marido/mulher encontra paralelo na relação população/serviços de saúde e população/autoridades municipais.

"... eu não sabia o que falar, eu levava um filho ao médico, eu dava papa de farinha para ele, eu tinha medo de dizer pro médico porque tinha medo de levar carão..."

"...nesse tempo as mães tinham medo de falar com os médicos... de

perguntar que doença era dela... essa maldade toda na medicina toda que trazia tudo aquilo escondido - como toda vida foi - tanto na medicina como na religião - tudo era uma coisa em latim que ninguém podia entender, participar...

"Marcaram reunião com o prefeito... vai lá... num tava, vai lá... num tava ... vai uma vez, duas, três chega lá o homem num tá, quando tá, num recebe porque já está passando da hora... que deixa para outro dia... outra vez o homem fica dando tchauzinho da javela, monda um monte de polícia de ponta a ponta para pegar 40, 50 pessoas que estava chegando - isso é covardia, é covardia sem de uma autoridade. Todo beco que você redeava tinha polícia ali tocaiando a gente... Isto aconteceu nessa administração a outra também era ruim... mas nós lutamos, lutamos, lutamos durante quatro anos e o posto não funcionou mal. Nós conseguimos derrubar as barreiras que tinha lá, que tinha tanta enfermeira que você chegava lá e não podia dizer bom dia, elas já estavam com o bico desse tamanho, e ... a gente assim em cima da letra.

Essa referência a atitudes autoritárias da administração municipal que se encontra na fala de um elemento da população, não é desmentida ou relativizada quando se confronta essa fala com a de elementos da burocracia municipal que ocupavam cargos de chefia:

"O movimento se transformou em movimento contra autoridade, Reivindicação não era por saúde... era pessoal, política... não queriam saúde pública, educação... Nós tínhamos que trabalhar em paz, então não ouvimos mais.

A persistência nas relações pessoais, de um caráter autoritário atuaria no sentido de limitar a elaboração de relações mais autônomas, de identidades emancipadas, base de sustentação da noção de cidadania. A sempre presente referência à situação de desigualdade nas relações oficiais, com autoridades municipais ou funcionário do setor saúde - situações essas às vezes superadas pela ação dos depoentes, mas ainda presentes no discurso nas práticas oficiais - reforça a interpretação deste trabalho no que diz respeito à fragilidade de cidadania enquanto valor, orientação cultural dos atores envolvidos no seu processo de consolidação. As falas que discorrem sobre direitos e opção profissional também permitem essa suposição, visto que refletem a concepção de "cidadania regulada"⁽⁵⁰⁾, ou seja, uma associação entre direito e contribuição previdenciária. Revelam, também, uma persistência de traços de concepção tradicionais e autoritárias sobre relação de

trabalho. Nesse sentido indicam a presença de elementos pouco democráticos nas concepções políticas e sociais também em nível da população ou de agentes externos ao movimento. Essa persistência, aliada a autoridades municipais e técnicos do setor saúde resistentes ou opositores da prática dos movimentos, compõem um cenário pouco propício ao desenvolvimento e à extensão de cidadania.

Para corroborar essas afirmações salientamos as seguintes frases:

"Minha vivência nessa área sempre foi a de procurar me envolver com a população... que paga o meu trabalho".

"... a gente foi aprender ... que eles eram nossos empregados... quando a gente paga o empregado tem o direito de exigir aquilo que quer..."

"... a gente foi aprender com a pesquisa que eles eram nossos empregados e não nós empregados deles..."

"... foi quando a gente veio a descobrir que o imposto que a gente pagava... por esse imposto a gente tinha o direito de lutar por isso tudo... nós tivemos a lição de entender que a gente temos direito de tudo isso, por causa dos impostos que a gente paga.

Essa análise, ou interpretação da fala dos depoentes, não significa concluir que a participação nos movimentos sociais, a experiência de pesquisa participante no contexto dos movimentos não inferiram no sentido de construção da cidadania; significa, somente, a identificação de elementos gerais da sociedade brasileira (a herança escravocrata, a crise econômica, o caráter restrito das políticas sociais) e de elementos particulares do grupo estudado que se associam a estas traços gerais, impregnando a construção cotidiana e local da cidadania de um caráter mais restrito.

b) TEMAS PRESENTES

A renovação de padrões sócio-culturais e sócio-psíquicos do cotidiano e a construção da cidadania.

Já se trata de consenso, entre estudiosos e militantes dos movimentos sociais, a idéia de que a percepção e recusa de carências permite a criação de uma identidade entre moradores da periferia que, por sua vez, constituiria a base e a condição para a vivência nos movimentos sociais. Esses movimentos, finalmente, engendrariam formas de luta por participação e conquistas materiais. Enquanto alguns teóricos enfatizam o papel político institucional dos movimentos, outros salientam sua capacidade de criar e experimentar formas de relações sociais cotidianas que podem constituir formas duradouras de oposições às estruturas de dominação. A vivência dos movimentos sociais corresponderia, então, a um trabalho de "formiga", a ser executado a longo prazo, mas que seria irreversível no sentido de criar formas menos ameaçadoras de vida⁽²⁴⁾.

A análise temática elaborada a partir dos depoimentos encontrou farto material que aponta para essas tendências e que corroboram uma das idéias centrais desse trabalho, ou seja, que a pesquisa do Parque Paraíso - enquanto forma de atuação nos movimentos sociais - teria atuado no sentido de contribuir para criação de novas formas de se levar a vida.

Relações familiares e mudanças no cotidiano

A leitura dos depoimentos permite destacar dois aspectos: em primeiro lugar, se não a denúncia, pelo menos a caracterização de uma relação homem versus mulher bastante marcada por elementos tradicionais ou mesmo de dominação.

Na história de Mariana se percebe, em primeiro lugar, a dificuldade de se estabelecerem relações mínimas de solidariedade entre marido e mulher. Para criar os filhos, estabelecer a família. Mariana percorreu várias vezes a rota quase em calvário, entre Alagoas e São Paulo, até se fixar em Itapeverica. Mesmo assim seu relato não aponta para o estabelecimento de laços de cumplicidade, pelo contrário, mostra espaços definidos e delimitados de ação para cada um. Apesar disso, Mariana redefine o perfil de mulher, elabora nova concepção de relação entre pais e filhos e desenvolve uma intensa vida pública à revelia do marido. Lúcia Mara, por sua vez, apesar da oposição cerrada do marido, participa dos movimentos, estuda, trabalha fora, consegue uma profissão e, ao mesmo tempo, se não o apoio pelo menos a aceitação do marido. Sua vivência pública desenvolve a

relação familiar, cria novas concepções de relação entre pais e filhos. Outra depoente revela, na entrevista coletiva, que sua participação nos movimentos, na pesquisa participante, mudou sua concepção de vida, de mulher e contribuiu para terminar uma relação que não a satisfazia.

"... quando acabou a pesquisa procurei trabalho e encontrei... fiz o concurso para entrar no Hospital X e ele não queria... coisa de mulher vagabunda, enfermeira é galinha de médico... ele dizia... mas eu escolhi trabalhar em hospital motivada pela luta... Devagarinho ele vai engolindo tudo... Eu não sei que tem na cabeça: serão ciúmes, será falta de confiança nele?

Através da luta de mulher a gente começou a se desenvolver bastante também... na luta aprendi que a mulher tem direito à convivência dentro de casa com o marido, com os filhos... Porque antigamente a mulher sabia que era subalterna ao homem... eu ouvi minha mãe falar essa estória... eu digo... não sou filha dessa mulher... hoje em dia, depois de aprender na luta que a gente é igual, eu crio meus filhos diferente..."

Ao romper com o passado, negando a mãe que lhe quer transmitir sua submissão, Mariana libertou o futuro... seus filhos, outra geração, ela cria "diferente".

A compreensão das relações de submissão se dá na prática pública coletiva e é através dela que essa seleção pode ser transformada:

"A pesquisa para mim foi uma visão... eu sempre fui criada naquele tipo, bem submissa, né... então pediram minha casa para reunião... até aquele dia eu era fechada para mim... era só cuidar de roupa, marido, filho... nada me interessava... a partir desse momento eu comecei a ir ao clube de mães, analisar as coisas, e apareceu essa pesquisa... ela foi para mim um caminho..."

"Foi depois da pesquisa... Foi daí que eu tomei fé para sair para luta e trabalhar fora... quebrei todas as barreiras que eu tinha dentro de casa... e a situação, ela virou, ela se reverteu... eu falo assim de boca cheia... minha mãe até dá risada: engraçado, o teu marido hoje vem comer no teu prato, né? Eu falei: mas é, eu já comi muito no prato dele, então chegou a hora de virar a coisa, né? Posso ter a alegria de dizer que as coisas estão melhorando, porque com isso eu aprendi a lidar melhor com os meus filhos. Eu só tenho filho homem, agora eu tenho liberdade muito grande para conversar com eles. A

gente aprendeu muita coisa junto (na época da pesquisa). Ele também escondia as minhas saídas (para a pesquisa) do pai dele... Quando eu chegava, ele dizia: 'Mãe, foi tudo bem? Você aprendeu mais alguma coisa hoje?' E agora ele começou a trabalhar e disse: "Eu acho um desaforo uma coisa, mãe, o lugar que eu estou trabalhando, a sociedade ainda é muito machista, porque para eu poder tem meu talão de cheque, precisa meu pai assinar, por não minha mãe? Então, eu achei isso muito bonito, para você ver como que isso também abriu a cabeça dele".

"A sociedade em que a gente vive é muito machista e a gente acaba criando os filhos da gente assim. Eu acho que os meus eu estou tentando criar de uma outro maneira. Passando para a cabecinha deles o que não passou pela do pai deles, não é? É uma coisa bonita quando ele chega pro pai dele e faz o pai entender as coisas, que mulher também tem direito de correr lá fora.

Movimentos sociais e pesquisa participante: a questão de fragilidade.

O movimento social e a pesquisa participante do ponto de vista do técnico e da população.

O entendimento sobre os movimentos sociais

Entre os técnicos de Itapecerica da Serra entrevistados sobre os movimentos sociais e a experiência do Parque Paraíso, as opiniões se apresentam bastante diversificadas.

Para a diretoria do ERSA, apesar da pouca participação política dos moradores dos municípios que compõem a região e da pouca expressão dos movimentos sociais em termos políticos e institucionais, foram registrados alguns avanços, como a formação de Conselhos de Saúde. Em relação à possível contribuição da Pesquisa participante - como recurso educativo e mesmo para a dinâmica dos movimentos sociais - a diretoria considerou que este projeto não deixou uma grande marca em nível institucional devido à grande "rotatividade" dos funcionários na região.

Para os técnicos do Centro de Saúde (que ingressaram na unidade após a realização da pesquisa e a saída dos técnicos que haviam participado deste processo), essa

experiência havia deixado poucas marcas na memória institucional e na própria população do município. Consideraram que o fato se devia à concepção diferente de trabalho em saúde que havia sido implantado na unidade com a nova diretoria, concepção essa que seria responsável pela ênfase no caráter médico-assistencial das atividades a serem desenvolvidas pelos técnicos. Referiam, também, o pouco interesse da população pela participação causada pelo descrédito em relação ao sistema político tanto em nível nacional como em nível local.

Esse discurso contrasta bastante com o depoimento da chefia da Unidade que considerava estar desenvolvendo trabalho preventivo, apesar da pouca participação da comunidade, e que as propostas defendidas pelos técnicos que a precederam e pelos movimentos sociais em saúde da região tinham caráter político - partidário ou eram inspiradas por interesses pessoais.

Quanto à chefia do ERSA, os depoimentos obtidos e as entrevistas feitas com pessoas de Itapecerica da Serra que participam do movimentos de saúde e que formaram a equipe de pesquisa do Parque Paraíso, revelam que, além de não haver confronto entre esses atores - "o pessoal do ERSA não tem nada contra o movimento de saúde", diziam os entrevistados - a administração estadual, é sensível a uma política de participação institucional, valorizando iniciativas como o conselho de saúde. Sobre esse assunto, o depoimento da chefia refere o conselho de saúde como um "avanço" e fruto da própria atividade dos movimentos.

As afirmações sobre as relações movimentos de saúde/autoridades municipais foram inspiradas por trechos de entrevistas e depoimentos transcritos a seguir:

"Eu digo que no movimento popular tudo é política. Quando assumimos a direção as dificuldades eram vistas como incompetência. Faziam pirraça. Queriam acabar conosco. Eles entendiam as coisas erradas...

Sobre a administração eleita um dos moradores-pesquisadores de Itapecerica da Serra fala:

"Eu fico revoltada porque a gente evitou tanto! e infelizmente o povo foi deixar, permitir, um 'trem' desses, lá... tem hora que eu quero desistir da luta... porque lá na frente tem gente como ele, ditador, uma coisa barata, uma coisa medíocre... porque um homem desses é... não é um ser humano...

Outro entrevistado afirma sobre a referida autoridade: "...Ele deu a entender que (a gente) era um bando de maloqueiro... Ainda segundo a depoente, a autoridade teria dito que no bairro x "ele não mexe nenhuma pedra mesmo, que o pessoal daqui só vai lá para brigar com ele, para agitar".

Sobre o movimento de saúde e sua dinâmica diante de forças políticas refratárias, o discurso revela um sentimento de impotência e mesmo de dependência: "Essa foi uma das piores administrações para o movimento... Em outubro tem novas eleições e eu espero que isso mude.

Esses depoimentos registram a situação de confronto entre atores que não se entendem como interlocutores, mas como adversários, inimigos. Outros depoimentos de integrantes dos movimentos sociais e de autoridades apontam o sentido dessa relação em que as partes se vêem como inimigos. Desnecessário frizar que esse contexto reflete o baixo patamar de identidade igualitária e/ou cidadania.

Assim, alguns depoimentos - tanto dos técnicos como da população identificam a pesquisa participante do Parque Paraíso com o próprio movimento social por saúde de Itapeverica da Serra. Encontram em ambos uma característica comum, a fragilidade, demonstrada pelo movimento que, em anos anteriores, alcançara uma grande força, uma capacidade de mobilização política, de energia reivindicativa, energia essa impossibilitada e enfraquecida - no momento das entrevistas - pela situação econômica do país e pela situação política do município. Reconhecem também que essa vitalidade foi bastante favorecida pela pesquisa participante.

"Não tem jeito de separar essas duas coisas... a pesquisa e o movimento".
"Eu acho que essa pequena trouxe uma coisa muito lucrativa para nós... Porque quem não participa não tem força para se defender... não sabe onde está a verdade".

Essa valorização da pesquisa participante no que diz respeito à dinâmica, à qualidade da participação, indica que a população reconhece a possibilidade de alianças com técnicos das instituições oficiais, tanto as de saúde como as universitárias, identificando seu papel colaborador assim como identificaram a contribuição fundamental de setores da Igreja.

Essa íntima relação entre técnicos sensíveis às demandas populares e os movimentos sociais aparece, muitas vezes, como um sinal de dependência dos movimentos

de saúde em relação a "agentes externos". Uma situação em que os agentes estariam ausentes e os movimentos sociais passariam por uma fase de baixa mobilização tenderia a ser explicada de "fragilidade" conjuntural e/ou estrutural de ações coletivas organizadas.

"Padre Luís foi alguém que iluminou nosso caminho... A mulherada não se mexia, era tudo parada... Padre começou a conscientizar... não ... oração sem ação... A gente deve a luta da gente a ele... ele estava sempre por trás; dando um empurrãozinho... os grupos de mães estão fracos porque as pessoas que atuavam na igreja foram embora... quem está aqui agora é um carismático..."

Assim como o padre é apresentado pelas falas de vários depoentes e entrevistados como condição essencial para o movimento, a pesquisa participante teria sido um dos elementos mais decisivos para o "sucesso" do movimento de saúde:

"Aquela pesquisa que nós fizemos nos ajudou muito... antes eu não sabia nem como falar com alguém... chegar num hospital, por exemplo, saber meus direitos... na pesquisa eu aprendi muita coisa boa... A pesquisa participante abriu mais um caminho para nós... Ela deu fortaleza para nós... se tivesse mais pesquisa participante... que se não fosse só em Itapeverica, fosse em outros lugares, o povo ia acordar... Porque eles não estão vendo... Ela ajuda a gente a se sentir gente, alguém do mundo... porque você chega num canto e fulano diz: "ali eu não posso falar porque quem pode falar é fulano, porque ele é professor, é diretor, é assistente social..."

Esses depoimentos reforçam a primeira interpretação sobre as relações sociais de tipo autoritárias dominantes na sociedade brasileira que desqualificam os "interlocutores populares".

Essa desqualificação anterior aos movimentos e à pesquisa do Parque Paraíso ainda que possa ter sido relativizada no contrato da prática coletiva permanece latente e volta a se manifestar quando esses movimentos perdem visibilidade em conjunturas de pouca mobilização social e/ou lutas reivindicativas fazendo com que a concepção mais persistente sobre os movimentos tanto para técnicos como para os próprios militantes - seja a de fragilidade, entendida como incapacidade de influir no sistema político, de se fazer ouvir: "Quem pode falar é a assistente social".

Essa impressão de fragilidade presente no discurso popular indica que este se

encontra bastante permeado por uma tradição do pensamento político brasileiro que enfatiza o aspecto político institucional em detrimento da dimensão social. "O povo brasileiro já não acredita em mobilização, na época da eleição o candidato promete muito depois esquece, as reivindicações não são atendidas; não é um processo do último ano, do último prefeito, mas é anterior".

"A gente sofreu limites. E um dos grandes limites foi a conjuntura política que mudou. A entrada do Partido X foi um desastre... saíram X, Y,Z... que de alguma forma davam força para o movimento... que ficou não morreu, ele está fraco... Dependendo de quem ganhar as eleições vocês vão poder refazer tudo aquilo..."

Essa relativa impermeabilidade do sistema político no sentido de incorporar - efetivamente - as demandas dos movimentos sociais aparece para os próprios militantes como limites de sua atuação. Vale lembrar, também que as falas dos militantes sobre a força dos movimentos, ou sobre a época em que estes se encontraram em ascenso, sempre remontam a períodos de intensa mobilização, de confronto. A participação em instâncias como conselhos de saúde não é entendida como sinal de força dos movimentos sociais, mas como instrumento, locus de resistência. Essa representação, por sua vez, é ancorada na tradição do sistema ou da cultura política nacional de incorporar marginalmente as demandas sociais e de operacionalizar de maneira limitada, restrita as instâncias de representação.

Essa situação, ainda que caracterize uma relação assimétrica entre atores sociais, não desqualifica a vivência em movimentos quando entendidos como criadores de novas formas de consciência, de padrões democráticos de sociabilidade e, secundariamente, como criadores e/ou transformadores de sistemas políticos.(24) Para Touraine, a capacidade de criar novas orientações culturais representa um patamar mais significativo para a transformação social do que a própria capacidade de influir no sistema político(41).

A metodologia da pesquisa participante

Para finalizar, ensaiou-se uma interpretação sobre a pesquisa participante enquanto recurso metodológico, a partir de uma síntese de vários depoimentos.

"Sobre a pesquisa participante eu acho que como instrumento na mão do

movimento popular foi uma coisa muito importante. Nós, que somos técnicos da saúde, corremos o risco de passar só a nossa expressão para a população, com esse método, ganhamos um instrumento para cobrir a opinião da população, mesmo daqueles que não participam do movimento. Você pode ler naquela cartilha, a nossa opinião (porque não dá para fazer uma pesquisa sem se colocar) mas também da população, mesmo a parte que não participa do movimento. Mas ela tem limites... Além daqueles que eu já falei (conjuntura política), a pesquisa demorou demais, foi muito lenta... não deu para concluir aquilo que era a proposta depois da pesquisa, que era o planejamento".

"Como recurso profissional para mim (a pesquisa) foi um achado... era um instrumento para dar força ao movimento e mesmo para conhecer a população... Eu nunca pensei que os moradores do Parque Paraíso associassem tão bem saúde e meio ambiente..."

Para outros técnicos não envolvidos com a experiência do Parque Paraíso, e que assumiram cargos e chefias, depois desse evento, a avaliação não se coloca da mesma maneira.

"Esse trabalho pode ter tido a intenção de passar essa mentalidade científica, mas não tenho certeza se não foi usado para fins políticos... Nessa época houve um confronto mais político do que reivindicativo. Acho que as mulheres da população não entenderam a pesquisa e, manipuladas por X, quiseram trocar o secretário. A pesquisa participante que você me conta, não vi, não conheço. Se ela existiu, no início com intuito de captar... sua população queria uma assessoria, ela se diluiu e se transformou num movimento popular. Se eles tivessem aprendido o que você passou, me ajudaria muito. Eu preciso que me procurem. A gente trabalha, trabalha e não tem retorno... Para você ver: seu trabalho não deu em nada. Nem o meu, nem o seu."

Entre os técnicos da área social do Centro de Saúde a opinião é mais vaga:

"É difícil dizer se a pesquisa participante deixou marcas, sugestões para um trabalho educativo, quando nós chegamos aqui esse movimento já tinha passado. Ninguém mais fala dessa pesquisa desde que chegamos aqui. A ênfase ao trabalho em saúde, hoje em dia, não é preventivo, é médico-assistencial".

Entre os professores, a importância da pesquisa participante relaciona-se à sua contribuição na prática profissional:

"Acho que foi uma coisa que me enriqueceu pessoalmente... e também foi muito útil do ponto de vista profissional. Essa experiência eu uso sempre, permanentemente em salas de aula, nas coisas que eu escrevo. Acho também, que eu perdi muito do preconceito em relação às pessoas. Antes dessa pesquisa eu valorizava a comunidade, mas era uma coisa mais racional. Depois da pesquisa deu-se uma valorização da comunidade que entrou para o plano da sensibilidade.

Para os moradores-participantes da pesquisa a avaliação se concentra sobre sua contribuição para o movimento e, principalmente, para seus próprios desempenhos na vivência pública e coletiva.

"Bom, eu acho que pro movimento, na época, foi uma força muito grande e continua sendo até hoje. Outro dia uns professores do bairro estavam propondo que, com essa experiência que a gente tem, a gente fizesse um trabalho na área da educação... Eu acho que a pesquisa serviu para tudo isso e, também, para abrir a cabeça da gente.

As falas sobre a Pesquisa do Parque Paraíso indicam, por um lado, o entendimento desse recurso metodológico como extremamente positivo para as questões populares, por outro lado, outros podem ser entendidos como inócuos ou passível de manipulação. Essas diferentes interpretações repousam em diferentes experiências profissionais e mesmo em histórias de vida bastante diferenciadas. Assim, o método pode ser avaliado de maneira bastante polarizada. Esse fato não pode causar estranheza visto que sua concepção está bastante vinculada a questões políticas e tem, como um dos objetivos, operacionalizar-se enquanto recurso de movimentos sociais.

Como consequência dessa afirmação tem-se que a pesquisa participante - como qualquer outra forma de trabalho educativo vinculado a um projeto democrático, de construção de cidadania - pode encontrar resistências no que diz respeito à sua incorporação mais sistemática no contexto das instituições de saúde. No entanto, essa resistência pode estar vinculada mais a fatores que variam desde o modelo de atenção à saúde, a política de recursos humanos, até a concepções específicas sobre saúde e participação - do que a virtuais "falhas" metodológicas. A existência de limites à sua aplicação enquanto método de pesquisa e/ou educativo não se constituem em privilégio da pesquisa participante, mas sim em uma característica de qualquer metodologia de trabalho científico. Não existe metodologia que se aplique a qualquer condição histórica social, nem a qualquer tipo de

problema a ser investigado.

A não incorporação da metodologia da pesquisa participante pela Unidade Básica de Saúde de Itapecerica da Serra (até o momento da realização do trabalho de campo) parece, portanto, ligada a problemas conjunturais específicos, apresentados ao longo do trabalho como:

- mudanças políticas na Prefeitura do Município de Itapecerica da Serra;
- alta "rotatividade" de profissionais na área;
- polarização política entre o Movimento Social de Saúde e a Diretoria de Saúde do Município.

Por outro lado, algumas limitações na própria execução da pesquisa participante de Itapecerica da Serra podem explicar essa não incorporação. Uma dessas estaria na falta de ampliação do projeto junto a outros funcionários do Centro de Saúde à época da pesquisa. Além disso, também, não ocorreu um trabalho de sistematização do retorno de dados à população e aos movimentos sociais durante a realização da pesquisa, conforme é indicado por muitos autores como recomendável nesse tipo de trabalho, para ampliar seu leque de atuação (57, 15). A elaboração final dos dados e sua divulgação só ocorreu depois de decorrido cerca de um ano da realização da pesquisa, o que pode ter contribuído para dificultar sua fixação junto aos serviços.

Para concluir essa questão, é útil lembrar que experiências de pesquisa participante e/ou outros métodos interativos já se constituem como uma prática bastante difundida e aceita nos serviços de saúde.

A questão da pesquisa participante como recurso metodológico apropriado para a produção do conhecimento aparece, com destaque nas falas dos diferentes parceiros envolvidos no projeto. As nuances na avaliação ficam por conta das interpretações subjetivas de cada ator em relação ao conhecimento popular.

Para corroborar a pertinência de métodos participativos para a produção do conhecimento, parece útil a leitura de um artigo de Valla (62) em que se difunde o uso da pesquisa participante para elaboração de diagnósticos de saúde e levantamentos epidemiológicos.

Nesse texto o autor aponta a "incapacidade por parte das autoridades públicas em registrar, divulgar e solucionar, os agravos à saúde nas metrópoles brasileiras e cita propostas em Leopoldina - RJ/Br e Córdoba - Argentina - em que o trabalho conjunto de profissionais de saúde e educação com os setores organizados e populares da sociedade civil serviram a base para o enfrentamento dessa questão.

Ao propor a quebra da hegemonia dos técnicos e da academia para a produção de conhecimento o faz não porque seja tão somente mais democrático mas porque "sem a participação dos setores populares ... o tipo de conhecimento necessário para a solução dos problemas de saúde pública não se constroi". Cita como exemplo disso as campanhas contra o cólera ou contra o dengue, que desconhecem as reais condições de abastecimento de água nas periferias das grandes cidades e recomendam procedimentos impossíveis de serem seguidos para "quem recebe água em casa uma vez por semana, por quatro horas apenas."

No que diz respeito aos moradores de Itapecerica da Serra (que participaram do projeto), a pesquisa permitiu um reforço positivo na auto-imagem e na própria prática pessoal e dos movimentos. Esse conteúdo, essa afirmação presente em várias falas confirma os pressupostos que orientaram tanto a Pesquisa do Parque Paraíso como este estudo de caso.

Essa afirmação é baseada na leitura exaustiva dos dados que se encontram apresentados no Inventário Temático em que se percebe que quase todas as falas dos moradores da região, de maneira implícita ou explícita, em momentos cujo tema de discussão não era precisamente a avaliação da pesquisa, foram perpassadas por essa imagem.

"Nessa pesquisa a gente soltava a língua... Nunca era eles soltar a língua para nós, ensinar como professor, não senhora, era nós que falávamos, tá entendendo... o questionário não vinha pronto... era nós que tinha que calcular de cabeça alí, arrancar de dentro pra dizer o que é".

V - CONSIDERAÇÕES FINAIS

Esse trabalho teve como objetivo refletir sobre a Pesquisa do Parque Paraíso a partir de quatro eixos principais:

- verificar se sua execução correspondeu aos pressupostos metodológicos da pesquisa participante;
- identificar as possíveis contribuições para os serviços de saúde da área no sentido de desenvolverem práticas de educação participativa e integradas à população;
- verificar sua pertinência junto ao movimento social da região no sentido de produzir um conhecimento sistematizado sobre sua realidade, desenvolver seu nível de integração e de aspirações;
- discutir o papel dos movimentos sociais enquanto articuladores de uma concepção de cidadania que, além de lutar por direitos, elabore formas emancipadas de autonomia de vida e, ainda, se a experiência do Parque Paraíso contribuiu nesse sentido criando condutas cotidianas que questionem situações políticas e sociais de dominação, em nível macro e micro social.

Em relação ao primeiro item, os registros de campo dos depoimentos de integrantes da pesquisa entrevistados nesse trabalho, são concidentes ao afirmar que todos os passos de uma pesquisa "científica" foram desenvolvidos de maneira integrada por técnicos e população organizada."

De acordo com Thoullent^(56,57) e Brandão^(13,14,15), os investigadores e técnicos devem se integrar à população organizada de uma determinada área e, uma vez explicitado seu projeto, desenvolver com ela todos os passos da pesquisa: estabelecimento do problema a ser investigado, plano de pesquisa, execução e análise, divulgação dos resultados. Para isso deve se estabelecer uma situação de troca de informações através da qual o "setor popular" da pesquisa se apropria desse conhecimento científico.

Esse procedimento foi adotado com sucesso e, desde o início do projeto, os pesquisadores "oficiais" tiveram a preocupação de garantir espaço para a fala da população. A "estratégia do silêncio" que marcou a primeira reunião do grupo teve como preocupação discutir a relação conhecimento/poder e ampliar o espaço democrático de participação. As reuniões em bairros de Itapeperica da Serra que precederam a pesquisa procuraram a

transparência das intenções e a formação mais aberta possível do grupo, assim como um planejamento de pesquisa flexível, conforme o recomendado por Thoullent^(56,57).

Em relação ao plano de pesquisa, a experiência do Parque Paraíso adotou vários instrumentos de coleta de dados: questionário, história de vida, perguntas abertas (ainda conforme orientação de Thoullent^(56,57), que foram selecionados por todo o grupo. A demora para se realizar essa parte da pesquisa criou uma situação tensa que foi trabalhada pela explicitação da discussão do problema.

Nesse momento os técnicos/professores assumiram maior direção do processo mas com a preocupação pedagógica de socializar informações. Essa preocupação parece ter obtido sucesso visto uma entrevistada colocar: "o questionário não vinha pronto... era nós que tinha que calcular alí, de cabeça, arrancar de dentro pra dizer o que é".

Na discussão do trabalho de campo procedimentos típicos de pesquisa empírica - amostragem, contagem rápida, sorteio - foram compreendidos e realizados pelo grupo e, segundo assessores de estatística, "pesquisadores-leigos" contribuem de maneira bastante positiva para o desenvolvimento da pesquisa em função do conhecimento concreto da área⁽⁵⁸⁾.

Para a realização da análise - o procedimento adotado pelo grupo - leitura exaustiva das questões e análise das informações - não permitiu disparidades entre os integrantes da pesquisa em termos de participação. Esse momento de pesquisa, por sua vez, revelou a pertinência do método quando advoga a capacidade de conhecer, de produzir saber, como uma característica de quem sofre e vive o problema estudado.

Em termos da adequação do método e da pesquisa do Parque Paraíso para a produção de um conhecimento cotejável com outros estudos, pode-se dizer que a questão do saneamento básico e das condições de vida como fatores de saúde - sistematizadas pela pesquisa participante - atenderam a essa exigência além de terem contribuído para uma discussão menos instrumental de saúde.

Nesse sentido a experiência do Parque Paraíso além de realizar os passos de uma pesquisa participante contribuiu para a criação de um conhecimento autônomo por parte do movimento de saúde, caminhando no sentido de uma integração saber popular/saber científico.

Em relação à divulgação dos dados obtidos pela pesquisa, encontra-se uma limitação nessa experiência visto a produção da "cartilha" ainda que atenda os pressupostos da pesquisa, ocorreu de maneira relativamente tardia, além de, ao longo da investigação não ter havido uma preocupação de divulgação que poderia ter ampliado seu leque.

No que diz respeito aos possíveis referenciais teóricos da pesquisa, pode-se dizer que a experiência de Itapecerica da Serra sofreu diversas influências que caracterizam o método: humanismo cristão, diversas leituras marxistas, tradições antropológicas de pesquisa social empírica (57).

Essa pluralidade de orientação refletiria o estágio da pesquisa participante que, apesar de suas intenções de superação do positivismo, não elaborou massa crítica significativa para esse objetivo.

A conjuntura político-econômica que se seguiria à experiência do Parque Paraíso - crise econômica que obrigou muitas das militantes a procurarem trabalhos remunerados, mudanças na Prefeitura do Município que não adotou uma prática positiva para com os Movimentos Sociais, crises dos movimentos coletivos com a vitória de Collor nas eleições presidenciais e a vigência de um discurso que reforçava as opções individuais - dificultaram a fixação de práticas participativas na memória dos Serviços de Saúde da área. Além disso, a própria dinâmica da pesquisa - que não se envolveu profundamente com o Centro de Saúde - e do movimento de saúde que polemizou com a administração - poderia ter contribuído para esse fato.

Ao se analisar a Pesquisa do Parque Paraíso diante das orientações metodológicas gerais da pesquisa participante já se percorreu sobre alguns itens referentes à produção do conhecimento. Faz-se necessário, porém, salientar como esse conhecimento contribuiu para que o Movimento de Saúde, além de reinvidicações pontuais fosse capaz de elaborar um "perfil técnico" para a diretoria de saúde da região, revelando uma participação mais amadurecida.

Esse amadurecimento, porém, não mudou a concepção de Movimento Social vigente entre os integrantes da pesquisa participante de Itapecerica da Serra que continuam a entendê-lo como forma de pressão política. Por esse motivo, talvez, os atores entrevistados tenham definido o movimento de saúde como vivendo uma situação de fragilidade.

Essa aparente (e consensual) fragilidade dos movimentos sociais é entendida pelos atores entrevistados como decorrente de sua incapacidade em garantir mobilizações populares constantes e numerosas (crise econômica, individualismo), assim como em garantir que suas reivindicações sejam absorvidas pelo sistema político. Além disso, lembram, com razão, que a prática dos movimentos sociais muitas vezes lhes é expropriada:

"Não tem uma história do movimento, não tem nada registrado, a única coisa registrada que a gente tem do movimento - não nossa - que tá prá lá pra pesquisa é aquela fita gravada em Itapecerica foi da pesquisa, tá?... O resto a gente não tem nada assim, então eu acho que isso é... isso me esfria também, porque vovê faz, faz, faz, e no fim você não viu que aquele trabalho teu teve uma apresentação, teve uma mostra, uma coisa que você tivesse continuado e você dissesse assim: "óia isso foi feito assim e assim, tá aqui, vejam aqui, ó"... documentado tudo direitinho."

"Há algum tempo eu tava conversando com as meninas da Leste, né? Nós se juntamo, e conversando a gente viu que a gente tava fazendo muita coisa e dando muito nome pra muita gente, né? tava... Porque a gente viu mesmo na inauguração do Centro de Saúde do Jacira, a gente viu que a gente não tem nome X... não tem nome, a gente lutou, batalhou, foi na Secretaria da Saúde, trouxemo aquele dinheiro pra cá pra construir... e não foi lumiado nem nada com luta da população. O prefeito disse que o Posto era fruto da luta de um vereador..."

Outras implicações da vivência em movimentos coletivos - a criação de formas mais solidárias de vida; de padrões democráticos de sociabilidade, de identidades sociais autônomas; a capacidade de provocar transformações nas relações familiares, pessoais, cotidianas, a transformações positivas na auto-imagem dos militantes, ainda que referidas de maneira entusiasta pelos entrevistados - não são entendidas como conseqüências positivas e duradouras dessas experiências coletivas, apesar de se constituírem como a mais significativa das contribuições da experiência do parque Paraíso. Afirmação essa que corrobora a leitura mais atual sobre os movimentos sociais e que já havia sido antecipada por Evers⁽³⁰⁾.

O entendimento do movimento como forma de pressão, de confronto, de luta, acirra as posições mais sectárias, tanto por parte da população organizada, como por parte de seus adversários, o que leva à constituição de um cenário de guerra, ao contrário de um

espaço de negociação pública entre interlocutores.

Ao se entenderem como opositores em relação aos sistemas institucionais e políticos, opositores em situação de subordinação constante, de eternos oprimidos e marginalizados do sistema, os integrantes do movimento de saúde de Itapecerica da Serra revelam que uma identidade igualitária, própria de vivência de cidadania, pode não estar desenvolvida no palco das lutas sociais. Essa ausência de identidade igualitária, por sua vez, encontra raízes profundas nas relações sociais excludentes e autoritárias que constituem um padrão relativamente dominante na sociedade brasileira.

Esse quadro pode ser utilizado para explicar por que o tema da cidadania, ainda que bastante divulgado entre os atores sociais mais presentes no palco político contemporâneo, não parece ter se enraizado no imaginário, nas representações sociais e nas consciências políticas desses mesmos atores.

A ausência desse tema, nas falas recolhidas no trabalho de campo e mesmo nos discursos mais elaborados e sistematizados encontrados ao longo da pesquisa, sugere a necessidade de novos estudos sobre o tema cidadania / movimentos sociais. Essa necessidade, remete, ainda que rapidamente, à questão metodológica no campo das investigações sobre movimentos sociais à questão. Em termos de uma produção de conhecimentos sobre a realidade social, de uma vivência democrática entre participantes de um movimento social seus integrantes e os agentes externos a ele, a pesquisa parece - no caso do Parque Paraíso - ter contribuído positivamente para o projeto.

Para finalizar, pode-se pensar que, em termos de uma produção mais abrangente sobre os movimentos sociais, sua concepção, dinâmica e características outros recursos metodológicos como Intervenção Sociológica podem ser utilizados. Essa afirmação prende-se ao fato de que uma reflexão mais cuidadosa sobre a Pesquisa do Parque Paraíso pareceu indicar que nos contatos realizados com os moradores "a discussão das lutas e do seu significado como ação social acabara não se realizando... A análise dos atores sociais envolvidos na luta local por saúde deixava de ser realizada. Firmara-se, "a priori", a idéia do movimento como que legítimo por si mesmo e nesse aspecto omitíamos o nosso papel de analistas/estudiosos dos movimentos sociais...(2).

A intervenção sociológica enquanto técnica de pesquisa elaborada para a compreensão dos movimentos sociais pode significar uma alternativa interessante visto que

defende a idéia de que os integrantes de um movimento são capazes de elaborar um conhecimento adequado e apropriado quanto - em situações de grupo e de processo de auto-conhecimento baseado em discussões coletivas - refletem sobre a sua prática e a dos movimentos a partir de hipóteses elaboradas por analistas que estudaram previamente o assunto. Cabe ao grupo aceitar ou não essas hipóteses.

Ao refletir sobre essas hipóteses o grupo recupera e critica sua história, participando ativamente do processo de conhecimento, e sem perder sua característica de ator/sujeito da investigação. Assim, a intervenção sociológica, reserva um papel específico ao investigador - elaborar hipóteses - discutir e rejeitá-las ou não, o que vai ao encontro das preocupações da pesquisa participante e das orientações teóricas que a inspiraram assim como a outros métodos que respeitam a "fala" do papel do objeto, métodos participativos que o transformem em sujeitos.

VI - BIBLIOGRAFIA

1. ADORNO, R.C.F. et al. O conhecimento e o poder: de quem é a palavra? Relato de uma experiência de pesquisa participante. *Rev. Saúde públ.*, S. Paulo, 21(5): 405-12, 1987.
2. ADORNO, R.C.F. & ZIONI, F. Notas sobre a pesquisa participante e a contribuição da intervenção sociológica. S. Paulo, FSP/USP, 1990 [Mimeografado]
3. ADORNO, R.C.F. A trajetória do Movimento e da Participação: a conduta dos atores sociais na saúde. Tese de Doutorado - Faculdade de Saúde Pública/USP, 1992 [Mimeografado]
4. ALMEIDA, M.H. & SORF. G. Sociedade e Política no Brasil pós 64. S. Paulo, Brasiliense, 1983.
5. ARAUJO, M.F.J. Os cem últimos anos na história da cidade e a formação da Grande São Paulo. In: São Paulo no limiar do Século XXI - cenários da urbanização paulista: a região administrativa da Grande São Paulo - Governo do Estado de São Paulo, Secretaria de Planejamento e Gestão - Fundação SEADE, São Paulo, 1992
6. AVRITZER, L. Além da dicotomia Estado/Mercado - Habermas, Cohen e Arato. In: *Novos Estudos CEBRAP*, S.Paulo, 30, 1993.
7. BARDIN, L. *Análise de conteúdo*. Lisboa Edições 70 Ltda.
8. BASSIT, A.Z. A construção / transformação da identidade do médico liberal autônomo. Dissertação de Mestrado - Instituto de Psicologia Social, PUC-SP, 1992 (mimeo)
9. BOBBIO, N.; MATTEUCCI, N. & PASQUINO, G. *Dicionário de Política*. Editora Universidade de Brasília. Brasília, 2^a edição, 1986.
10. BONÍLLA, V. D. et al. *Causa Popular, Ciência Popular: uma metodologia del Conocimiento Científico através de al acción*. Bogotá, La Roca, 1972.
11. BORDA, O.F. Aspectos teóricos da pesquisa participante: considerações sobre o

significado e o papel da participação popular. In: Brandão, C.R. **Pesquisa Participante**. São Paulo, Brasiliense, 1981.

12. BORDA, O.F. E BRANDÃO, C.R. **Investigación Participativa**, Instituto del Hombre, Ediciones de la Bande Oriental, Montevideo, s/d.
13. BRANDÃO, C.R. **Pesquisa Participante**. S. Paulo, Brasiliense, 1981.
14. BRANDÃO, C.R. A Pesquisa Participante. In: SILVA, M.O. **Refletindo a pesquisa participante**. S. Paulo, Cortez Editora, 1986.
15. BRANDÃO, C.R. **Repensando a Pesquisa Participante**. São Paulo, Brasiliense, 1984.
16. BRASÍLIA Ministério da Educação e Cultura Secretaria de Ensino Superior **Programa de Integração Docente Assistencial**. 1981.
17. BRUYNE, P. et al. **Dinâmica da Pesquisa em Ciências Sociais**. Rio de Janeiro, Francisco Alves, 1982, 7ª edição.
18. CARDOSO, R.H. **Movimentos Sociais urbanos: balanço crítico em Sociedade e Política no Brasil. pós-64**.
19. CARDOSO, R.H. **Isto é política? Novos Estudos, CEBRAP**, 1992.
20. CARDOSO, R. (org.) **Aventura Antropológica: teoria e pesquisa**. Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1986, Durham, E. A pesquisa Antropológica com populações urbanas.
21. CHAUI, M. apud Sader, E. **Quando novos personagens entram em cena**. Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1988.
22. **CONFERÊNCIA INTERNACIONAL SOBRE CUIDADOS PRIMÁRIOS DE SAÚDE Alma Ata, U.R.S.S., 1978**.

23. COSTA, S. Esfera pública, redescoberta da sociedade civil e movimentos sociais no Brasil: uma abordagem tentativa. *Novos estudos CEBRAP*, S.Paulo, março, 1994.
24. DA MATTA, R. **Relativizando: uma introdução à Antropologia Social**. Petrópolis Vozes, 1984.
25. DA MATTA, R. **A casa e a rua**. São Paulo, Ed. Brasiliense, 1986.
26. DEMO, P. **Pesquisa Participante: mito e realidade**. Rio de Janeiro, SEBRAP, 1984.
27. DRAIBE, S.M. A natureza social do Projeto Sul - Trem Metropolitano da STM. Governo de São Paulo, STM, São Paulo, fevereiro de 1994.
28. DURHAM, E. A construção da cidadania. *Novos Estudos CEBRAP*, S.Paulo, 10: 24-30, 1980.
29. EGREY, E.Y. "O docente de enfermagem e o ensino da sexualidade humana: ação educativa através da pesquisa participante". São Paulo, 1985. [Tese de Doutorado - Faculdade de Saúde Pública da Universidade de São Paulo]
30. EVERS, T. "Identidade: a face oculta dos movimentos sociais". *Novos Estudos CEBRAP*, 39 (3), 1987.
31. EZPELETA, J. & ROCKWELL, E. **Pesquisa Participante**. São Paulo, Cortez Editora/Autores Associados, 1988.
32. FOLHA DE SÃO PAULO, 14 de junho de 1994, caderno 3, pg. 1
33. FREIRE, P. Criando métodos de pesquisa alternativa: aprendendo a fazê-la melhor através da ação. In: **Pesquisa Participante**. São Paulo, Brasiliense, 1981.
34. FREITAG, B. **Escola, Estado e Sociedade**. São Paulo, Editora Moraes, 1980.

35. HABERMAS, J. A Nova In-transparência. *Novos Estudos CEBRAP*, S.Paulo, 18
36. JACOBI, P. Atores Sociais e Estado. *Espaço e Debates*, nº 26, 1989.
37. LAPEYRONNIE, D. "Movimentos Sociais, Democracia e Intervenção Sociológica".
In *Textos em Pesquisa Social em Saúde*. Série monográfica/USP/FSP / HSP /
CED PSS, São Paulo, 1993 [Mimeografado]
38. LEAVELL, H.R. & CLARCK, E.G., col **Medicina Preventiva**. São Paulo. McGraw
Hill do Brasil, 1976.
39. LOUREAU, R. Analyse Institutionelli et question politique. in: L"homme et la société.
Paris, 29-30, 1973
40. MARSHALL, T.H. **Cidadania, Classe Social, Status**. Zahar Editores, Rio de
Janeiro, 1967.
41. MARSIGLIA, R.G. et al **Saúde mental e cidadania**. São Paulo, Edições Mandacaru
Ltda. e Plenária dos Trabalhadores em Saúde mental do Estado de São Paulo,
1987.
42. MARX, K. O fetiche da mercadoria. In: COHN, M.G. A pesquisa nas ciências
sociais: considerações metodológicas. *Cadernos CEDES*. S. Paulo, Cortez
Editora, 1985.
43. MINISTÉRIO DA SAÚDE - Conferência Nacional de Saúde, 7ª, **Relatório**. Brasília,
1986.
44. MINISTÉRIO DA SAÚDE - Conferência Nacional de Saúde. 8ª, **Relatório**. Brasília,
1986.
45. MOVIMENTO POPULAR DE SAÚDE DE ITAPECERICA DA SERRA. **Eu sei ver**
46. PELIZZARO, I. "Eu sei ver": uma experiência de pesquisa participante na luta por

saúde em Itapecerica da Serra. Dissertação de mestrado - Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, S. Paulo, 1991 [mimeo]

47. QUEIROZ, M.I.P. Relatos orais: do "indizível" ao "dizível". *Ciência e Cultura*, S.Paulo, 39(3): março, 1987.
48. SADER, E. Quando novos personagens entraram em cena: experiência e luta dos trabalhadores da Grande São Paulo 1970-1980. Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1988.
49. SAWAYA, B. A consciência em construção no trabalho de construção da existência. Tese para obtenção do título de Doutorado em Psicologia Social, PUC, São Paulo, 1987 [Mimeografado].
50. SANTOS, W.G. Cidadania e Justiça: a política social na ordem brasileira. Rio de Janeiro, Campus, 1987.
51. SEADE. Perfil Municipal, 1980 - 1991 Região Metropolitana de São Paulo, SEADE, São Paulo, 1993.
52. SEADE. Pesquisa de Condição de Vida, São Paulo, SEADE, 1993.
53. Secretaria de Transportes Metropolitanos Municipais. Transportes SUM - Sistema Integrado Metropolitano - Caracterização sócio-econômica das áreas afetadas pelo Projeto Sul - Trem Metropolitano da STM - São Paulo, 02/1994.
54. SILVA, M.O. da Refletindo a Pesquisa Participante. São Paulo, Cortez Editora, 1986.
55. SPINOLA, A.W.P. Coleta de dados em saúde nos países em desenvolvimento: uma revisão metodológica, HSP/FSP, 1988 (mimeo)
56. THIOLENT, M. Crítica Metodológica, investigação social e enquete operária. São Paulo, Polis, 1987.

57. THIOLLENT, M. **Metodologia da Pesquisa-Ação.** São Paulo, Cortez Editora, 1992.
58. TOURAINE, A. **La Producton de le societ.** Paris, Editions de Seil, 1985.
59. TOURAINE, A. **O ps-socialismo.** So Paulo, Brasiliense, 1988
60. TOURAINE, A. **Palavra e Sangue, poltica e sociedade na Amrica Latina,** Editora da UNICAMP, Trajetria (So Paulo), 1989.
61. VALLA, V.V. e SIQUEIRA, S.A.V. O centro municipal e sade e a participao popular. In: COSTA, A.R. et al. / org./ **Demandas populares, polticas pblicas e sade: cincias sociais e sade coletiva,** Petropolis, Vozes, 1989, vol 1.
62. VALLA, V.V. **Educao popular e conhecimento: a monitorao civil dos servios de sade e a educao nas metrpoles brasileiras**
63. VIEIRA, C.A.L. **A descentralizao no setor sade no Estado de So Paulo: aspecto de seu impacto na organizao e funcionamento do ERSa - Escritrio Regional de Sade - 12. Itapeperica da Serra/So Paulo.** [Dissertao de Mestrado - Faculdade de Sade Pblica/USP/HSP], So Paulo, 1992.
64. ZIONI-GOMES, F.. "Mulheres e crianas primeiro! O carter da interveno do Estado no grupo materno-infantil da Colnia do Milagre Brasileiro". [Dissertao de Mestrado, apresentada Faculdade de Sade Pblica-USP/SP, 1988. Mimeografado].
65. ZIONI, F. **Pesquisa participante e cidadania.** In: SPINOLA, A.W.P. et al. **Pesquisa social em sade.** S.Paulo, Cortez Editora, 1992.
66. TOURAINE,A. **Le retour de l'acteur.** Paris, Fayard, 1984

ANEXO 1

INVENTÁRIO TEMÁTICO(*)

1. Agentes Externos

Padre Luiz foi alguém que iluminou meu caminho. A mulherada não se mexia, era tudo parada. O Padre começou a conscientizar: não existe ação sem oração... A gente deve a a luta da gente a ele.

Porque naquela época, aqui na nossa comunidade tinha padre que tava aí, era líder de movimento também. Padre Luís foi assim uma pessoa que contribuiu muito para que as coisas acontecessem na comunidade, ele tava sempre por trás, sempre ali, dando um empurrãozinho os grupos de mães estão fracos porque as pessoas que lideravam na igreja foram embora.

"O Padre Luis que até então tinha batalhado muito com a gente nessa época, ele foi pra Manaus, acredito que fazendo outras cabeças lá, da mesma maneira que ele fez aqui. Ele saiu daqui meio brigado comigo. Quem tá aqui é um padre alemão agora que é carismático, meio do lado dos bispos.

(*) Esse anexo foi elaborado a partir da classificação por temas presentes em entrevistas e depoimentos de todos os atores sociais entrevistados. Teve como finalidade promover a transparência dos dados coletados, assim como seu registro para facilitar a análise realizada nesse trabalho e possíveis interpretações futuras.

2. A SITUAÇÃO POLÍTICA DO MUNICÍPIO:

a) A pesquisa e o movimento

"Não dá pra falar da pesquisa sem falar do movimento".

Não tem jeito de separar essas duas coisas, como não tem jeito de separar a pesquisa e movimento da situação do município, da situação política do município, pesquisa era uma coisa antes do PFL e ela foi outra coisa depois, bem diferente. E depois que vocês saíram, aconteceu muita coisa em Itapecerica, eu acho que lá é que o movimento conseguiu mostrar a sua maior força. (Integrante da Pesquisa do Parque Paraíso)

* * * * *

b) A crise institucional

Eu digo que no movimento popular tudo é política, tudo na vida é política. O filho da mãe... depois começam as ameaças. No nosso caso, quando assumimos a direção, as dificuldades eram vistas como incompetência, para eles o secretário estava fazendo pirraça. Faziam agressões no jornal. Eles entendiam as coisas erradas. A situação difícil não era entendida pelo outro lado. Era vista como incompetência. Queriam acabar conosco, X queria ser secretário. Entrou no movimento. Fêz panfletos contra a Secretaria de saúde do município. As manifestações eram manipuladas pelos políticos: o movimento se transformou em movimento contra a autoridade. À intenção era anarquizar. Não sei aonde arranjavam material para fazer os panfletos que eram distribuídos. Faziam agressões políticas, a figura do Secretário da Saúde não era querida, a reivindicação não era por saúde mas pela saída do diretor, colocar outro diretor no CS. Eram reivindicações políticas, pessoais. Não queriam saúde pública, não queriam educação. Isto não foi reivindicação, isto foi exigência pressionada por interesses políticos e pessoais. Nós tínhamos que trabalhar em paz, então

não ouviamos mais. (Diretora do CS)

c) Voluntarismo

Eu fico revoltada por isso, porque a gente lutou tanto e infelizmente o povo ainda não tem certeza assim, que foi deixa, permite, que ainda existe um trem desses lá, sabe? Então, isso é revoltante, tem hora, eu não quero desistir da luta, mas tem hora que você pára e pensa: Por que que eu vou correr atrás, sendo que as pessoas estão aí se vendendo, porque que as pessoas se vendem tanto? É pela fome, é pela miséria, pela miséria de um país que não dá condição da gente viver, então é por tudo isso... Eu acredito também é por tudo isso que muitas pessoas se revoltam, porque tem lá na frente gente como ele, ditador, uma coisa barata, uma medíocre, porque um homem desse é ... não é um ser humano, uma pessoa dessas não é um ser humano, infelizmente até (...?) a gente vai ter que conviver com essa porcaria aí, difícil, né? Então é difícil você fica assim, meu Deus do céu, eu lutei tanto... como é que eu fui deixar uma coisa dessas tomar conta de tudo isso, sabe?

d) Relações políticas - 1

Lurdes - "Ele deu assim a entender que era um bando de maloqueiro que tava lá, e, acabou dizendo outro dia pra aquele rapaz - né, Dona Maria? - que veio aqui fazer um trabalho, que aqui ele não mexe nenhuma pedra mesmo, que o pessoal aqui só vai lá prá brigar com ele e não resolve nada, só vai lá prá agitar. Quer dizer, se com agitação tá difícil, imagine sem agitação. Então a gente tá dando um tempo, retomando as forças aí e vai ver o que a gente vai fazer.

Essa foi uma das piores administrações para o movimento. Esse prefeito chegou a dizer para as mulheres: vão lavar panelas!

Marcara reunião com o prefeito... vai lá... num tava ... vai lá ... num tava, vai uma duas, três, chega lá o homem não tá... quando tá num recebe porque já tá passando da hora... que deixa pra outro dia... outra vez o homem fica dando tchauzinho da janela, monta um monte de polícia prá pega 40, 50 pessoas que tava chegando... isso é covardia...

isso é covardia.

Em outubro tem novas eleições, e eu espero que isso mude, porque eu acho que essa revolta que tem dentro do movimento da gente tem que ter fim.

d) Relações políticas

Em 88 os municípios da região assinaram o convênio SUDS, o Estado pegava recursos da União através do convênio INAMPS e repassava para município, dinheiro próprio do Estado só para investimento; o município entrava com a contrapartida para custeio. A parte gerencial era em nível municipal, o papel do ERSa mudou para supervisão, acompanhamento técnico do processo de municipalização.

Nessa região a arrecadação é baixa o dinheiro que o SUDS repassava para Juitiba era o dobro do orçamento municipal. Essa região é periferia da GSP, Taboão e Embu são cidades dormitório, Juitiba, como Vale do Ribeira, é área de proteção de mananciais, por isso tem pouco desenvolvimento industrial. Itapeceira fica entre essas duas situações ("meio a meio; parte que faz divisa com SP tem características de cidade dormitório, outra parte proteção manancial, assim o mercado de trabalho é pouco, não absorve mão de obra.

É uma região tão despovoada de recursos, uma população tão pobre que inexistente problema com a iniciativa privada na área da saúde. A Policlínica - serviço privado - fechou. A atuação à saúde é feita principalmente pelo poder público. Em termos de leitos hospitalares existem 20 leitos hospitalares na unidade mixta de Juitiba (municipalizada); na Associação Hospitalar de Cotia Dr. Odair Pedrosa e CS Escola Cotia, Ambulatório Santo Antonio filantrópico e prestação de serviços universitários; existem 120 leitos; na Clínica Maia, 110 leitos psiquiátricos contratados, na Maternidade de Taboão da Serra (privada) existem 45 leitos, em desativação porque 80% dos partos são cesáreas, o Hospital Piratininga só recebe emergência. A divisão é mais ou menos assim AHCOTIA/Taboão, Embu, Vargem Grande, Juitiba, Cotia, Região de Itapeceira, Embu-Guaçu, Santa Casa de Santo Amaro, H. Zona Sul, Amparo e o Hospital de Campo Limpo.

O relacionamento entre o ERSA e a Prefeitura Municipal de Itapeceira é um "relacionamento complicado"

É um relacionamento "complicado". Com a municipalização se transfere a gerência do setor, mas o processo não é linear; depende da vontade política: se o corpo de técnicos tem visão mais assistencial, não domina o que fazer com a questão programática. É difícil compreender o papel do ERSA, então se tem uma troca de desaforos, às vezes um ofício para o departamento de saúde não é nem recebido. A ênfase da política de saúde no município é a assistência médica. As queixas da população (clientela) em relação aos serviços de saúde são remetidas e protocoladas ao município para averiguação, o espaço para discussão desse processo são as CIMS. O Conselho de Saúde prevê representante da população.

* * * *

3. O SETOR SAÚDE - 1

- "CHEFIAS"

Encontramos Saúde deficiente, no chão, não foi fácil levantá-la. Falta muito mas estamos melhorando. Aqui no CS só tinha um médico, um psiquiatra e um psicólogo. No PS faltava médico 4 dias na semana, tínhamos dois médicos no Crispim e nenhum no Parque Paraíso, o Paiol do Meio ficou 2 anos sem médico. Agora temos médico clínico e pediátra em todos. Três no PS, 15 no CS. O CS está funcionando em três períodos, das 7 às 9 horas da noite: gineco-obstetrícia, dermatologia, cardiologia, clínica médica, odontologia, oftalmologia.

Não fazem grupos, ninguém me procurar. Então veja minha proposta de Saúde Pública: Saúde Pública é a arte de prevenção de doenças, de prolongar a vida. O SUDS faz pouca prevenção, é curativo. O Setor Saúde deve educar o indivíduo para manter

saúde não ser foco de doenças transmissíveis. Tentamos programas para adolescentes, primíparas, adolescente grávida, adolescente grávida não casada, planejamento familiar em geral, desnutridos, diabéticos, hipertensão. O que nos vimos no agendamento: os pacientes não são sempre os mesmos, os outros não nos procuram. Como ninguém nos procura vamos levar para fora: palestras em firmas: Anticoncepção; ensinar que o CS existe, que eu estou aqui e preciso saber necessidade, preciso que vocês me procurem, em todas as palestras eu digo: me procurem, quando me jogarem pedras eu direi: não tenho culpa, a culpa pela saúde de vocês são vocês que não me procuram.

- Trabalho em São Paulo

Fiz palestras sobre cólera, dengue: ofereci para firmas mas tive poucas respostas. A gente trabalha, trabalha e não tem retorno. Realizei uma palestra sobre saúde ocular e obriguei os funcionários da PMI para ouvir, arranjei caminhões para trazer os funcionários (lixeiros). Nas firmas existem líderes das SABs. Eu digo que vou nos fins de semana e ninguém me procura. Pra você ver: seu trabalho não deu em nada. Nem o seu nem o meu. Tentei educação sexual, aids, drogas, saneamento, fazendo palestras.

* * * * *

3. O SETOR SAÚDE - 2

- "TÉCNICOS"

O trabalho de comunidade está meio parado por dificuldade de locomoção, transporte. Itapequerica é difícil de se locomover. Não temos mais carro - o carro do ERSA quebrou, a Prefeitura deveria estar arrumando mas eles tem poucos operários, outros programas, outras prioridades. Não nos tiraram essa possibilidade, avisando com antecedência se consegue, mas para um trabalho prolongado, semanal, não se consegue carro. No departamento de Saúde a prioridade é para transporte de pessoas docentes. A

vigilância também utiliza bastante.

Fazemos orientações individuais para pais encaminhados pelos médicos, grupos de gestante...

Esse trabalho apresenta uma grande dificuldade: os grupos se esvaziam por causa das distâncias, a população não tem condições financeiras. O ideal seria irmos à comunidade. A população só vem ao CS pela consulta médica, não voltam para reuniões. Nas comunidades os grupos eram grandes e constantes, 25 a 30 pessoas que não faltavam. Aqui o grupo começa e depois se esvazia. Em outros bairros, mais próximos, novo problema foi a falta de interesse da população... A população quer respostas para os problemas deles... O povo brasileiro já não acredita em mobilização...

Eu complemento esse trabalho dizendo que para ele não existe interesse. A prioridade na UBS é o atendimento médico e nós priorizamos trabalho preventivo, esse trabalho não é incentivado. Quando chegamos aqui soubemos que existia uma equipe integrada de Saúde Sental que se esvaziou, os profissionais saíram e não foram substituídos... Eles não conhecem novo trabalho e não tem interesse em saber... A gente sabe que eles fazem um trabalho educativo nas firmas mas não nos chamam para participar.

* * * * *

3. O SETOR SAÚDE - 3

- "A POPULAÇÃO"

"Dos Postos de Saúde, o atendimento dos Postos de Saúde continua precário ainda, né? Devido à distância de Itapeverica, ao salário dos médicos não ser lá aquelas coisa.

Serviços contratados, né? Então foi aquela loucura, a gente tá saindo e muitos médicos pediram demissão, também, né? Então tá difícil, ele não consegue inaugurar a

maternidade dele, porque não tem gente pra vir trabalhar, não tem estrutura, agora uma coisa a gente já tá preparada, a gente não vai deixar inaugurar por causa de eleição, e isso enquanto movimento, a gente vai tentar segurar pra dar uma de bonito, por causa de voto, não vai mesmo! Olha, eu vou tomar umas bombas na cabeça lá, mas que eu vou ficar lá em frente daquela porcaria de construtor eu vou, porque não é justo sabe, porque aquilo também..."

Em alguma parte de alguma entrevista da população referência à Saúde mental, Saúde da mulher, palestra de Pediatria.

* * * * *

3. O SETOR SAÚDE - 4

- "O Conselho Municipal"

Agora é possível retomar o movimento, mesmo nessa administração conseguimos formar o Conselho de Saúde para discussão orçamentária, mesmo que seja no fim do mandato.

Ainda esta semana a diretora do CS do Jacira convidou nois, para nois participar mais ela do planejamento do que vai gastar no Hospital, no Centro de Saúde, né?

"É o único vereador do PT, é a única pessoa que brigou ai junto com a gente, né? Graças à Deus conseguiu algumas coisas, mas foi muito difícil, foi preciso a gente lotar ônibus ir lá pra Câmara, sabe? E foi a defesa dele, foi onde ele conseguiu ultrapassar algumas barreiras inclusive para o Conselho de Saúde, sabe? Para que esse Conselho de Saúde acontecesse, não foi totalmente do jeito que agente queria, mas que isso acontecesse foi preciso alguém brigar junto com a gente.

4. A FRAGILIDADE DOS MOVIMENTOS

- 4.1. O povo brasileiro já não acredita na mobilização... chega na época de eleição o candidato promete mas depois esquece, as reivindicações nunca são atendidas.

O Clube de mães da região desenvolveu uma luta, um movimento pró construção de h, isso se tornou o embrião do Conselho Municipal de S. A questão da saúde chamou o MS em Itapecerica ao contrário do Embu e do Taboão.

Esse MS na região tem falta de consistência (a região não tem um deputado estadual, não tem acesso ao poder legislativo). É uma região tão despovoada de recursos, uma população tão pobre que inexiste problema com iniciativa privada na área da saúde, o serviço privado - Policlínica fechou.

Naquele momento, o movimento de saúde quase gera uma crise política no município. Bem, ali que eu acho que foi o ponto mais alto que o movimento de saúde viveu: interferir nas relações políticas da cidade.

Então os movimentos hoje, é... tá assim... fraco, bem devagar mesmo, basta ver em Itapecerica que... você vê, Parque Paraíso quanto é maior do que aqui, e a gente não consegue arrastar aquele pessoal, por incrível que pareça até hoje, por quê? Porque tá ali dentro de Itapecerica, porque as pessoas tão politicamente com a cabeça pequena, pesquena.

- 4.2. A gente sofreu limites. E um dos grandes limites foi a conjuntura política que mudou. A entida do PFL foi um desastre... Com a entrada do PFL saiu todo mundo, saiu o X, Y, Z... que de alguma forma davam uma força para o movimento vocês ficaram sem o respaldo político desses técnicos... Então hoje o movimento não morreu, ele tá fraco, eu acho que no que vem, dependendo de quem vai ganhar no município, vocês podem refazer tudo aquilo. Então olha pra mim não foi um movimento perdido, de jeito nenhum.

- 4.3. Essa foi uma das piores administrações para os movimentos. Esse prefeito... chegou a dizer para as mulheres: vão lavar panelas. Agora é possível retomar o movimento. Conseguimos formar o Conselho de Saúde mesmo que seja no fim do mandato. A administração atual é pouco receptiva para os movimentos (as outras também eram) mas os movimentos sociais eram mais ativos. Depois do episódio do "impiachment" sinto que as pessoas estão mais conscientes, mas esperam que alguém dê o primeiro passo...

Essa administração inaugurou um PS e deixou a população revoltada porque nenhuma autoridade lembrou o movimento social que entrou por ela. Quando o prefeito falou que o PS era resultado da luta de um vereador ele levou tamanha vaia que não conseguiu terminar o discurso... mas agora eu acho que podemos retomar o movimento. Esse prefeito que tá saindo... conseguiu desmobilizar, mas eu culpo também a luta pela sobrevivência. A dificuldade, o custo de vida impede a participação.

- 4.4. Mas agora pode ser que melhore, porque pelo menos aquelas pessoas que já trabalhavam com a gente estão voltando para a prefeitura. O X vai volta, ele foi a primeira pessoa que deu informação prá gente, das verbas que entrava para saúde em Itapeceira e que eram desviadas. Mas para melhorar o movimento a gente tem que se fortalecer junto com o povo, né? Não é só o Conselho, não é só o movimento em poucas pessoas ir lá... mas o movimento que a gente fala, o movimento é o povo junto, né... é a gente fazê reunião num pequeno grupo e chama o povão: vamo lá lutá por tudo isso aí... vamos lutar para que as crianças não morram como a gente viu morrer lá no Jacira, a toa, sem ter balão de oxigênio, não ter nada.

- 4.5. Eu acho assim, só vão ser forte, dono de si, se tiverem autonomia... Eu vejo porque pra nós faz uma papelada a gente dependia de um monte de coisas né... A gente precisava de papel pedido pelos outros, fazê vaquinha, fazê um bingo...

Então eu acho que desde que o movimento seja bem unido, tenha sua

autonomia certa, seu fundo, ter um fundozinho de alguma coisa, prá hora que a gente precisá. A gente precisa de um gravadô, a gente ter... você veja, eu não trabalhava naquele tempo, o movimento foi muito bem prá frente, foi aquela luta todinha, porque eu nem trabaiava, a Lurdes num trabaiava. Pra conseguir o movimento deve estar com a união do povo com a gente, outras entidades... como quando ajudaram a gente fazer aquelas catelas.

* * * * *

5. AVALIAÇÃO DA PESQUISA PARTICIPANTE

5.1. A Pesquisa Participante como recurso profissional

Agora, enquanto profissional de Saúde, primeiro eu queria dizer que foi meu primeiro emprego como Assistente Social, eu nunca trabalhei nisso. Eu me formei em 75, e fiquei 10 anos sem exercer a profissão, porque que eu fiz foi pra trabalhar em Itapeverica e foi meu primeiro emprego. Eu sempre neguei a prática que muitos Assistentes Sociais tem, que é ficar atrás de uma mesinha, esperando as pessoas vindo fazer suas queixas, fazer aquele trabalhinho medfocre, né? Então desde que eu cheguei lá em 85, comecei a trabalhar fora, fazer grupo de mulheres. Teve uma época, já no primeiro ano que a gente tava lá, a gente tinha 13 grupos de mulheres espelhadas pelo município e foi isso que gerou junto com o trabalho da igreja, junto com a instituição X que gerou tudo isso. Pra minha prática profissional, esse instrumento que foi a pesquisa, pra mim foi um achado... Eu achava que não era meu papel ficar fazendo assistencialismo... de repente eu descobri que dava pra gente ter um trabalho de dar força pro movimento e usando instrumentos como foi a pesquisa. Eu acho que isso foi muito importante, é pena que as conjunturas políticas interrompem os projetos... porque a gente podia ter ido muito longe com isso... se eu, outras pessoas tivessem continuado a gente poderia, em uma da pesquisa ter conseguido planejar melhor a luta do movimento, instrumentalizado o Conselho de Saúde. Acho que a gente poderia ter andado mais. Mas, paciência... Mas eu acho que aprendi a trabalhar de uma forma profissional, séria, junto com a população e assim, contribuido para aperfeiçoar,

dar subsídios pra política de saúde do município. Pra mim o rumo era por aí.

5.2.1. Limites e possibilidades da Pesquisa Participante

Acho que ela sofreu grandes limites, ela teve problemas. Então por exemplo, nós acabamos a pesquisa em 88, não foi? Nós levamos muito tempo prá ter a cartilha, que era um outro passo da pesquisa, que era discutir o resultado com a população. Quando a cartilha ficou pronta eles me empurraram pra fora do município. Então a gente só conseguiu fazer a volta da pesquisa da população, depois. Eu já tinha saído, o X, tinha saído, a Y tinha saído... Então eu ia no Campo Limpo uma vez por semana, fazer a discussão com a população do Parque Paraíso sobre a cartilha, e isso perdeu muito, porque a gente não pôde, e vocês também aqui já tavam em outra, trabalhando, a Santa foi embora, a Franci foi embora, então isso prejudicou o seguimento do projeto, porque o projeto não tava terminado. E aí teria uma outra etapa, que eu lembro que o Rubens falava muito nisso, que era o planejamento participativo em cima do - você conheceu a realidade, e agora? - Então era pra você planejar os passos daí pra frente, e nós não fizemos, foi todo mundo embora, então pra mim o projeto não se concluiu, a gente sofreu limites, e um dos grandes limites foi a conjuntura política do município que mudou. A entrada do PFL foi um desastre.

5.2.2. Limites e possibilidades

Então, voltando à questão da pesquisa, eu acho como instrumento na mão do movimento popular era uma coisa muito importante, é uma coisa também que eu acho, que a gente, nós que somos técnicos da Saúde, a gente que trabalha muito com a população, a gente pode correr o risco de passar só a nossa opinião pra população e de repente, você ganhou um instrumento pra cumprir a opinião da população, mesmo daqueles que não participam do movimento, que foi o que aconteceu no Parque Paraíso. Você vai ler aquela cartilha, tem a nossa opinião, claro que tem, porque não dá pra fazer uma pesquisa sem a nossa opinião, mas tem ali a opinião da população que nem é do movimento, e que nunca participou, então eu acho que esse é um lado do movimento popular, de ouvir a opinião do resto da população que é importante.

"Eu acho que ela tem essa importância, mas ela sofreu muitos limites que são

esses que eu te falei, e tem outros. Lúcia Mara, mas a pesquisa no meu ponto de vista demorou demais, ela não poderia ter demorado tanto tempo, foi muito lento, e com isso as pessoas - uma casa, outra arruma emprego, outra muda de cidade - , então isso é ruim para o projeto mesmo. Então essa demora para mim foi um pouco negativa também. Não deu pra gente concluir aquilo que era a proposta depois da pesquisa, que era o planejamento tudo isso".

5.3. A fragilidade do movimento de saúde e a pesquisa participante

Eu acho assim: a pesquisa participante abriu mais um caminho pra nós. Porque nós não tinha esse sentimento de que nós como população, nós como movimento pudesse entrevistá ninguém, pudesse ter participado de pesquisa. Não tinha essa confiança. Nós achava, eu achava que não havia essa confiança pra gente, né? Então deu pra gente entender que a população também tem meios, tem condição de fazer um levantamento, uma pesquisa, pra saber o que está acontecendo no bairro. Trocar umas idéias com arguém também e saí da nossa casa como nós saia também e chegá de bairros saber o que é que eles querem, saber o que é que falta pra eles. Saber o que é que eles mais queria naquele bairro, né, ou que eles não quer, ou o que eles estão sabendo, né, ou se não estão sabendo também, como o negócio do hospital. E o negócio é esse, que muita gente se acumula, fica quieto, não participa, pra eles entender dessas coisas e saber onde é que ele vai falar, está entendendo? Então, o que eu acho que a pesquisa deu pra nós, deu fortaleza, que se tivesse mais pesquisa participante, que se não fosse só em Itapecerica, fosse em outros lugar também, eu acho que era importante pra fazer o povo acordar mais um pouco do que está acontecendo. Porque eles não estão vendo. Estão ficando quieto, e eles vão lá brigar no Posto. Chega no Posto e eles vão lá, brigar no Posto, esculhambar, esculhambar. Vão lá, porque não sabe falar a palavra verdadeira, o que é que eles querem falar em cima da mesa. Porque a gente chega no lugar que vai falar e ninguém tem resposta. Eu, a Lourdes, a Santa, a gente fala com o enfermeiro ou com o médico e não tem resposta pra responder pra gente. Porque não tem força pra responder porque nós tamos com a verdade. Nós tamos falando a verdade. Agora, uma pessoa que não participa das coisas, que não sabe o que está falando, ele fala e ele responde aquilo que eles quiser e ele não sabe como se defender. Então, eu acho que é uma coisa que nós, como dona de casa, nós participamos, damos força pra nós, pra aguentar, o movimento, que pra nós foi, através da pesquisa. Então, é o

que eu acho que essa pesquisa trouxe uma coisa lucrativa, não só pra nós, mas pra muita gente também, viu? E devia existir mais pesquisa como essa que fosse, não com os profissionais, mas com a população. Fazer ela, pra ajudar a se sentir gente, tá entendendo? A se sentir alguém no mundo, que é isso que o povo quer também, porque você chega num canto e fulano diz: "Ali eu não posso falar, porque quem pode falar é fulano, porque ele é professor, é diretor, é assistente social, é isso, é aquilo é aquilo outro..."

5.4. A Pesquisa Participante - Avaliação

- Chefia do Setor Saúde

Esse trabalho com a X que era líder, esse trabalho pode ter sido passar essa mentalidade científica, mas não tenho certeza se esse movimento não tenha sido usado para fins políticos, a prefeitura e o Estado não se davam bem dentro do Município, não lembro bem o ano, mas nessa época houve um confronto político mais do que reivindicativo. Como era organizado tinha líderes. Acho que elas (mulheres da população) não entenderam a pesquisa e manipuladas pela X quiseram trocar secretário.

A pesquisa participante que você me conta que houve, não vi, não conheço, se ela existiu no intuito de captar, a população pediu uma orientação científica. Se essa população no início queria reivindicar alguma coisa e pediu assessoria, essa assessoria se diluiu e se transformou num movimento popular e eu digo que o MP tudo é política, tudo na vida é política. O filho com a mãe... depois começam as ameaças...

Eu tenho aversão pelo PRO SAÚDE*, nossos objetivos são diferentes, o meu é promover saúde o deles é promover interesses pessoais porque nunca mais me procuraram, o MS perdeu a essência porque a população não tem tempo. Se esse MS existisse ele me ajudaria muito. Se eles tivessem aprendido o que você passou me ajudaria muito. Eu preciso que me procurem.

* A entrevistada se refere ao movimento de saúde de Itapeacerica do qual algumas integrantes participaram da experiência em estudo.

A gente trabalha, trabalha e não tem retorno. Realizei uma palestra sobre saúde ocular e obriguei os funcionários da PMI para ouvir, arranjei caminhões para trazer os funcionários (lixeiros). Nas firmas existem líderes das SABs. Eu digo que vou nos fins de semana e ninguém me procura. Pra você ver: seu trabalho não deu em nada. Nem o seu nem o meu.

5.5. A pesquisa participante - avaliação

- Técnicos

É difícil dizer se a pesquisa participante deixou marcas, sugestões para um trabalho educativo.

Quando nós chegamos aqui esse MS já tinha passado. Esfriou o MS. Quem a gente atende não sabe que existe. Nós soubemos da pesquisa participante através das pessoas que trabalhavam aqui e estavam saindo, ninguém mais fala da pesquisa participante desde o momento que chegamos aqui. Usuários também não comentam.

Existe uma lembrança vaga, nessa região os técnicos rodam muito, profissionais de nível superior moram em São Paulo, há muita "migração" por condições de trabalho, salário; o Taboão paga três vezes mais.

5.6.1. A Pesquisa Participante - Avaliação

- O Movimento

- "Bom, acho que pro movimento, na época, foi uma força muito grande e continua sendo até hoje, porque inclusive eu tive conversando com uns professores aí, e outro dia eles tavam propondo que com esse livrinho, com essa experiência que a gente tem, pra gente fazer um trabalho. Mas é que existem trabalhos que a gente tira em cima disso. Porque, a questão da escola, tem os Conselhos de escola hoje, a escola nossa, tanto é que a

gente conseguiu, e eu acho que uma coisa puxa a outra. Teve um movimento lá na vila logo em seguida, com esses conhecimentos que a gente tem, quando você fala que você fez uma Faculdade de Saúde Pública, quando as pessoas sabem que a gente teve envolvida com pessoas, como vocês, então passam até a respeitar melhor a gente.

Então eu acho que a pesquisa serviu pra tudo isso e também pra abrir a cabeça da gente, para ajudar os movimentos, a pesar de estar fraco hoje, mas a gente vai retomar, mas devido à política que surgiu também que foi muito difícil a proposta... Então acho que agora a gente vai tentar se levantar e vai tá usando esse material que ainda a gente tem, que eu ainda tenho bastante livrinho da pesquisa.

- "Olha, o movimento hoje tá um pouco restrito, né? É uma coisa muito pequena, porque toda aquela força, foi trabalhar fora, foi cuidar da vida, porque entrou Collor e você viu o que aconteceu com esse Brasil todo, e isso veio afetar a gente aqui também. Se a gente já tinha uma situação difícil, imagina depois desse estrupício lá em cima, né? O que ele tá fazendo com a vida da gente... Aí, foi aonde que a gente partiu muito mais pro trabalho, e aquela luta contínua, diária, que a gente tinha a favor da saúde, a favor de todas as pessoas que estavam atravessando aquela vida difícil e que atravessam até hoje, a gente deixou um pouco de lado, porque a gente também precisava cuidar da vida da gente, né?

Então, nós conseguimos, depois da pesquisa, com aquela força toda que a gente tinha, uma coisa que ficou marcado foi a questão do secretário que a gente não conseguiu derrubar ele, graças a um político safado, medíocre e que infelizmente continua em Itapeverica até hoje, que é o Jorge, até hoje não saiu daí. Outro dia disse pra ele, nós fomos lá com 500 pessoas, a questão do asfalto, que você vê; desde aquela época, só tem esse asfalto aqui, e a gente continuou mesmo enquanto movimento de saúde, brigando, não só pela saúde, mas por outras questões também, e a gente conseguiu levar pra lá um grupo de 500 pessoas, e ele tirou sarro de todo mundo assim na cara. Sabe... chamou de criança, de moleque, mas a gente teve a chance de dizer para ele que ele infelizmente também era do partido X, que era do partido da vergonha nacional, então o que a gente podia esperar dele, que a gente já tinha consciência, e dele a gente não podia esperar nada, que era isso aí".

- "Agora, eu acho que não dá pra falar da pesquisa, sem falar do movimento,

porque a pesquisa é "filha" do movimento. A Dna. Maria, tinha um depoimento naquela época, que ela dizia que a pesquisa nasceu da luta, então eu acho que não dá pra falar da pesquisa sem falar do movimento.

Então pra mim é assim, em 86, 87, 88, o maior acontecimento de Itapecerica foi o Movimento de Saúde, acho que ele não foi só um simples movimento a mais, ele foi um grande movimento e que teve uma força política muito impressionante dentro da cidade, e que foi depois que vocês saíram que isso ficou mais claro. Então pra mim o grande acontecimento daqueles anos foi o movimento, e a pesquisa pra mim foi um instrumento pra aquele movimento crescer, ganhar consciência, tudo isso. Foi uma ferramenta, né, que a gente descobriu uma enxada, né, onde a gente foi cavucar mais a realidade pra descobrir coisas. Então pra mim enquanto um instrumento na mão do movimento popular foi uma coisa muito importante. Assim, eu acho que o movimento popular tendo um tipo de instrumento como este, ele aprende, ele ganha muito, ele ganha prestígio, ele aprende a usar um instrumento pra cavucar a realidade, pra aprender mais, pra compreender melhor o que a população quer. Por exemplo, pra mim naquela pesquisa me trouxe surpresas, por exemplo, eu nunca imaginei que a população do parque Paraíso relacionasse tanto a saúde com o saneamento.

- Eu acho que a pesquisa foi pra nós, muito lucrativa pra nós, que deu a força para o movimento, como nós vinha, nós já tinha um começo, né, que nós era um pequeno movimento, pequeno grupo que, lá em Itapecerica, que estava reivindicando alguma coisa, na pesquisa a gente criou mais força, tinha muita coisa, até criar grupos pelas casas a gente criamos também, nesse grupo, a gente falava da pesquisa. Eu acho que a pesquisa foi mais uma escola, um ensinamento que não só produziu pra nós como pra muita gente.

A pesquisa participante abriu mais um caminho para nós. Porque nós não tinha esse sentimento de que nós, como população, nós como movimento pudesse entrevistá ninguém, pudesse ter participado da pesquisa. Não tinha essa confiança... Então deu para entender que a população também tem meios de fazer um levantamento, uma pesquisa..."

5.7. A pesquisa como recursos metodológico e profissional e político

- "Depois da pesquisa, quando eu fui pensar sobre ela, em mudei um pouco a minha opinião sobre a pesquisa. Quando eu comecei a fazer aquela pesquisa, quando a gente começou a discutir, eu achava uma coisa, quando acabou, eu já comecei a mudar um pouquinho. Então pra gente que estudou esta pesquisa, que pensa neste assunto e que não gosta, não acredita nas pesquisas feitas de um modo tradicional, eu achava que a grande saída pra isto, era a pesquisa participante. Depois no decorrer da pesquisa e depois quando eu fui pensar sobre ela, eu acho que ela é um instrumento, como muitos outros instrumentos.

- Acho que foi uma coisa que me enriqueceu pessoalmente. E, é, também foi uma coisa muito útil pra mim profissionalmente, né, foi uma experiência muito útil profissionalmente, né, que foi uma coisa, o exemplo dessa experiência foi uma coisa que eu, que eu usei, que eu uso sempre, permanentemente nas aulas, nas coisas que eu escrevo, certo? Alguma coisa que ficou como se fosse uma lucratividade pra mim, importante, né? Enquanto meu salário, enquanto professora foi uma coisa que fez parte da minha experiência e que me permitiu enriquecer. É uma coisa que entra sempre nos meus trabalhos, (...?) nas coisas que eu escrevo e que é uma experiência marcante pra mim, certo? Marcante justamente porque, em função dessas coisas que eu estava falando, é, eu acho que eu perdi muito o preconceito que eu tinha com relação às pessoas, certo? EM relação à comunidade. É verdade. Eu acho que eu, é... não vou dizer que antes dessa pesquisa eu não fosse uma pessoa que valorizasse a comunidade. Mas era uma coisa mais da boca pra fora do que da boca pra dentro. Era uma coisa mais formal. A partir dessa pesquisa, eu acho que foi uma coisa que entrou pra dentro, né, foi uma valorização da comunidade que entrou para o plano da sensibilidade..."

- ...Nóis fizemo a pesquisa participante, era nosso favor, a favor da população, a favor de todos, não era de uma só, e através disso nós inda ganhemo alguma coisa. Que pelo menos a hora que nós tava trabaiano, nós ganhava. E da insituição X, nós nunca ganhemo nada.

- Nessa pesquisa... a gente que soltava a língua... num era eles soltar a língua para nós, ensiná, como Professor não senhora, era nós que falava, tá entendendo? O

questionário... não vinha pronto... era nós que tinha que carcular de cabeça, alí, arrancar de dentro, pra dizer o que é".

5.8. A Pesquisa Participante e a Produção do conhecimento

- Eu nunca pensei que a população do Parque Paraíso relacionasse tanto a saúde com o saneamento.

Eu pensei que ou ela relacionasse com as condições de trabalho, a distância que eles tem que ir pra trabalhar, ou o fato de ter que fazer hora extra pra ganhar mais, as condições de trabalho dentro das empresas, porque lá quem mora mais é trabalhador, e eu ví que não foi o forte da pesquisa isso, muito pouca gente falou na situação de trabalho, ou então eu achava que poderia aparecer uma visão muito biológica assim - 'queremos Postos' - e não, o povo falou 'queremos saneamento', pra mim isso foi uma descoberta, eu não pensei que... Isso, só uma pesquisa me mostra, porque da minha cabeça, indo lá, tal, posso até descobrir mas não é fácil, então pra mim essa foi uma descoberta da pesquisa. Outra descoberta que eu fiz pela pesquisa, por exemplo, em relação ao hospital. A gente viu pela pesquisa que mais de 80% da população, não sabia da luta pelo hospital e a gente achava que havia uma grande luta pelo hospital, e descobrimos que não é verdade, que é pouca gente que sabia. Então pra mim esses dados e muitos outros, que depois escrevi sobre isso, eles teriam mostrado pra nós, se a gente tivesse continuado lá em Itapecerica, os rumos que a política de saúde do município deveria assumir. Então pra mim, aquela pesquisa trouxe conhecimento novo sobre essas questões que eu levantei e outras.

6. AVALIAÇÃO DOS MOVIMENTOS SOCIAIS

- O Conselho de Saúde

Os movimentos tão fracos mas ainda tem alguma coisa acontecendo ainda tem reunião, hoje a gente já é o Conselho de Saúde, nós fazemos parte do Conselho de Saúde em Itapecerica, Conselho Municipal, onde tem um secretário que se diz o presidente, né? E que não faz nada também, segundo ele, faz maravilhas, mas... entre aspas, né? Mas a gente continua aí cobrando. Essa semana mesmo, na 3ª feira, a gente tem uma reunião com ele daquelas de pegar fogo mesmo porque... com o secretário de saúde que é o presidente do conselho e a gente tá aí, vai lá discute com ele não só as questões assim dos postos de saúde, mas a questão da própria Itapecerica mesmo, que a gente tá vendo a questão do saneamento ainda que desde aquela época é uma luta importante o saneamento em Itapecerica, a gente sabe se amanhã ou depois pintar uma cólera aí, morre meio mundo porque não tem uma situação assim..., a gente vai ver se agora, esse ano é um ano político, outubro tá aí, então a gente vai tá garantindo algumas coisas enquanto Conselho de Saúde."

- Naquele tempo a gente tava com tudo, nós foi praquelas passeatas da Paulista... do movimento de SS, subimo em carro de som, pintemo o sete lá, fizemo cartazinho de batom, de tudo isso lá. Então eu acho que aquilo alí dá uma alegria pra gente. Há algum tempo tava conversando com as meninas da leste... e a gente viu que tava fazendo muita coisa e dando nome pra muito gente, né, tava.

Porque a gente viu mesmo na Inauguração do CS do Jacira, a gente viu que a gente não tem nome, a gente entrou, batalhou, foi na SS, trouxemo aquele dinheiro prá cá, pra construir ... e não foi luminado nem nada com luta da população.... Porque é isso que eu vejo, né, o movimento lutou, fez tudo, mas no fim não tem nada em cartaz... Não tem uma história do movimento, não tem nada registrado, a única coisa registrada que a gente tem do movimento é aquela fita gravada em Itapecerica. Foi da pesquisa, tá! O resto a gente tem nada. Então eu acho que é isso... isso me esfria.

7. A SITUAÇÃO SOCIAL - A VIOLÊNCIA

- A pessoa que se atrevesse a lutar por moradia o era ameaças.

" pelos grileiros. Mandavam recado. O meu marido chegou até a falar: 'Pelo amor de Deus, não entra mais nisso, sai disso, sai disso, não vai mais nestas reuniões de moradia'. Eles chegavam a deixar recado nos bares - 'Tem uma mulheres aí que não tem o que fazer, fica se metendo com terra aí, vai morrer' -; e agora, quer dizer, eles morreram, porque eles faziam assim; vendiam o terreno aqui, da prefeitura aqui, pegavam o dinheiro e iam embora pro Mato Grosso, vendia lá, até que uma vez além de vender lá, ele andou matando pessoas... Pelo menos foi o que passou para a gente, matou algumas pessoas no Mato Grosso, Goiás, não sei, e fugiu, só que le foi pego aqui no Capão Redondo, e aí apagaram ele. Até no dia que o meu marido chegou e contou: 'Sabe quem morreu? Aquele cara lá que queria matar vocês por causa dos terrenos lá'." Que na questão da moradia foi Dna Maria que enfrentou mais. Eu tava ali sempre junto com ela mas, nesse dia inclusive que o car foi com a arma em cima deles, eu não tava, mas por duas vezes, nós tava juntas, quando eles chegaram lá, o pessoal da prefeitura saia, e les vinham e ameaçavam a gente. Então, graças à Deus, isso tudo acabou, graças à força, à luta muito grande naquela época, eram 150 famílias..."

- Meu marido fala (aqui a gente tem que se dar bem com todo mundo, não discutir com bandido.... no bar eu ofereço pinga... porque se eu sair minha casa fica protegida...). Os bandidos tinham programado matar um cara que chamou eles de trombadinha. Meu marido foi lá, tirou o indivíduo e a família e os bandidos dissiam que se não fosse ele, o cara tava morto.

Eles se dizem justiceiros, pés de pato... dizem que não assaltam, só dão proteção... a população aprecia porque a polícia não vem nesse bairro... festa da Igreja eles que fazem a proteção*.

- Depois quando eu tava morando lá na chácara Santo Antonio a favela começou a encher de gente... assim de maconheiro... muita agressão... eu toda vida gostei

* Nessa ocasião a entrevistada relatou que um chacareiro aparecia assassinado e os justiceiros haviam matado seis meninos que supostamente estariam envolvidos no crime.

de uma luta que me desse resultado, não em uma luta que não trouxesse resultado nenhum... e nunca gostei de agressividade com ninguém. Agressividade sim, nas horas certas, nos direitos da gente... É isso que é importante.

- Violência como resposta

A gente chegar lá fora e mostrar a voz a da gente também, daquilo que a gente tá sentido aqui, o que é o nosso Brasil também. Porque cê vê... Sabe que eu me sinto com tanta vontade de ir pra esse lugar que o povo tá guerreando, brigando. Essas muié no meio da rua dando cacetada, jogando bomba, pintando o sete... Eu tenho tanta vontade d'eu fazer isso, te juro, eu queria tá no meio dessas muié, pra ir levá cacetada, pintar o sete, mas lutá práquilo que era meu, tá entendendo? Lutá pela minha independença, do meu mundo, dos meus fios, da minha família, do meu povo, tá entendendo? Não sei não, pode dizer o que quiserem, né? Mas eu tinha essa vontade. Tinha não, ainda tenho essa vontade.

8. RELAÇÃO HOMEM E MULHER

Dominação/violência/agressividade

- Zé Elia sempre dizia assim: você vai atrás dos homens, vai atrás dos machos, vai atrás dos médicos, vai atrás dos padres, você vai... isso é coisa de mulher vagabunda, de muié que não tem o que fazer... E isso foi me dando mais ódio, mais raiva, e eu fui entrando mais fundo, mais prá dentro, tá!

- Enquanto aqui essa pesquisa, ela me ensinou, né, a ver as coisas, e hoje em dia eu não sou mais submissa... mas meu marido, meu ex-marido, inclusive, chegou a dizer (na época do movimento social) que gostaria de ter uma mulher como eu era ... Aí eu comecei a entender que eu não casei por amor, eu casei para criar, aquilo que a mãe queria... que a gente casasse pra ter filho e cuidasse, né, ser uma pessoa submissa. Mas não precisa a gente ter um homem na vida prá sobreviver, trabalhando, às vezes, se consegue coisas melhores... Então eu não sou mais submissa.

- Quando acabou a pesquisa procurei trabalho e encontrei serviço por dia, limpeza de casa de família, de prédio que terminava, a sujeira não saia dos dedos, mas esses anos e os da pesquisa foram os que mais vivi. Fiz concurso pra entrar no Hospital Municipal X, ele não queria: (coisa de gente vagabunda, funcionário público só assina ponto); avisei que ia voltar a estudar (coisa de mulher vagabunda, que quer chifre em cabeça de cavalo), passei no concurso, isto para meu marido foi uma loucura (mulher que trabalha em Hospital é galinha, é galinha de médico)... mas eu escolhi trabalhar no Hospital movida pela luta... Acabei o 1º grau e vou tirar o curso de enfermagem... no dia da formatura não queria ser padrinho, estava bravo, mas na hora fez tudo direito: (você mulher onde você quer) mesmo quando eu falei do curso do Einstein ele acabou só pedindo para não trabalhar à noite. Devagarinho ele vai engolindo tudo. Eu não sei o que eles tem na cabeça? São ciúmes, será falta de confiança neles? Um dia ele falou: Eu não me conformo, você é a Lúcia que eu conheci; eu respondi, olha aí, aquela lá eu matei e enterrei.

9. IDENTIDADE

- A Semana passada eu tava com um baixo astral tão grande no mundo que eu cheguei no Jacira (UBS) e nós começou a conversar... da nossa luta, na pesquisa, em tudo... pois só eu conversá um pouco assim mais elas, tudo junto assim... aquilo me distraiu tanto que eu não tava rindo, mas saí dali rindo, tá? por que isso distrai, dá um jeito assim de você assimir as unidade como as bondade... e a gente ficando parada assim dentro de casa, a gente fica isolada, a gente sofre as coisa... só guardando rancor... depois que a gente começa a andar, participar, ver o mal dos outros e o bem da gente e o mal da gente, a gente vai ver que somos todos iguais... que o mal de todo periférico de São paulo, de todo o lugar é isso aí: não participar, viver só naquela ignorância de casa pro trabalho, de casa pro trabalho. De noite, dentro de casa, briga com os fios... e marido e fio dentro de casa, e roupa pra lava... e aquilo te massacra demais, até as vezes estraga a vida da pessoa porque não participou... nesses encontro que eu ando eu vejo tanta da moça, tanta da muié com problema e elas rindo, gritando, senta nos restaurante e toma sua cerveja, né.

- Eu percebi que através da pesquisa dos movimentos eu estava participando da vida de outras pessoas que tinha os mesmos problemas que eu, eu encontrei por várias vezes fazendo pesquisa com as pessoas, pessoas que também atravessaram pelo mesmo problema e a vida da gente se resume nisso, sabe, a gente se queixa, reclama disso e daquilo, mas quando a gente olha para trás a gente vê um monte de gente e talvez com muito mais problema do que a gente. Então a pesquisa para mim naquela época, para mim teve esse efeito, foi como uma bomba, né?

A pesquisa para mim foi um caminho, é ... onde eu tive visão das coisas, do meu próprio bairro. Que até então, a gente só ouvia falar na televisão. Eu era (...?) da minha casa para o médico. Então, eu não tinha visão nenhuma. Era só aquela coisa de sentar, vê novelas, vê televisão e a vida dos outros que se dane. Então, a partir daí, eu tive oportunidade de conhecer meu próprio bairro, é... ter conhecimento das pessoas. Foi uma coisa muito participante, né? Participar da pesquisa, né, que se chama pesquisa participante. Então, eut tive uma visão muito melhor. Eu pude ver as dificuldades das pessoas, ouvir as dificuldades das pessoas, que também são as minhas dificuldades. Como a gente, conversamos no geral, com pessoas que estudam, e o conceito da gente era pessa grande feita, que fazia faculdade, uma pessoa que era médico, doutor,, não teria dificuldade, teria

uma profissão, teria dinheiro, para o meu conceito, né? mas não era nada daquilo, entendeu? Apenas era um ser humano e apenas teria condições, é, condições diferentes. Mas todos seres humanos tem seus problemas e eu acredito nessa pesquisa, me abriu caminho.

- "Eu acho que essa... esse trabalho que a gente se meteu, foi uma experiência muito importante na minha vida. E eu tenho certeza que eu entrei de um jeito nessa pesquisa, e saí, né? E o que é que mudou antes da pesquisa e depois da pesquisa, tá? Foi que eu conheci vocês, uma experiência muito gratificante conhecer pessoas como vocês. Mas é lógico que não foi só o fato de conhecer. Se conhece pessoas o tempo todo. Foi uma coisa até meio difícil de dizer, mas eu acho que, vamos ver se eu consigo falar.

"A gente costuma trabalhar, trabalhava com pesquisa em que se colhia depoimentos importantes. Ia lá, fazia e perguntava pras pessoas, e aí fazia as pesquisas. A população era muito objeto do trabalho da gente, e eu acho que uma coisa mudou mesmo, mas mudou mesmo.

- Depois, esse tipo de pesquisa, vocês passaram de objeto, né, de objeto para sujeitos. Aí, vocês passara a ser "gente". E a gente entendeu que fazer pesquisa com "gente" era pra fazer pesquisa com as pessoas. E que a diferença que existe, existia e existe entre nós, mostrou uma coisa bem estranha. Quer dizer, na realidade, nós somos diferentes, mas fomos iguais, né? Eu acho que nós somos todos pessoas humanas que é, pensam, né, que são capazes de refletir, é, com as suas particularidades, com as suas individualidades, mas nós somos, todos nós, igualmente pessoas, certo? E isso eu acho que foi uma coisa, eu digo, que entrou, é, na sensibilidade, muito mais do que na cabeça, né, uma coisa que acabou ficando... essa experiência ficou muito marcada em mim, por causa disso. Essa idéia de, desde encontrar gente. Gente que é, é uma experiência humana muito marcante para mim. Eu estava numa fase ruim, ruim. Tinha arreventado um casamento de onze anos, estava perturbado, atrapalhado, né? Você sabe que essas coisas são fundas... Então foi uma, foi um momento rico na minha vida, que me deu uma perspectiva de contato humano com as pessoas

10. AUTORITARISMO

- Aquela pesquisa que nós fizemos me ajudou muito... Antes... eu não saberia nem como... falar com alguém... chegar num hospital, por exemplo procurar saber do meu direito, até onde eu queria chegar, o que eu queria receber... Vamos supor assim: antes dessa pesquisa se eu levasse meu filho no médico e eles dissessem agora não vai atender, se ele estivesse morrendo, para mim tudo bem, o médico quiz assim, a enfermeira também, então tudo bem; só que depois dessa pesquisa, eu aprendi muita coisa boa e fiquei assim, mais corajosa... vocês ensinaram muito a gente, a gente aprendeu com vocês com a gente*.

Em outubro tem novas eleições, e eu espero que isso mude, porque eu acho que essa revolta que tem dentro do movimento da gente tem que ter fim. Pelo menos a última vez que eu tive lá, que eu gritei com ele cara a cara, a gente foi até ameaçado lá, você via 500 pessoas ali toda revoltada e uma pessoa só dominar... eu lutei tanto... como é que eu fui deixar uma coisa dessa tomar conta de tudo... Eu acho que essa revolta não tá só comigo não, você conversa com outras pessoas, outras lideranças, de outros bairros, e você vê que elas também estão assim revoltadas, angustiadas.

- "... Eu não sabia o que era falar, eu levava a fia minha pro médico, eu dava papa de farinha pra ela e tinha medo de dizer pro médico porque tinha medo dele passar carão, mas hoje em dia eu quero que o médico venha me passar carão: Porque eu sei o que dar para ele comer. Então é isso que ensina a gente. E uma pesquisa, é a vivência nossa lá fora..."

- É nesse tempo as mães tinha medo de fala com os médicos, tinha medo de perguntar pros médicos que doença ela estava sentindo... que doença era a dela, né... Então existia essa maldade toda na medicina toda que trazia tudo aquilo escondido - como toda vida foi - tanto na medicina como a religião, tudo era uma coisa em latim que ninguém podia entender, participar, nem sabê o que estava acontecendo. Então aí eu fiquei, comecei

* Prestar atenção no recurso linguístico que pode indicar que o depoimento considera os técnicos (vocês) mais importantes no processo pedagógico mesmo este é considerado troca. Esta referência se faz a partir do destaque (2 vezes) ao aprendizado propiciado pelos técnicos a população, cuja participação - "vocês com a gente" - é menos destacada.

a participar das lutas pelo posto... pra mim mais médico... pras enfermeira trata a gente como gente, né... os médicos trata a gente como gente..."

"Marcara reunião com o prefeito... vai lá... num tava... vai lá... num tava... vai uma vez, duas, três, chega lá o homem num tá, quando tá, num recebe porque já tá passando da hora... que deixa pro outro dia... outra vez o homem fica dando tchauzinho da janela, monta um monte de polícia de ponta a ponta, numa cidade que nem Itapeceira... aquele é cidade de montá um monte de polícia prá pega, 40, 50 pessoas que tava chegando - isso é covardia, é covardia, sem de uma autoridade... Todo beco que você rodeava tinha polícia ali tocaiano a gente ... Isto aconteceu nessa administração, a outra também era ruim... mas nós lutemo, lutemo, lutemo durante 4 anos e o posto não funcionou mal. Nós conseguimos derrubar as barreiras que tinha lá, que tinha tanta enfermeira que você chegava lá e não podia dizê bom dia, elas já tava com o bico desse tamanho e respondia a gente assim em cima da letra.

- " O movimento se transformou em movimento contra autoridade. A intenção era anarquizar. Reivindicação não era por saúde... eram reivindicação políticas, pessoais, não queriam saúde pública, não queriam educação... Nós tínhamos que trabalhar em paz... então não ouvimos mais. Saúde Pública é a arte de prevenção de doenças, de prolongar a vida. O SS deve educar o indivíduo para manter saúde para não ser foco de infecção... Como ninguém me procura vamos levar para fora: palestras em firmas... Preciso que vocês me procurem, em toda as palestras eu digo: me procurem, quando me jogarem pedras eu direi: não tenho culpa, a culpa pela saúde de vocês são vocês que não me procuraram..." Fiz uma palestra sobre saúde escolar e obriguei os funcionários da PMI para ouvir... Se algum dia o PRO SAUDE* desses que nós não atendemos eu respondo que nós trabalhamos*. Elas nunca nos procuram para palestras, para dúvidas médica, sempre vieram para exigir.

Vim com seis menino, tudo dentro do trem, vinha três de maió que deviam pagar passagem e eu não tinha condição... paguei só a minha... Quando chegou em Belo Horizonte deu problema, era pra trocar de trem... todo mundo desceu e eu fiquei... só desci

* Esse termo ao longo da entrevista com a chefia da UBS foi utilizado para se referir às lutas e movimentos por saúde da região.

* Essa afirmação parece indicar concepção de que o trabalho dispensa relacionamento com população ou lideranças.

com os guardas porque eles me levaram até um albergue para eu arrumar passagem.

- Na véspera do último Natal eu e meu irmão ficamos lembrando... o corpo cheio de sangue... onde o pai batia saía sangue... mas não temos revolta... agradeço, porque com essa austeridade fiquei homem de bem... disse um dos irmãos. Para Luzia Mara: "... apesar de todo esse sofrimento gostava que toda a família tivesse a família que a gente teve...

- " Imagina que nessa época meu marido trancava o portão para eu não ir ao encontro de Mulheres; não adiantava; eu pulava o muro, consegui viver a experiência de enfrentar o marido. Quase cheguei a me separar porque comecei a brigar pelos meus direitos." Para participar da Pesquisa do Parque Paraíso a situação foi igualmente conflituosa.

- " Que briga! Onde se viu uma dona de casa , uma mulher que se diz mãe de família, se meter com gente de faculdade? Eu queria saber, ser de mais. Ele achava que eu ia aprender muito, ia me valorizar demais e esquecer a família.

- "Eu acho que na minha vida foi um grito de liberdade, né? Essa pesquisa surtiu um efeito muito grande na minha vida, pra mim foi o primeiro passo para a liberdade, porque eu nunca escondia de ninguém as dificuldades que eu tinha para estar lá fora fazendo aquele trabalho. Mas a partir daí eu já tinha tomado pé nas coisas lá fora, a partir daí então eutivemos mais coragem , a pesquisa me ajudou a enfrentar com mais coragem e saber que eu tinha direito de estar fazendo aquilo porque era minha vida.

- Então eu acho que a partir do momento que a gente partiu pra luta lá fora, pesquisa, movimento, limpar prédio com a dona Maria, então isso me ajudou muito enquanto mulher, principalmente, né? Que aí eu fui dando conta que eu tinha direito a tudo aquilo que eu não tava fazendo nada de errado, que eu só tava tentando ajudar algumas pessoas e acima de tudo, ajudar a mim mesma, e eu acho que eu consegui, eu acho que eu estou conseguindo eu posso dizer isso de boca cheia mesmo, até hoje, que eu estou conseguindo, é uma vitória assim... como diz meu filho: translumbrante, translumbrante (risos). Então tudo partiu disso, a gente aprendeu muita coisa.

- "Através da luta de mulher a gente começamos a se desenvolver bastante também assim, na luta que mulher tinha direito na convivência dentro de casa com o marido, com os filhos... Porque antigamente a mulher sabia que ela era subalterna ao homem... eu ouvi minha mãe falar essa estória... eu digo num so filha dessa mulher... Então é como diz essa estória, naquele tempo a gente pensava assim que o marido tinha que fazer da gente o que ele queria, né? Depois a gente pensou, senti na pele da gente que não era bem assim, né? Hoje em dia o povo diz assim, que tanto desquite que existe, quanta separação, mas não é não, faz tempo que existe desquite e separação. Agora, só porque a mulher tá se manifestando e fazendo um pouquinho da farinnha delas, o povo acha que as mulheres tão erradas, né?

- A pesquisa pra mim, foi uma visão. Eu sempre fui criada naquele tipo, bem submissa, né? Em que a mulher era criada, era educada para crescer e casar e cuidar dos filhos através da...da... só obedecer o marido, né. Fazer só aquilo que o homem mandasse. Ela não foi criada pra fazer outras coisas, né. Então, eu cresci nesse regime.

- Achei o marido, casei e tive um monte de filho. Porque eu sou mãe de seis (risos). E eu estava cansada e eu comecei a pensar que não era bem aquilo que eu queria, né? Aí, um dia apareceu aí uma colega falando que o Posto de Saúde estava fazendo reuniões pra conhecer o corpo da mulher, era um projeto que eles estavam fazendo lá, então pediram minha casa para reunião. Então, a partir desse momento, eu comecei a participar de grupos de mães. Até nesse momento, até o dia dessa reunião, eu era fechada pra mim. O mundo era só meu. Era só cuidar de roupa, do marido, do filho e nada me interessava. Então, a partir desse momento, eu comecei analisar as coisas. E apareceu essa pesquisa. A gente começou a se reunir, o grupo foi crescendo, fui conhecendo mais gente, pareceu, como eu te falei. A partir desse não parou mais. Participei do Encontro do Posto de Saúde... A pesquisa pra mim foi um caminho. Então eu não sou mais submissa. Hoje eu trabalho, é... como a Lucia Mara falou, a gente deixava os filhos, muitas vezes deixava o portão trancado com as crianças e, mais isso tudo porque eu achava que isso era bom para mim, porque precisava de ser feito alguma coisa, a gente não tinha nada... A partir desse movimento comecei a trabalhar, a ver que o homem, que a gente que é mulher não precisava estar enroscada com um homem para ter um dia-a-dia melhor, para ter alguma coisa melhor... E a única coisa que eu teria que te falar nesse momento, é que eu deixei tanto de ser submissa que não vivo mais na casa do meu marido. Me separei. Até isso a

pesquisa ajudou (risos). Me separei. Não legalmente, né, preciso entrar com a ação do desquite, essas coisas todas, mas não sou submissa mais não. Agora eu sou eu.

* * * * *

11. MUDANÇAS NO COTIDIANO / NA RELAÇÃO HOMEM/MULHER

- Tive muitos problemas na família, na família não, em casa né? Então eu tinha que deixar os filhos sozinhos, mas foi uma experiência pra eles também, quer dizer que tava servindo para mim lá fora e para eles que ficavam sozinhos dentro de casa"

- " Porque até então, eu deixava as coisinhas prontas, tudo, né? Porque eu ia pra pesquisa, ficava o dia inteiro pra lá, e eles que tinham que se virar, e quantas vezes eu não cheguei em casa, que a gente vinha de lá já tarde, e até comida eles já estavam fazendo, então pros meus filhos deu pra contornar a situação, né? Foi daí que eu tomei pé pra sair pra luta e trabalhar fora, porque até então aquilo para mim era meu trabalho, foi daí então que eu parti pra trabalhar por dia, quebrei todas aquelas barreiras que eu tinha dentro de casa e saí pra luta, trabalhei com a Dona Maria, ai que maravilha! Foi uma experiência, limpar prédio era uma loucura, né Dona Maria? Subia lá no 22º andar de saia, oh! minha filha, era uma negação, mas foi muito bom! e a situação, ela virou, ela se reverteu, graças a Deus mesmo, eu falo assim de boca cheia, porque a minha mãe até ela dá risada: engraçado, o teu marido hoje como vem comer no teu prato, né?. Eu falei, mas é, eu já comi muito no prato dele, então chegou a hora de virar a coisa, né? Posso ter a alegria de dizer as coisas estão melhorando, porque com isso eu aprendi a lidar melhor com os meus filhos, porque eu só tenho filho homem, e graças a Deus eu tenho uma liberdade muito grande pra conversar com os meus filhos, porque a gente conversa abertamente sobre tudo e qualquer assunto, então isso me ajudou muito também. Eu acho que tanto lá fora, como dentro de casa, pra mim foi uma experiência... Até o pessoal da PUC, me chamava lá para falar dessa pesquisa, eu disse: olha, tudo o que eu tenho pra dizer, é que foi uma coisa muito gratificante na minha vida, até hoje eu sinto assim, foi uma coisa que me deu forças pra levantar minha

vida, pra levantar, vamos dizer assim, pra levantar minha moral, dentro de casa."

- " Antes sabe, eu era aquela mulher que era criada e educada pra ser mãe e dona de casa só, e todas as saídas que eu tinha tentado, sabe aquela novela que tinha na televisão daquela mulher que lutava pra fugir e sempre alguém pegava, aí eu comecei a ligar os fatos... A minha vida era muito parecida, mas agora tudo mudou... A gente tá quase terminando a parte de cima da casa...

- Foi depois que eu comecei a trabalhar. Porque antes não dava, era pra comer e olha lá, não vamos dizer que hoje tá sobrando, porque tá difícil ainda, né? Mas graças a Deus o meu filho mais velho já começou a trabalhar, aquele filhão é assim que, é... acho que a gente aprendeu muita coisa junto nessa época, ele também escondia as minhas saídas do pai dele. Ele chega dizendo assim: Mãe, foi tudo bem? Mãe voce aprendeu mais alguma coisa hoje?

...E agora que ele começou a trabalhar, e o que eu andei com ele... Então, ele tava falando pra mim: Eu só acho desaforo uma coisa, mãe, o lugar que eu tô trabalhando, a sociedade ainda é muito machista, porque para mim ter meu talão de cheques, precisa meu pai assinar, porque não minha mãe? Sabe, então eu achei isso muito bonito, pra voce ver como que isso também abriu a cabecinha dele, porque a gente, a sociedade que a gente vive, é muito machista ainda, né? E a gente acaba criando os filhos da gente machão, e eu acho que os meus eu tô tentando criar de uma outra maneira, abrindo a cabeça deles, passando pra cabecinha deles, o que não passou pela cabeça do pai deles, né? E isso ajuda, porque eles discutem isso com o pai dele, e é uma coisa bonita quando ele chega no pai dele e faz o pai dele entender as coisas, que a mulher também tem direito de correr lá fora, ele fala: Qual é pai, qual é, se a mãe pode, ela dá conta, qual é o problema? Ela tá viva, ela tá vivendo..., ele fala assim para o pai dele..."

- " Depois de começar com os movimentos a relação com meus filhos mudou muito, agora com o marido mudou um pouco assim... ele é aquele mesmo durão, só que ele não encontra moleza, só que ele mudou num ponto, que ele era muito mais durão... mas ele é desses homens durão, autoritarismo, ignorante mesmo, que não cede, e os filhos não saíram a ele... não sei se é porque eu sempre falo com eles que não é bem assim que a gente quer viver, porque naquele tempo que nós vivemos, foi um agora é outro, nos temo que nos

acostumar com a realidade, com aquilo que acontece, porque se a gente for montar o nosso caderninho, só o nosso caderninho como nós quer, nos num consegue, tá? Então é por isso que eu digo, junto com a população é que se aprende a resolver o problema. Porque se eu quero de um jeito, e outro quer de outro, então todo mundo junto, a gente vai ver como resolve, né? Se é do jeito que um quer, ou se é do jeito que todos querem... é como uma família dentro de casa é desse mesmo jeito.

- Então a gente vê que hoje em dia não é como aquele tempo antigo que o pai falava com o filho e o filho acreditava, fazia tudo bonzinho como o pai queria. Hoje em dia não é mais desse jeito. Às vezes eu falo pro meu marido: Mudou Zé Elias, não fica se maltratando, se massacrando por uma coisa que voce não pode... mas mude...

- Eu nunca pensei um dia na minha vida ter uma fia amigada sem casar e hoje eu tenho duas. Eu fui me acostumando assim, eu não tenho o que fazer mesmo, o que eu vou fazer, matar eu não vou, tirar e levar pra casa porque eu não quero fia amigada? No fim era pura bobagem mesmo, porque uma coisa que voce não carrega em si, voce não pode segurar, e é uma coisa que ninguém liga mais. Acabou-se esse negócio de família... Porque família de fulano... tem que ser honrrado... Quem é no mundo que honra... que a sobrinha do presidente X foi puta... e a filha do governador X foi puta, foi amigada, a rainha da Inglaterra agora tá amigada... outro tá se separando. Se vê como a coisa tá mudada... e nós que somos pobres vamos ter vergonha mais do que rico? O que é importante é a minha sobrevivência, é o me carater, é a minha moral, é isso que é importante... Eu sou analfabeta, mas desde que eu cheguei, graças a Deus, fiz tudo para os meus filhos estudar... Eu falava assim: ora, eu não quero saber de um a, mas quero que meus filhinhos tudinho... um dia eles diga assim: minha mãe não sbia de nada, mas nós tudinho sabe, ela ensinou nós tudinho... Meu marido falava... vai troxa, ensina eles lê, amanhã ou depois eles jogam tudinho uma cacetada no seu pé de ouvido, deixa eles se criarem que nem cavalo mesmo... Eu falei: é, é isso o bem que você deseja a eles... eu não desejo esse bem, não. Eu vou fazer de tudo, mas meus filhos tudinho vão aprender a ler, e aprenderam graças a Deus. A última já tá, onde tá, vai fazer a 5ª, né?

12. CONCEPÇÃO DE DIREITO

- "Minha experiência como técnica da área de saúde, como professora da universidade, ou seja toda a minha vivência nessa área sempre foi a de procurar me envolver com a população, desenvolver um conhecimento que interessasse a quem paga o meu trabalho".

- "... a gente foi aprender... que eles eram nossos empregados... e, por isso, quando a gente paga o empregado tem direito de exigir aquilo que quer..."

- Porque é assim. Porque a gente chegava nos Postos de Saúde e tudo, ia brigar com a gente e a gente engolia, ficava quieto e calado, quer dizer porque fulano era doutor, sabia, fulano era enfermeira sabia disso, o Secretário de Saúde sabia daquilo e era eu que sabia, não. Só que a gente tinha um entendimento dentro de si e a gente foi apreender com a pesquisa, que nós, que eles eram nossos empregados e não nós empregado deles. E, por isso quando a gente paga o empregado, a gente tem o direito de exigir aquilo que quer, o trabalho que deve ser feito.

- Eu sempre tava nas lutas por alguma coisa na igreja... né... aqui sempre falta tudo... não tinha luz... água... E a gente na luta... fazendo assinatura, colhendo abaixo-assinado, colhendo assinatura, depois que eu cheguei aqui eu nunca me afastei da luta, sempre por alguma coisa eu tava lutando... Foi quando a gente veio a descobrir que o imposto que a gente pagava... por esse imposto a gente tinha o direito da luta por isso tudo... até aí, a gente pensava que ia no posto, era dado, ia no INPS, era grátis... Então é uma coisa que a gente não sabia e através deles foi que nós tendo essa lição de entender que a gente temos direito de tudo isso, por causa dos impostos que a gente paga, né?

ANEXO 2

R O T E I R O S

ANEXO 1 - FORMULÁRIO

APRESENTAÇÃO

Contar para as famílias entrevistadas:

- Quem somos.
- Por que estamos aqui.
- O que queremos fazer depois disso

APRESENTAÇÃO:

Sou moradora de Itapecerica da Serra, do Bairro _____, sou dona da casa, tenho _____ filhos, faço parte do Clube de Mães, do Grupo de Saúde, da Luta pela Melhoria das Condições de Saúde.

Participei dos Encontros de Mulheres de Itapecerica da Serra e decidimos fazer uma Pesquisa de Saúde, para ter mais argumentos de nossas reivindicações.

Para saber melhor como anda a saúde aqui, e para saber quanto ainda a gente tem que participar e lutar para melhorar a saúde.

1. PERGUNTAS SOBRE SAÚDE:

1) VOCÊ ACHA QUE AS PESSOAS DESTA BAIRRO TEM SAÚDE?

- POR QUE?

2) O QUE VOCÊ ACHA QUE AS PESSOAS PRECISAM PARA TER SAÚDE?

3) O QUE EXISTE DE SERVIÇO DE SAÚDE NO SEU BAIRRO?

- COMO É O NOME?

- VOCÊ USA ESSES SERVIÇOS?

- QUAIS DELES?

POR QUE (PARA QUE)?

4) EM QUE CASOS VAI AO CENTRO OU POSTO DE SAÚDE?

5) O QUE VOCÊ ACHA QUE DEVE MUDAR NESSES SERVIÇOS?

6) ALÉM DOS SERVIÇOS DE SAÚDE QUE EXISTEM, QUE OUTROS SERVIÇOS SERIAM NECESSÁRIOS NESTA REGIÃO?

7) VOCÊ SABE DA LUTA PELA CONSTRUÇÃO DO HOSPITAL PÚBLICO?

- SABE QUE ELE DEVERÁ SER CONSTRUÍDO? _____

8) O QUE VOCÊ ESPERA DESTES HOSPITAL PÚBLICO(DO GOVERNO)?

9) COMO VOCÊ ACHA QUE A POPULAÇÃO PODERIA DAR OPINIÃO NO FUNCIONAMENTO DO HOSPITAL?

-DE QUE JEITO A POPULAÇÃO PODE DAR OPINIÃO? _____

10) COMO É QUE ANDA A SITUAÇÃO DO LIXO, DOS RATOS, DA ÁGUA E DO ESGOTO NESTE BAIRRO?

11) QUEM É O RESPONSÁVEL POR ISTO?

-POR QUE? _____

12) ALÉM DO QUE CONVERSAMOS, QUE OUTRAS COISAS QUE ACONTECEM AQUI PODEM PREJUDICAR A VIDA E A SAÚDE DAS PESSOAS?

2. PERGUNTAS SOBRE A MORADIA:

1) LOCAL?

- ☐ Favela
- ☐ Cortiço
- ☐ Unifamiliar

2) CASA? TERRENO?

- ☐ Própria ☐ Próprio
- ☐ Alugada ☐ Próprio, pagando prestação
- ☐ Cedida ☐ Cedido

- SE PAGA PRESTAÇÃO DA CASA/TERRENO, QUANTO? _____

3) CASA? TERRENO?

- ☐ Alvenaria com revestimento ☐ Plano
- ☐ Alvenaria sem revestimento ☐ Em declive
- ☐ Madeira
- ☐ Material aproveitado

4) NÚMERO DE CÔMODOS?

- ☐ Sala
- ☐ Quarto
- ☐ Cozinha
- ☐ Outras

5) BANHEIRO? ÁGUA ESGOTO PÚBLICO?

- ☐ Dentro ☐ Encanada ☐ Fossa seca
- ☐ Fora ☐ Poço ☐ Fossa negra
- ☐ Não tem ☐ Fossa séptica
- ☐ Não tem

- O QUE FAZ? _____

TIPO DE USO?

- ☐ Unifamiliar
- ☐ Coletivo

- OBSERVAÇÕES:

3. PERGUNTAS SOBRE A FAMÍLIA:

Nº	NOME	SEXO	PARENTESCO	IDADE	NASCIMENTO	ESTUDA	ESTUDO	SITUAÇÃO DE TRABALHO		O QUE FAZ	GANHA
								LOCAL DE	GRAU DE QUANTO		
01											
02											
03											
04											
05											
06											
07											
08											
09											
10											
11											
12											
13											
14											

OBSERVAÇÕES: _____

A N E X O 2

ROTEIROS PARA ENTREVISTAS

1. ENTREVISTA COM CHEFIAS BUROCRÁTICAS E TÉCNICOS DO SETOR SAÚDE

a) ENTREVISTA:

CARGO: _____

TEMPO DE CARGO: _____

TEMPO DE TRABALHO EM ITAPECERICA DA SERRA: _____

b) ROTEIRO:

- CONHECIMENTO DOS MOVIMENTOS SOCIAIS e/ou ASSOCIAÇÕES DA COMUNIDADE EM ITAPECERICA DA SERRA E EM OUTROS LOCAIS.
- AVALIAÇÃO DESSES MOVIMENTOS:
 - . DO PONTO DE VISTA DO SETOR SAÚDE
 - . DO PONTO DE VISTA POLÍTICO.
- CONHECIMENTO DE PESQUISA PARTICIPANTE DO PARQUE PARAÍSO.
- AVALIAÇÃO DA EXPERIÊNCIA:
 - . PROCESSO.
 - . RESULTADOS
- O QUE ESPERAVA DESTA EXPERIÊNCIA.

2. ENTREVISTA COM PARTICIPANTES DA PESQUISA DO PARQUE PARAÍSO.

a) ENTREVISTA:

- PORQUE PARTICIPOU.
- RESUMO DA PESQUISA.
 - . COMO FOI FEITA.
 - . DIFICULDADES.
 - . CONTRIBUIÇÃO.
 - . O QUE ESPERAVA.
 - . O QUE FICOU FALTANDO.

b) ROTEIRO:

- DEPOIMENTOS (COTIDIANO FAMILIAR, PROFISSIONAL E SOCIAL - 1980 A 1990)
- REPRESENTAÇÕES SOBRE:
 - . SAÚDE.
 - . POLÍTICA.
 - . FAMÍLIA.
 - . AUTO-IMAGEM.

3. ENTREVISTA COM LIDERANÇAS DO MOVIMENTO DE SAÚDE DA ZONA SUL DE SÃO PAULO.

a) ENTREVISTA:

- OBJETIVOS.
- ORGANIZAÇÃO
- AÇÕES

b) ROTEIRO:

- CONHECIMENTO.
- CONTRIBUIÇÕES.
- CRÍTICAS.
- POSSIBILIDADE DE UTILIZAÇÃO DA EXPERIÊNCIA.

A N E X O 3

ROTEIRO PARA PESQUISA MAIS APROFUNDADA

PESQUISA MAIS APROFUNDADA

1. CONTE A SUA HISTÓRIA E A DE SUA FAMÍLIA.
2. COMO A FAMÍLIA VEIO MORAR AQUI.
4. COMO FOI A HISTÓRIA DESTA CASA.
5. O QUE A FAMÍLIA ESPERA DO FUTURO.

ANEXO 3

Itapecerica da Serra

O município de Itapecerica da Serra localiza-se na região sudoeste da Grande São Paulo, na zona fisiográfica de Paranapiacaba, apresentando uma área de 328 Km², e uma taxa de densidade demográfica de 283,09 habitantes/Km². A sede municipal apresenta as seguintes coordenadas geográficas: 23°43' de latitude sul e 46°51' de longitude W.Gr, distando 29 Km em linha reta da capital e apresentando uma altitude de 920 m. O clima do município é definido como temperado com inverno menos seco.

As origens de Itapecerica remontam a um aldeamento de índios catequizado por padres jesuítas, no século XVI, e com a agregação à população local de indígenas da aldeia de Carapicuíba. A tradução de seu nome em português significaria Pedra Escorregadia numa provável relação com o terreno onde se localiza.

No início do século XIX a região recebeu imigrantes alemães cuja vinda foi financiada pelo governo brasileiro. Na segunda metade do século, o distrito de Itapecerica - que pertencia ao extenso município de Santo Amaro - havia se desenvolvido do ponto de vista da produção agrícola, populacional e de comunicação visto que era atravessado pela Estrada de Ferro Sorocabana, ramal Mairinque-Santos, justificando-se, assim, sua emancipação política e administrativa. A Lei provincial nº 33, de 08 de maio de 1877 elevou o antigo distrito à categoria de município. Sua atual denominação data de 30/11/44, de acordo com o Decreto Estadual - Lei nº 13.334, o acréscimo "da Serra" é devido à localização do município: 920 m de altitude.

Atualmente Itapecerica da Serra constitui-se como um dos municípios mais populosos da região sudoeste da Grande São Paulo - com cerca de 93 mil habitantes de acordo com os dados preliminares do Censo Demográfico de 1991, enquanto municípios vizinhos apresentam os seguintes dados: Taboão da Serra = 58.738, Embu-Guaçu = 35.592, Cotia = 105.721, Jandira = 62.065, Juquitiba = 19.731, Vargem Grande Paulista = 15.728.(*)

Esta população, em termos etários, caracteriza-se por ser bastante jovem, com baixa participação de grupos etários mais velhos (Secretaria de Transportes

Metropolitano), de acordo com a seguinte tabela:

MUNICÍPIOS	FAIXA ETÁRIA ANOS (%)			
	0 - 9	10 - 19	20 - 59	60 -
Embu	20,8	23,5	52,4	3,3
Embu Guaçu	23,7	21,5	49,4	5,4
Itapecerica da Serra	19,4	22,9	53,0	4,7
Taboão da Serra	19,7	21,4	54,8	4,1

FONTE: - EMPLASA - Sumário de dados da Grande São Paulo.

Ainda que se considere o ingresso precoce no mercado de trabalho, formal e informal das idades mais jovens, essas, somadas, aproximam-se da faixa etária produtiva o que significa uma questão econômica importante pois aponta para uma certa fragilidade na composição da força de trabalho e na própria renda familiar.

Segundo a SEADE a taxa geométrica de Crescimento Anual da População (1980/1991) foi de 3,97% e a taxa de urbanização, em 1991, foi de 97,82%.

No mesmo documento encontram-se os seguintes dados sobre o crescimento da população:

ANO / POPULAÇÃO					
1980	1985	1988	1989	1990	1991
60.072	73.260	82.306	85.523	88.844	92.273

Fonte: Perfil Municipal, 1980-1991, Região Metropolitana de São Paulo, SEADE, São Paulo, 1993.

Apesar da queda de crescimento em relação à década anterior (9.10% - SEADE) Itapequerica da Serra apresenta taxas superiores às encontradas no município de São Paulo**.

Este fato vai ao encontro à trabalhos demográficos recentes sobre aspectos da ruptura nas tendências evolutivas que o Brasil e São Paulo vinham apresentando desde os anos 50, ou seja, uma tendência nos anos 80 à queda nas taxas de crescimento das grandes metrópoles cujas causas podem ser atribuídas a fatores como "estagnação e instabilidade econômica, queda do crescimento, crise do setor externo, endividamento do país"(27) e outros que podem ser anotados sob a expressão já consagrada pela mídia e de uso público: "década perdida".

Do ponto de vista das tendências demográficas e urbanas recentes, Itapequerica da Serra enquadra-se ou exemplifica esse movimento - principalmente, no seu último item que, segundo Draibe(27), pode ser sumariado em:

- manutenção da tendência à urbanização,
- crescimento dos municípios médios;

** Segundo Draibe() a taxa média geométrica de crescimento do município de São Paulo nesse mesmo período foi de 1,86%. Segundo Araujo () a Secretaria Municipal de Planejamento de São Paulo (SEMPA) trabalha com os seguintes índices: 3,67 para década de 80, 2,97% para a de 90 e projeta 1.99% ao ano para o próximo decênio, ou seja, todos os cenários indicam queda do crescimento.

- maior crescimento das periferias das regiões metropolitanas;
- crescimento e metropolização da pobreza.

Sobre a questão da pobreza que hoje coloca-se mais do que nunca como um elemento importante para qualquer tipo de reflexão, pode-se dizer que Itapecerica da Serra não foge a suas características típicas, como mortalidade infantil, condições de moradia, etc.

Dados da Secretaria de Saúde do Estado de São Paulo indicam que, a exemplo do que ocorreu na maioria dos municípios paulistas, em Itapecerica da Serra a mortalidade infantil sofreu uma queda acentuada na última década (de 86,35% em 1981 à 37,15% em 1991).

Essa queda generalizada é explicada por vários autores como devida à extensão de saneamento básico e outros serviços do que a melhorias econômicas e/ou sociais.

Apesar disso o coeficiente de mortalidade infantil ainda pode ser considerado alto quando comparado à mesma taxa para toda a região metropolitana (28,13‰) ou para o Estado de São Paulo (26,51‰) e para a capital (52,10‰) (53) e se aproximam dos índices mais altos da região metropolitana de São Paulo, 30,90‰ - Santo Amaro e 44,58‰ Capela do Socorro. Em relação a outros municípios próximos seu coeficiente situa-se entre os mais altos: Embu-Guaçu: 32,01‰; Taboão da Serra 32,11‰ (53). Vale lembrar ainda que a taxa de mortalidade infantil em países desenvolvidos não atinge dois dígitos.

Esses dados atestam disparidades e desigualdades da sociedade como um todo e, principalmente, do processo de urbanização no Brasil que se "caracteriza pela definição de um padrão urbano desigual, fundado na expansão de bairros periféricos que incorporam à mancha urbana áreas sem as mínimas condições de infra-estrutura básica (53).

No que diz respeito às taxas de natimortalidade registra-se uma certa instabilidade na trajetória de queda do coeficiente que em 1984 apresentava-se em torno de 18,12‰, em 86 5,51‰ tendo subido, em 1990 para 19,75‰. Esse índice é significativo para esse trabalho visto estar relacionado às condições de atendimento em saúde: número e qualidade dos serviços de saúde, o que vai ao encontro da reivindicação por serviços e hospitais públicos dos moradores e movimentos sociais da região. Segundo dados da

Secretaria de Transportes Metropolitanos (53) a Organização Mundial de Saúde aponta o número de quatro leitos por mil habitantes como o número ideal de oferta hospitalar. Esse número não é alcançado nem pelo Estado de São Paulo nem pela região metropolitana de São Paulo, mas os municípios da região apresentam as piores situações: Carapicuíba: 0,47‰ e Taboão da Serra: 0,34‰, respectivamente.

Em função do aumento populacional da região o número de domicílios vem aumentando constantemente, chegando quase a dobrar entre 1980 e 1991 (51). Além do predomínio da modalidade de auto-construção notoriamente reconhecida como precária ou insatisfatória, no município existem 05 favelas que abrigam cerca de 4% da população.

Mais uma vez pode-se dizer que Itapecerica da Serra não destoa do cenário da região metropolitana de São Paulo nem da área sudoeste: "...o perfil habitacional nos mostra uma região onde o número de barracos e cortiços é proporcionalmente maior do que o da região metropolitana de São Paulo (que tem hoje 10,90% das moradias em barracos e favelas). O número de favelas da área representa praticamente metade daquele existente no município de São Paulo e 37,2% da população (da área onde se instala Itapecerica da Serra) habita condições inadequadas... "geralmente" ... relacionados com infra-estrutura precária - 40% das moradias precárias não possuem esgoto e 35% delas estão em ruas sem pavimentação... 43,7% estão em terrenos cedidos, emprestados ou invadidos..." (53).

Outras pesquisas e documentos oficiais consultados reforçam a imagem/cenário de pobreza da região: de acordo com a Pesquisa da Condição de Vida, a área composta por bairros da região sul de São Paulo e municípios periféricos vizinhos - como Itapecerica da Serra - apresenta graus de analfabetismo da população de 10 anos e mais, superior às médias de outras localidades e da própria região metropolitana de São Paulo (52). De acordo com o SEADE essa região apresenta uma taxa de evasão escolar de 9,12% para o primeiro grau e 23,23% para o segundo grau, enquanto que em Itapecerica da Serra essa taxa alcança valores superiores como 11,14% e 26,65% respectivamente.

Sobre a distribuição de renda na região, a Secretaria de Transportes Metropolitanos (53) afirma que esta seria uma das mais graves: "de um lado mais famílias - 21,34% tem rendimento per capita de até um salário mínimo, enquanto que na região metropolitana de São Paulo esse percentual é de 15,32%. De outro, também é menor o percentual de famílias "ricas" ou seja, as que recebem acima de cinco salários mínimos per

capita: 9,73% contra 16,72% na região metropolitana de São Paulo, metade das famílias da região - 48,80% do total - tem rendimento médio per capita de até dois salários mínimos, enquanto que na região metropolitana de São Paulo, esse percentual é de 38,94%... essa situação retrata uma maioria de famílias que, segundo corte de linhas da pobreza, é constituída principalmente por pobres..."*

De acordo com as linhas gerais do processo de urbanização brasileiro, a expansão das regiões metropolitanas apresenta uma série de disparidade regionais ligadas às dificuldades urbanas e sociais pré-existentes ao processo e, constantes ou em expansão, ao longo dessa trajetória. Assim, apesar de a expansão do saneamento básico e da infraestrutura na região metropolitana de São Paulo apresentar a maior evolução em todo o país, e alcançar índices próximos a 100%, alguns municípios como Itapequerica da Serra não apresentam o mesmo patamar: "a taxa de cobertura de água para alguns municípios periféricos da região metropolitana de São Paulo variam em média de 50 a 70% - Embu: 63,6%, Itapequerica da Serra: 53,5%; Taboão da Serra 73,7% (Secretaria de Transportes Metropolitanos)

Em relação ao esgoto sanitário a situação é dramática visto que nesses municípios a disparidade com a região sul da Capital apresenta taxas que vão de 0 a 29%. Em Itapequerica da Serra o índice de cobertura de rede de esgotos é 0,5 (53).

Sobre essa questão, a pesquisa participante do Parque Paraíso coletou dados interessantes que não se chocam com documentos e pesquisas "oficiais" consultadas para essa caracterização do município e, pelo contrário, reforçam ou comprovam esses estudos:

"...a maioria das pessoas entrevistadas no Parque Paraíso, apontou a falta de saneamento básico como o maior problema do bairro. Por causa dessa falta de saneamento: existem muitos ratos, baratas, mosquitos, pernilongos e outros insetos. Os terrenos baldios estão cheios de lixo: o lixeiro não passa regularmente, existem lamas nas ruas devido a falta de pavimentação e muito lixo acumulado, resumindo: a população do Parque Paraíso acha que a situação está péssima, uma verdadeira calamidade...como vamos ter saúde se em

* O corte de linha da pobreza adotado pela Secretaria de Transportes Metropolitanos baseia-se em critérios - Banco Interamericano de Desenvolvimento para o Brasil - 92,71 dólares mensais "per capita" e outros estudos sobre pobreza, como o desenvolvido por Lopes, I.B.: Brasil - um estudo sócio-econômico da indigência e da pobreza urbanas".

nosso bairro o esgoto está correndo a céu aberto?" (45)

Para uma descrição de Itapecerica da Serra é necessário tecer algumas considerações sobre o sistema de transporte. De acordo com a Secretaria de Transportes Metropolitanos(53), o sistema viário da região é bastante rarefeito visto tratar-se de uma área de ocupação recente com bastante presença dos antigos caminhos rurais das estradas de M'Boi Mirim e de Itapecerica da Serra exercendo a função de vias estruturais da região. A Secretaria de Transportes Metropolitanos aponta, ainda, para a falta de vias arteriais que continuem as vias principais ou secundárias e o relevo acidentado que dificulta as ligações transversais às radiais. "Essa situação conduz a uma excessiva concentração de fluxo local e da passagem nas estradas de M'Boi Mirim e Itapecerica... problematizando a viagem com relação ao tempo e condição de conforto e segurança"(53). De maneira resumida e mais clara, a população do Parque Paraíso, entrevistada pela pesquisa participante define a questão dos transportes: "O transporte coletivo em Itapecerica não é suficiente para a população. Além da super lotação, as pessoas enfrentam filas, ficam irritadas e assim podem vir a ter problemas de saúde"(45). Vale lembrar ainda que a proporção de acidentes de trânsito na região apresenta índices bastante elevados.

Em relação às mortes por causas externas, pesquisas recentes apontam a região onde se localiza Itapecerica da Serra como uma das mais violentas da cidade, registrando, segundo a Folha de São Paulo (32), um homicídio a cada dois dias: em maio de 1994 foram registrados 15 assassinatos. Segundo a polícia, os crimes são praticados por quadrilhas rivais e por "matadores" pagos por comerciantes. Essa situação de violência foi bastante comentada em entrevistas e depoimentos, ao longo do trabalho de campo, por integrantes da Pesquisa Participante do Parque Paraíso: "Em Itapecerica da Serra a vida humana custa barato, por 200 Cruzados se mata um homem".

Esse descaso pela vida não se restringe às relações sociais violentas, aos problemas de criminalidade, de violência urbana, mas encontra um paralelo no descaso oficial pela rede de atendimento à saúde.

Segundo a Secretaria de Transportes Metropolitanos(53) o número de leitos hospitalares oferecidos na região demonstra total precariedade (menos de um por mil habitantes) visto que encontra-se muito abaixo do número preconizado pela Organização Mundial de Saúde e muito distante das taxas para a região metropolitana como um todo. De acordo com Vieira (63) o Escritório Regional de Saúde - 12, que abrange Itaipicérica da Serra e outros municípios próximos, conta com uma rede de serviços constituído por um ambulatório de Saúde Mental e pelo Laboratório Regional do Instituto Adolfo Lutz e presta assessoria e coordena as atividades das UBS de saúde da região que em Itaipicérica da Serra em 1988 eram em número de sete.

Sobre esse equipamentos a população entrevistada pela pesquisa participante em 1987, atribue a falta de saúde do bairro à má qualidade da assistência desses serviços:

"os postos de saúde estão sempre cheios, faltam médicos, remédios... o pronto socorro não é muito diferente... os postos de saúde que existem nos bairros são tão mal equipados que quando acontece alguma coisa, um acidente, a pessoa não pode ser atendida, aqui não tem profissionais nem equipamentos para atender um doente"(45).